INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Pode um livro emancipar uma mulher? Feminismo, identidade e afeto nos clubes Leia Mulheres Lisboa e Heróides

Ana Mateus

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:
Doutora Maria João Vaz, Professora Associada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2025

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Pode um livro emancipar uma mulher? Feminismo, identidade e afeto nos clubes Leia Mulheres Lisboa e Heróides

Ana Mateus

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:
Doutora Maria João Vaz, Professora Associada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2025

Agradecimentos

A concretização desta dissertação não teria sido possível sem o apoio, a orientação e a generosidade de várias pessoas, a quem deixo a minha mais sincera gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à professora Maria João Vaz, pelo rigor intelectual, pela orientação crítica e pela confiança no valor desta investigação. O seu acompanhamento atento e incentivo foram fundamentais em todas as etapas do percurso.

A Déa Paulino e a Sara Barros Leitão, deixo um profundo e especial agradecimento: por terem aberto sem hesitações as portas do Leia Mulheres Lx e do Heróides e pelo acolhimento generoso e entusiástico deste estudo. A abertura que demonstraram, a disponibilidade para partilhar experiências e o cuidado com cada pormenor foram imprescindíveis para a evolução do trabalho. Sem o seu contributo, simplesmente não teria sido possível.

Quero também agradecer a todas as pessoas que participaram neste estudo, tanto através do preenchimento do inquérito como em entrevistas. Mulheres e homens que contribuíram com experiências e reflexões, enriquecendo de forma significativa a investigação. A disponibilidade e a afetuosidade para a partilha de vivências permitiram elaborar um retrato mais plural dos clubes de leitura estudados.

A todos os colegas e amigos que contribuíram com sugestões, leituras atentas e revisões cuidadosas, o meu sincero reconhecimento. Cada comentário, cada pergunta, cada crítica construtiva ajudaram a amadurecer as ideias aqui apresentadas.

Este projeto foi também uma jornada pessoal. Por meio dos testemunhos que ouvi, aprofundei a minha compreensão sobre o poder transformador da leitura e sobre a forma como o género atravessa não só o que lemos, como também os espaços em que lemos e com quem lemos. Levo comigo dados e análises na mesma medida em que levo narrativas pessoais e interrogações que continuarão a alimentar o meu compromisso com o tema.

A pergunta de partida formulada inicialmente, e que determinou a investigação — *Pode um livro salvar uma mulher?* — foi razoavelmente clara para mim desde o início, embora amadurecida posteriormente. Assim, por fim e sempre, agradeço ao Salvador e à Maria Luísa, que, sem saberem, tantas vezes me salvaram.

Resumo

Há muito se reconhece que a leitura ocupa um lugar central como competência-chave determinante do desenvolvimento pessoal, profissional, social, cultural e político — leitores regulares são, por norma, cidadãos mais capacitados para tomar decisões em várias esferas das suas vidas. Melhorar a competência leitora contribui para a coesão social ao promover o entendimento intercultural e reduzir as desigualdades no acesso ao conhecimento. Uma população com melhores capacidades leitoras é essencial para a inovação e o crescimento económico. Leitores bem informados estão mais aptos a participar ativamente da vida cívica e política, fortalecendo a democracia com a robustez da sua participação.

Assim, no atual contexto sociopolítico adverso às mulheres, que papel desempenham os clubes de leitura feministas? O que leva uma mulher a frequentar um clube de leitura feminista? Procura participar de uma forma de vida social? Que expectativas tem? Acima de tudo, que experiência transformadora emerge da leitura compartilhada?

Este estudo tem como objetivos observar as práticas de leitura partilhada em sessões de dois clubes de leitura feministas, compreender a importância do clube para as pessoas participantes e, sobretudo, averiguar as suas motivações e as expectativas. A partir da observação dos clubes de leitura Heróides e Leia Mulheres Lisboa, reflete-se sobre a sua relação com o ciberfeminismo e sobre o conhecimento emancipatório que as leituras em grupo geram em cada participante.

Palavras-chave: clubes de leitura; feminismo; mulher; emancipação

Abstract

Reading has long been recognised as a key competency central to personal, professional, social, cultural, and political development — consistent readers are generally better prepared to make informed decisions across various spheres of their lives. Enhancing reading literacy contributes to social cohesion by promoting intercultural understanding and reducing inequalities in access to knowledge. A population with stronger reading skills is essential for innovation and economic growth. Well-informed readers are more capable of actively participating in civic and political life, thereby strengthening democracy through the robustness of their engagement.

In this context and within the current sociopolitical context that remains adverse to women, what role do feminist book clubs play? What motivates a woman to join a feminist book club? Is she seeking to take part in a form of social life? What expectations does she bring? And above all, what kind of transformative experience emerges from shared reading?

This study aims to observe shared reading practices in sessions of two feminist book clubs, to understand the importance of the club for its members, and above all, to explore their motivations and expectations. Based on the observation of the Heróides and Leia Mulheres Lisboa books clubs, the study reflects on their connection to cyberfeminism and on the emancipatory knowledge that group reading generates for each participant.

Keywords: book clubs; feminism; women; empowerment

Ao Salvador e

à Maria Luísa

Índice

Agradecimentos iii

Resumo iv

Abstract v

Abreviaturas 1

INTRODUÇÃO 3

Capítulo 1. CLUBES DE LEITURA E CAPACITAÇÃO FEMININA 3

1.1 Questões de investigação e objetivos 9

1.2 Fundamentos e motivações da investigação 11

1.2.1. Delimitação do objeto de estudo 12

1.3 Abordagem metodológica 12

1.4 Revisão da literatura 17

Capítulo 2. CLUBE DE LEITURA FEMINISTA 27

2.1 Definição, contexto e perspetivas 27

2.2 Clubes de leitura feministas: o ativismo potenciado no ciberespaço 30

2.3 LeiaMulheres Lisboa e Heróides: casos de estudo 36

2.3.1 Seleção das obras e dinâmica das sessões 40

Capítulo 3. A TRANSLEITURA COMO PRÁTICA HERMENÊUTICA COLETIVA 51

3.1 Transleitura: leitura(s) além do texto 51

3.2 A leitura como prática libertadora 57

3.3 Leitura partilhada e construção de comunidades solidárias 60

Capítulo 4. DO HÁBITO À RESISTÊNCIA:

RETRATO QUALITATIVO E QUANTITATIVO DA LEITURA POR CONVICÇÃO 63

4.1 Narrativas femininas e experiências leitoras: uma análise qualitativa 63

4.2 Padrões de participação: uma análise quantitativa 71

4.2.1 Género, faixa etária, nível de escolaridade e área geográfica de residência 71

4.2.2 Hábitos, motivos e motivações 76

4.2.3 Preferências, assiduidade e envolvimento 84

4.2.4 Níveis de satisfação 88
4.2.5 Feminismo e participação 90
4.2.6 Entre dados e práticas: o que relaciona a experiência leitora 93

CONCLUSÕES 99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 105
ANEXOS 113

ABREVIATURAS

LM – Leia Mulheres

LM Lx – Leia Mulheres Lisboa

CL – clube(s) de leitura

CLF – clube(s) de leitura feministas

ONU – Organização das Nações Unidas

Introdução

De acordo com dados da Amnistia Internacional, pelo menos uma em cada três mulheres em todo o mundo já sofreu ou irá sofrer alguma forma de violência ou abuso ao longo da sua vida: «As mulheres enfrentam diariamente discriminação, segregação e violência. Desigualdade de género está subjacente a muitos problemas que afetam desproporcionalmente as mulheres e as meninas, como a violência de género, sexual ou doméstica, a restrição da liberdade de expressão ou de circulação, e a discriminação na participação no poder político.»[1]

Sabemos que as mulheres são reiteradamente excluídas do processo democrático. Por todo o mundo, assistimos a retrocessos civilizacionais que reduzem, e aniquilam, a dignidade da mulher. Retomam-se conceitos como «estatuto de dona de casa», recuperam-se leis restritivas à IVG e a convicção de que existe uma tendência natural das mulheres e que esta é desempenhar determinadas funções sociais, que só elas são capazes de cumprir.

Em abril de 2024, foi publicado o relatório da UNFPA[2], a agência das Nações Unidas para a saúde sexual e reprodutiva das mulheres, que reforça várias conclusões:

- o racismo, o sexismo e outras formas de discriminação continuam a desempenhar um papel na limitação de ganhos maiores em matéria de saúde sexual e reprodutiva para as mulheres meninas;

- pessoas com expressões de género distintas das binárias enfrentam uma violência crescente e profundas barreiras aos cuidados de saúde;

- as meninas continuam a enfrentar barreiras significativas para frequentar a escola. Estas barreiras revestem-se de normas culturais que priorizam a educação dos meninos, o casamento infantil e a gravidez precoce, além de responsabilidades domésticas que limitam o tempo que as meninas podem dedicar aos estudos;

- as meninas e as mulheres são mais vulneráveis à pobreza extrema e às crises humanitárias;

- a falta de acesso à educação tem consequências indeléveis para as mulheres — têm menos oportunidades de emprego, menor acesso a informações sobre saúde e direitos reprodutivos, e são menos capazes de participar plenamente na vida social e política.

- o relatório enfatiza a importância de iniciativas que promovam a educação e a leitura para mulheres como forma de as capacitar. Programas que visam melhorar a alfabetização e fornecer acesso a materiais de leitura são fundamentais para interromper o ciclo de pobreza e desigualdade.

[1] Proteja as Mulheres em Redor do Mundo. Ofereça Liberdade, Justiça e Paz – 20 de dezembro de 2023. Consultado em www.amnistia.pt/direitos-das-mulheres. 20 de abril de 2025, 17h.

[2] «Relatório UNFPA – Situação da População Mundial 2024. Genebra, 17 de abril de 2024», consultável em: https://popdesenvolvimento.org/swop2024.html. 20 de abril de 2025, 18h.

A principal e mais determinante conclusão é a de que a autonomia das mulheres sobre o próprio corpo está a diminuir. Ao analisar alguns órgãos de comunicação nacionais e internacionais, assistimos a revanchismo cultural galopante, reativo face ao indiscutível progresso do papel social da mulher nas últimas décadas.

Nos Estados Unidos da América, a revogação do precedente Roe *vs*. Wade, em 2022, abriu caminho a uma onda de leis estaduais que restringiam severamente a interrupção voluntária da gravidez. Em 14 estados americanos, o aborto foi praticamente banido (com exceções mínimas) e outros 12 mantiveram restrições duras[3]. Além disso, alguns estados tomaram medidas extremas, inspirando grupos antiaborto em outras partes do mundo.

Em 4 de setembro de 2024, o *Guardian* noticiava que o índice global de igualdade de género revelava que nenhum país alcançara plena igualdade e que, entre 2019 e 2022, cerca de 40% dos países haviam estagnado ou regredido relativamente aos direitos das mulheres. Mais de 850 milhões de mulheres e meninas viviam, à data desta publicação, em países classificados como «muito pobres» em igualdade, sujeitas a gravidez forçada, casamento infantil e interdição à educação formal[4]. Em 25 de novembro, também no *Guardian*[5], foi publicada uma reportagem sobre o alarmante panorama da violência de género letal. Recuperando estatísticas da ONU referentes a 2023, informava que 85 mil mulheres e meninas tinham sido assassinadas intencionalmente em todo o mundo e que cerca de 60% (mais de 50 mil) o tinham sido por parceiros ou familiares próximos, destacando ainda que esses números seriam provavelmente subestimados, devido à classificação incorreta de muitos crimes. Os dados evidenciam um retrocesso chocante na segurança das mulheres em âmbito doméstico.

Em 15 de julho do mesmo ano, na Gâmbia, os conservadores no Parlamento tentaram aprovar uma lei para revogar a proibição da mutilação genital feminina, vigente no país desde 2015, o que representaria um enorme retrocesso nos direitos das mulheres. Após meses de pressão de grupos de

---

[3]The US war on reproductive rights should concern women everywhere - 22 de março de 2024. Consultado emhttps://www.aljazeera.com/opinions/2024/3/22/the-us-war-on-reproductive-rights-should-concern-women-everywhere#:~:text=that%20gave%20women%20the%20constitutional,the%20pregnancy%20is%20%E2%80%9Cmedically%20futile%E2%80%9D, 20 de junho de 2025, 10h.

[4] Gender equality stalling or going backwards for 1bn women and girls - 5 de setembro de 2024. Consultado em https://www.theguardian.com/global-development/article/2024/sep/04/gender-equality-stalling-or-going-backwards-for-1bn-women-and-girls#:~:text=Between%202019%20and%202022%2C%20nearly,or%20declined%20on%20gender%20equality, consultado em 20 de Junho, 12h.

[5] Home is the most dangerous place for women, says global femicide report – 25 de novembro de 2025. Consultado em https://www.theguardian.com/global-development/2024/nov/25/home-is-the-most-dangerous-place-for-women-to-be-global-un-femicide-report#:~:text=The%20report%20by%20UN%20Women,at%20the%20hands%20of%20men, consultado em 21 de Junho, 9h.

direitos humanos e protestos públicos, o projeto foi rejeitado.[6] A decisão foi saudada pela ONU e pelos ativistas, mas o episódio acendeu o alerta sobre a fragilidade dos progressos: até conquistas legais importantes podem ser ameaçadas por iniciativas contrárias aos direitos das mulheres.

Em 7 de março de 2025, o jornal *El País* destacava os retrocessos universais a que as mulheres estão sujeitas. Com base em dados da ONU, e celebrando 30 anos da Conferência de Pequim — momento seminal para a garantia da dignidade feminina —, apontava que, em 2024, havia retrocessos em 1 de cada 4 países[7], com taxas alarmantes de, nomeadamente, agressões sexuais em conflitos armados (com um aumento de 50% desde 2022).

Mais recentemente, em 29 de outubro de 2024, a cobertura noticiosa da guerra civil no Sudão evidenciava um aumento aterrador da violência sexual contra mulheres[8]. Mulheres e meninas são sequestradas diariamente para escravidão sexual por milícias. Conforme afirma o relatório independente da ONU, não há lugar seguro para as mulheres no país.

A erosão de políticas de igualdade de género e as regressões que ameaçam a autonomia e os direitos fundamentais das mulheres não são fenómenos isolados — inscrevem-se num movimento global amplo que inclui o fortalecimento de regimes autoritários, a feminização da pobreza e a ascensão de políticas neoconservadoras em relação ao género, muitas vezes justificadas com apelo a tradições culturais ou religiosas.

Em Portugal, os dados oficiais acompanham este retrocesso[9]. Em fevereiro de 2025, o *Expresso* reportava que, em 2024, tinham sido sinalizados, nos serviços de saúde portugueses, 254 casos de mulheres vítimas de mutilação genital feminina, o valor mais alto desde 2015. Mais de 70% das vítimas tinham até nove anos. Segundo o mesmo jornal, o Observatório das Mulheres Assassinadas da UMAR contabilizara 25 mulheres assassinadas em Portugal entre 1 de janeiro e 15 de novembro de 2024. A maioria dos crimes havia sido femicídio, tendo ocorrido em contextos de violência doméstica, sexual ou familiar[10].

---

[6] Gambia parliament rejects bill to end ban on female genital mutilation – 15 de julho de 2024. Consultado em https://www.reuters.com/world/africa/gambia-parliament-rejects-bill-unban-female-genital-mutilation-speaker-says-2024-07-15/#:~:text=,the%20statement%20said, 21 de junho de 2024, 12h

[7] Más violencia, desigualdad y un puñado de avances: 30 años de lucha feminista en la ONU – 7 de março de 2025. Consultado emhttps://elpais.com/sociedad/2025-03-07/mas-violencia-desigualdad-y-un-punado-de-avances-30-anos-de, 21 de junho de 2024, 12h

[8] ConflictcdemnsSudan to hugedisplacement, rampant sexual violence: UN – 29 de outubro de 2024. Consultado emhttps://www.aljazeera.com/news/2024/10/29/conflict-condemns-sudan-to-huge-displacement-rampant-sexual-violenceun#:~:text=Outlining%20how%20women%20and%20girls,%E2%80%9D, 23 de junho de 2025, 10h.

[9] Mutilação genital feminina aumenta há cinco anos: em 70% dos casos, as vítimas têm até nove anos – 6 de fevereiro de 2025. Consultado em https://expresso.pt/sociedade/saude/2025-02-06-mutilacao-genital-feminina-aumenta-ha-cinco-anos-em-70-dos-casos-as-vitimas-tem-ate-nove-anos-874d2e5d, 23 de junho de 2025, 10h.

[10] De Ilda Rodrigues a Gurpree tKaur: este ano já foram assassinadas 25 mulheres e aqui estão as suas histórias – 20 de novembro de 2024. Consultado em https://expresso.pt/sociedade/2024-11-20-de-ilda-rodrigues-a-

É neste mundo adverso que a capacitação das mulheres através da leitura adquire particular relevância. Os «clubes de leitura promovem a socialização, o pensamento crítico, o autoconhecimento e o conhecimento do mundo. A leitura é o elemento agregador de conversas, discussões e pontos de vista. Nos clubes partilham-se modos de ler, ouvem-se outros leitores e expõem-se argumentos e experiências pessoais»[11].

A leitura partilhada não é uma novidade histórica, mas assume hoje novos contornos. Elizabeth Long (2003) defende que os clubes de leitura são «formas de sociabilidade cultural» que expressam e produzem valores sociais, e destaca o seu papel na construção da identidade de género, particularmente entre mulheres brancas de classe média. Tal como demonstrado por Sedo (2003), a leitura em grupo «permite aos participantes refletir sobre a sua própria posição no mundo e negociar sentidos coletivamente» (Sedo, 2003, p. 67). Estas práticas tornam-se ainda mais significativas quando assumem um posicionamento feminista explícito, ao selecionarem obras de autoras mulheres, ao promoverem uma mediação crítica e interseccional e ao criarem comunidades de apoio mútuo.

Numa primeira abordagem ao universo dos clubes de leituras feministas, poderá emergir a tese de que as mulheres procuram fortalecer o seu capital cultural por meio da frequência do clube. Permitindo-se uma aproximação à obra em discussão, reforçam o seu consumo cultural. Como veremos ao longo dos capítulos 2, 3, 4, esta é uma verdade verificável. Acontece que, em paralelo, ocorre uma produção de sentido silenciosa — e é neste momento de partilha in(audível) que se desenham as relações constelares entre as mulheres, entre as mulheres e o texto que têm perante si. Em grupo, mobilizam-se para debater sobre aquilo que a leitura lhes inspira.

Esta dissertação parte de três hipóteses, alicerçadas na observação de dois casos de estudo, descritas adiante:

a) a de que as mulheres procuram os clubes na sequência de uma dor emocional;

b) a de que os clubes de leitura feministas atuais prosperam por meio de redes sociais, num ambiente digital, inscrevendo-se na recente vaga de ciberfeminismo. Como veremos também no capítulo 2, o ciberfeminismo potencia o movimento por meio de redes digitais, caracterizando-se pela articulação entre os meios digitais e o movimento político, propondo novas formas de resistência e reconfiguração social. Enquanto última vaga do feminismo, o ciberfeminismo promove uma crítica interseccional às estruturas de género, abrindo caminho para a reapropriação crítica dos espaços digitais;

---

gurpreet-kaur-este-ano-ja-foram-assassinadas-25-mulheres-e-aqui-estao-as-suas-historias-e76d67b5, 23 de junho de 2025, 10h

[11] Clubes de leitura PNL: Apresentação geral. Consultado em https://pnl2027.gov.pt/np4/clubesdeleitura_apresentacaogeral.html, 23 de junho de 2025, 10h30

c) a de que ocorre um processo de transleitura em cada sessão – uma relação dialógica entre leitora e texto, entre leitoras, entre leitoras e espaço, entre leitoras e mediadora – uma experiência de leitura transversal entre a comunidade interpretativa, que se desenvolve em cada sessão, mas também ao longo do tempo, reforçando a leitura como prática de emancipação e de capacitação individual, emocional e social.

Assim, e em suma, assumindo que a participação num clube de leitura (CL) encerra a predisposição para a vulnerabilidade — que se exprime na partilha junto de um auditório —, de que forma as mulheres afirmam a sua individualidade, os seus conhecimentos, como adquirem novos conhecimentos em torno de um livro?

Com o propósito de ir ao encontro das questões acima, organizou-se a presente dissertação em quatro capítulos, que, embora autónomos na sua abordagem, se articulam de forma a responder às questões de investigação e sustentar a tese de que os clubes de leitura feministas (CLF) constituem práticas culturais potenciadoras de consciência crítica, identidade coletiva e resistência simbólica.

O Capítulo 1 delimita o objeto de estudo e os seus fundamentos teóricos, aprofundando a questão de partida — *Pode um livro emancipar uma mulher?* — e os objetivos gerais e específicos da investigação. É apresentada uma revisão da literatura sobre práticas de leitura partilhada e feminismo, destacando o papel dos CLF enquanto espaços de socialização cultural, partilha de saberes e construção de subjetividades. O capítulo contextualiza os clubes Leia Mulheres Lisboa e Heróides como objetos de estudo paradigmáticos, inseridos numa rede de práticas culturais feministas contemporâneas. A abordagem metodológica, de natureza mista (qualitativa e quantitativa), é aqui descrita, justificando a seleção dos clubes e as técnicas de recolha de dados utilizadas.

No Capítulo 2, é aprofundado o enquadramento teórico do ciberfeminismo, analisando a emergência de formas de ativismo feminista mediadas pelo formato digital. Debate-se a articulação entre os CLF e as dinâmicas virtuais contemporâneas, sublinhando o papel das redes sociais como dispositivos de ação cultural. Demonstra-se como os espaços digitais contribuem para a mobilização do movimento e dos próprios CLF, como prática individual e como fenómeno de grupo. O capítulo enfatiza o carácter político das práticas leitoras feministas, inserindo-as numa genealogia de resistência e reconfiguração do espaço público.

De seguida, no Capítulo 3, é desenvolvido o conceito de transleitura, entendido como prática hermenêutica coletiva que transcende a leitura individual. Partindo da observação das sessões dos CLF em estudo, analisa-se como a leitura em grupo se constitui como experiência interpretativa situada, emocional e intersubjetiva. Através do diálogo com Gadamer e as teorias feministas contemporâneas, argumenta-se que a transleitura envolve múltiplos horizontes hermenêuticos e implica a mediação ativa de espaços, textos, leitoras e mediadoras. São identificadas quatro dimensões — intercultural,

intermediática, interdiscursiva e espacial — que configuram a leitura como prática libertadora e de transformação pessoal.

Por fim, no Capítulo 4, apresentam-se os resultados empíricos da investigação, aliando a análise qualitativa das entrevistas semidiretivas com a análise quantitativa do inquérito distribuído *online*. Identificam-se padrões de participação, afinidades nas motivações e nas experiências afetivas das pessoas participantes, revelando os CLF como espaços seguros de pertença, introspeção e capacitação feminista. O capítulo final evidencia como a leitura no contexto do CLF se reveste de prática de resistência simbólica e afirmação identitária. Discutem-se, por fim, os limites de representatividade dos clubes, bem como o papel do capital cultural na mediação do acesso a esta prática.

CAPÍTULO 1

CLUBES DE LEITURA E CAPACITAÇÃO FEMININA

1.1 Questões de investigação e objetivos

No contexto de profundas desigualdades estruturais de género e de exclusões simbólicas persistentes na esfera pública, a presente dissertação propõe investigar os CLF como espaços de conhecimento e construção coletiva de saber. Interessa-nos compreender como estes clubes contribuem para uma prática social de leitura que desafia hierarquias tradicionais do universo literário, fomentando concomitantemente movimentos de cidadania cultural no atual contexto político e social, atravessado por formas múltiplas de opressão.

Este tema insere-se numa linha de investigação que reconhece, como sublinhado por Long (2003), o potencial crítico das práticas de leitura coletiva na produção de significados sociais e identitários, nomeadamente quando decorrem em torno de uma agenda feminista.

Os clubes de leitura femininos têm sido espaços de sociabilidade para mulheres, atuando muitas vezes como «espaços seguros», onde podem expressar-se livremente (Sedo, 2004). As pesquisas bibliográficas que concluí sobre clubes de leitura contemporâneos revelam que estes grupos servem de refúgio face às pressões do quotidiano, proporcionando às pessoas participantes liberdade em relação às obrigações e convenções sociais. No contexto atual da chamada quarta vaga do feminismo – marcada pelo ativismo digital e por novas formas de compromisso coletivo – emergem os CLF, que aliam a discussão literária à intervenção social.

Os clubes de leitura contemporâneos têm sido comparados aos círculos de consciência dos anos 1970, oferecendo um ambiente de partilha e apoio mútuo percecionado pelas mulheres como um espaço seguro (*safe space*) para se organizarem individual e coletivamente (Long, 2003). Em suma, os clubes de leitura configuram comunidades interpretativas nas quais a leitura deixa de ser uma atividade solitária e se torna uma experiência social e transacional entre a leitora, o texto e o grupo (Sedo, 2004), uma dinâmica que reforça a identidade individual e simultaneamente reforça a solidariedade do coletivo.

A pergunta de partida que orientou este estudo — Pode um livro emancipar uma mulher? — desdobra-se em questões secundárias, mas igualmente relevantes: Como se articulam, nos clubes de leitura feministas, práticas coletivas de leitura, ativismo político e construção de subjetividades feministas? Que motivações conduzem a clubes de leitura com orientação feminista? Que transformações individuais e coletivas emergem da leitura partilhada? Esta prática de leitura representa uma forma de ativismo cultural e político? Os clubes Leia Mulheres Lisboa e Heróides

inscrevem-se no panorama mais alargado dos movimentos feministas contemporâneos, nomeadamente o ciberfeminismo?

O Leia Mulheres Lisboa e o Heróides constituem o objeto de estudo desta dissertação. Como especificarei mais à frente, justifica-se com a sua relevância no ecossistema feminista literário contemporâneo, tanto pela presença consolidada em redes sociais como pela diversidade intergeracional e geográfica das suas participantes (Rossi, 2022), sendo, no meu entender, casos paradigmáticos que permitem uma análise profunda das articulações entre mediação cultural, ativismo feminista e produção de conhecimento emancipatório por meio da leitura.

Após selecionados os clubes, defini como objetivos gerais compreender de que modo os CLF funcionam como espaços de partilha e de emancipação, analisando as suas práticas e os seus efeitos na capacitação das mulheres participantes; observar e interpretar as práticas de leitura partilhada no LM Lx e no Heróides, considerando as suas formas de organização, interação e mediação; compreender a importância destes clubes na vida das pessoas participantes e nas das mediadoras e fundadoras; compreender as motivações e expectativas das pessoas participantes; e, por fim, analisar a sua relação com o ativismo feminista, em especial no contexto do ciberfeminismo.

Por fim, o presente estudo visa contribuir para o alargamento da literatura sobre práticas leitoras e feminismo, campo ainda relativamente pouco explorado em Portugal, não obstante o crescente número de iniciativas informais protagonizadas por mulheres. Apesar da proliferação destes clubes em contexto *online* e presencial, os CLF em Portugal ainda constituem um campo incipiente de investigação académica, conferindo a este trabalho um carácter atual, mas também desafiante. Se a pesquisa sobre o Leia Mulheres devolve já bibliografia consolidada sobre o tema, nomeadamente sobre a experiência no Brasil, onde tem origem, não se identificaram investigações da mesma natureza em Portugal. Ao observar um caso específico como o clube de leitura feminista Heróides, pretende-se contribuir para a sedimentação do conhecimento sobre o tema, assumindo a desvantagem de um apoio bibliográfico limitado.

Em síntese, a definição da pergunta de partida e dos objetivos orienta todo o percurso do estudo — da revisão da literatura ao desenho da pesquisa e até à análise dos resultados. Para cada objetivo específico procurou-se um conjunto de procedimentos, tendo sido as entrevistas semidiretivas particularmente relevantes para compreender motivações e expectativas das pessoas participantes; já o inquérito revelou-se significativo para caracterizar as variáveis sociodemográficas das pessoas respondentes.

1.2 Fundamentos e motivações da investigação

A presente investigação nasce da confluência entre um interesse pessoal e político pela prática da leitura coletiva e o reconhecimento do seu valor enquanto fenómeno social, cultural e feminista. Num contexto marcado pela polarização ideológica e pelo reforço de discursos atentatórios contra a dignidade da mulher, os CLF surgem como espaços de resistência simbólica. Esta dissertação nasce, portanto, da vontade de compreender a forma como estes clubes se delineiam enquanto práticas culturais de afirmação identitária e de formação política.

A bibliografia recente consultada reforça a atualidade desta escolha temática. Amorim (2024), na sua tese sobre o projeto Leia Mulheres, sustenta que os CLF são acontecimentos que desestabilizam práticas de leitura tradicionais e instituem novas possibilidades de subjetivação e resistência. Também Rossi (2022), ao estudar clubes de leitura ciberfeministas no Brasil, considera que estes espaços materializam a emergência de um novo *ethos* feminista na esfera cultural contemporânea, sendo simultaneamente experiências íntimas e políticas. A leitura torna-se, assim, prática de escuta, de reinvenção de si e de construção coletiva de sentidos (Amorim, 2024).

O interesse por este objeto de estudo está também ancorado numa motivação epistemológica mais ampla: contribuir para a valorização de práticas culturais quotidianas, frequentemente desconsideradas no campo académico por serem associadas ao feminino ou ao «doméstico». Como Long (2003) sublinha, os clubes de leitura femininos são muitas vezes desvalorizados por parecerem centrados numa forma de conversação ligeira, próxima de um convívio sem qualquer consequência, mas essa aparente ligeireza encerra dinâmicas complexas de articulação entre afetos, saberes e convicções políticas. Estudar e observar estas práticas significa, pessoalmente, reconhecer o valor epistemológico da experiência vivida nos clubes e desta forma muito específica de produção de conhecimento.

Do ponto de vista científico, a pesquisa pretende responder a uma lacuna. Apesar do crescimento de CLF em Portugal, não se identificaram estudos específicos sobre CLF criados no país. A investigação é, por isso, simultaneamente motivada por inquietações pessoais — enquanto leitora e potencial participante destes clubes — e por uma motivação de reconhecimento. Procura dar visibilidade a práticas coletivas de leitura que operam como contraespaços culturais e que contribuem para a transformação de afetos e de horizontes sociais. Estudar este universo é, portanto, contribuir para múltiplas formas de resistência e criação de mundos possíveis que as mulheres têm mobilizado por meio de uma obra escrita.

1.2.1 Delimitação do objeto de estudo

Este estudo optou por uma delimitação espacial e temporal, concentrando-se na observação dos clubes LM Lx e o Heróides entre setembro de 2024 e maio de 2025. O recorte temporal permitiu observar a sequência anual de sessões, com diferentes obras debatidas, temas e modos de participação virtual e presencial.

Este trabalho não pretende abranger a totalidade dos CLF existentes em Portugal nem no resto do mundo, nem comparar extensivamente os seus modelos. A escolha metodológica recaiu sobre estes dois casos por motivos específicos. A particularidade do caso Heróides, sem bibliografia associada identificada, e o LM Lx, situado em Portugal, mas com ligações a uma rede internacional, permitiram captar tensões entre local e global, bem como observar a forma como os discursos feministas circulam e se enraízam em contextos socioculturais específicos. Esta delimitação orientou, assim, as opções metodológicas e analíticas do estudo, que se desenvolverão nos capítulos seguintes.

1.3 Abordagem metodológica

A presente dissertação baseia-se numa estratégia metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, com o objetivo de analisar de forma aprofundada a experiência de participação nos clubes de leitura LM Lx e Heróides.

Abordagens complementares permitem obter uma visão mais abrangente dos fenómenos sociais (Creswell, 2009; Bukve, 2019), articulando profundidade analítica com generalização empírica. De acordo com Bryman (2012), o recurso a métodos mistos é particularmente pertinente em estudos que procuram explorar simultaneamente os significados e a extensão de práticas sociais inovadoras, como é o caso dos CLF, cuja emergência nas redes sociais reflete dinâmicas de resistência cultural contemporâneas. Neste universo específico, «a softening in the attitude towards quantitative research among feminist researchers, who had previously been highly resistant to its use» foi tida em conta (Bryman, 2012, p. 649). O desenho de pesquisa foi orientado pela natureza das questões de pesquisa (De Vaus, 2001): neste caso, compreender tanto os caminhos individuais de adesão aos clubes quanto as tendências coletivas que estruturam estes espaços como espaços de intervenção social.

A seleção dos clubes Heróides e LM Lx para o presente estudo baseou-se na sua relevância e visibilidade públicas, em particular nas redes sociais, onde desempenham um papel ativo na dinamização de práticas de leitura feminista e na formação de comunidades de leitura. A seleção destes casos de estudo pretendeu satisfazer a recomendação de privilegiar contextos ou unidades particularmente relevantes para as questões de investigação (Bryman, 2012, pp. 11-12), de modo a maximizar a riqueza e a aplicabilidade dos dados recolhidos.

Os clubes Heróides e Leia Mulheres revelaram-se, neste sentido, exemplos paradigmáticos de práticas de leitura feminista contemporânea em Portugal: em média, as sessões do Heróides contam com 50 participantes nas sessões presenciais e 70 nas sessões virtuais. O LM Lx conta com aproximadamente 22 participantes nos seus encontros. A forte presença de ambos os clubes nas redes sociais — sinalizada pela regularidade das iniciativas divulgadas — indicia uma ampla adesão, como também uma predisposição de moldar práticas culturais emergentes. A especificidade dos locais e dos participantes, dos indivíduos, foi a variável mais relevante (Creswell, 2009, p. 139).

Atendendo à forma como estes casos estão inseridos em contextos sociais mais amplos (Bukve, 2019, p. 63), as redes sociais onde se apresentam constituem um espaço fundamental de mediação social e cultural, sendo, portanto, legítimo e metodologicamente sólido escolher casos que se destaquem nesse campo. O facto de o Heróides e de o Leia Mulheres apresentarem significativa visibilidade digital faz com que as dinâmicas observadas nestes clubes sejam particularmente relevantes para a compreensão das práticas de leitura feminista em Portugal. Em suma, a seleção dos clubes Heróides e LM Lx decorreu da sua relevância empírica, da sua visibilidade social e adequação aos objetivos de investigação, critérios sustentados pela literatura científica consultada.

Para dar prosseguimento ao estudo, comecei por contactar via *email* Déa Paulino — mediadora do LM Lx — e Sara Barros Leitão — mediadora do Heróides —, explicando o tema da dissertação e solicitando a colaboração dos clubes. Ambas aceitaram prontamente abrir as portas das sessões à observação, compreendendo a relevância do estudo e disponibilizando-se para ceder todas as informações necessárias.

Optou-se, então, pela combinação de entrevistas semidiretivas e inquérito por questionário como estratégia metodológica, visando assegurar uma compreensão dos casos de estudo, articulando a profundidade interpretativa das entrevistas com a amplitude descritiva proporcionada pelo inquérito, conforme proposto por Bryman (2012, p. 232) relativamente à investigação com recurso a métodos mistos.

As entrevistas semidiretivas permitiram uma abordagem flexível, uma vez que, respeitando temas previamente definidos, possibilita igualmente a exploração de dimensões emergentes a partir das narrativas das pessoas participantes. Este tipo de entrevista é particularmente adequado para captar as perceções das pessoas entrevistadas, sendo extremamente relevante para compreender a diversidade de experiências num contexto feminista: «Unstructured and semi-structured interviewing have become extremely prominent methods of data gathering within a feminist research framework» (Bryman, 2012, p. 491). A natureza das entrevistas semidiretivas facilita ainda a criação de relações de confiança e horizontalidade entre investigadora e participantes, alinhando-se com princípios da investigação feminista e com o objetivo claro deste estudo — compreender o contributo social, cultural e individual dos CLF.

As entrevistas semidiretivas permitiram ainda alguma padronização sem, contudo, anular a profundidade qualitativa de cada contributo individual. O guião de entrevista semidiretiva (Anexo B) foi estruturado em torno de quatro eixos temáticos: (1) motivações para a participação no clube de leitura feminista; (2) perceções sobre a participação individual no clube na construção identitária pessoal e na consciência feminista; (3) dinâmicas de interação no grupo; e (4) entendimento sobre desafios e oportunidades enfrentados. O guião foi elaborado de forma a garantir a comparabilidade entre entrevistas, sem restringir a possibilidade de explorar dimensões divergentes.

Realizaram-se 13 entrevistas semidiretivas a participantes (11 pessoas de género feminino; 2 pessoas de género masculino) e duas entrevistas semidiretivas às mediadoras dos dois clubes. Seis entrevistas ocorreram presencialmente; as restantes foram realizadas de modo remoto, tendo tido a duração aproximada de 25 minutos. Aplicou-se concomitantemente um inquérito por questionário, distribuído às pessoas participantes de ambos os clubes. Obtiveram-se 87 respostas.

Concretizei ainda uma entrevista semidiretiva a uma participante de um clube informal (não abrangido neste estudo) e a Rosa Azevedo, dinamizadora dos clubes de leitura na livraria Snob, em Lisboa, também não abrangida neste estudo. No caso do LM Lx, o *link* para a resposta ao inquérito foi enviado por mim por WhatsApp aos membros do grupo, com conhecimento prévio da mediadora Déa Paulino. No caso do Heróides, o *link* foi partilhado pela mediadora Sara Barros Leitão durante uma das sessões virtuais, por *chat*, e reforçado por *email*, aquando do envio do *link* para a sessão de 30 de maio.

A seleção das pessoas participantes para a entrevista semidiretiva assentou em critérios de relevância e expressividade observados nas sessões dos clubes. Selecionei interlocutores cujas intervenções revelavam espírito crítico, compromisso político e capacidade reflexiva — características fundamentais para a riqueza interpretativa da análise qualitativa. Seguindo Bryman (2012), esta amostragem intencional respeitou critérios específicos relacionados com as questões de investigação, nomeadamente a participação vocal e o conteúdo crítico das intervenções, características que revelaram maior potencial para produzir dados significativos.

Ainda de acordo com Bryman (2012), num estudo qualitativo, a presença palpável dos participantes nas discussões — a sua capacidade de refletir criticamente sobre os temas e de construir discursos próprios — constitui um indicador de riqueza de informação, essencial para a análise hermenêutica proposta.

Tentando responder à bibliografia percorrida e acima citada, procurei então identificar participantes que, com base na minha observação, manifestassem compreender o problema de investigação e os fenómenos em estudo, o que legitima a escolha de participantes mais ativos e comprometidos como fontes privilegiadas. Portanto, a opção de entrevistar as pessoas mais interventivas nas sessões dos clubes de leitura responde a uma lógica metodológica: garantir

profundidade analítica, diversidade interpretativa e maximizar a validade interna da investigação qualitativa.

Para assegurar o anonimato das pessoas entrevistadas, recorri à codificação alfabética:

Entrevistada A - género feminino, 36 anos
Entrevistada B - género feminino, 73 anos
Entrevistado C - género masculino, 52 anos
Entrevistada D - género feminino, 49 anos
Entrevistada E - género feminino, 41 anos
Entrevistada F - género feminino, 28 anos
Entrevistada G - género feminino, 30 anos
Entrevistada H - género feminino, 31 anos
Entrevistado I - género masculino, 55 anos
Entrevistada J - género feminino, 49 anos
Entrevistada L - género feminino, 69 anos
Entrevistada M - género feminino, 73 anos

O contacto com duas pessoas participantes do Heróides ocorreu por iniciativa minha; os restantes foram facilitados pelo próprio clube.

O inquérito por questionário, com vista a recolher dados de carácter sociodemográfico e para identificar tendências gerais de participação nos clubes, pretendia obter uma análise transversal dos perfis das pessoas participantes. De natureza predominantemente quantitativo, consistiu em 18 questões fechadas relativas a variáveis sociodemográficas (como idade, nível de escolaridade ou nível de rendimentos mensais) e três questões de resposta livre com o objetivo de aferir o género, de avaliar a obra lida no contexto em estudo mais significativa para cada participante e uma eventual relação entre adesão ao clube e uma experiência pessoal de dor emocional. A elaboração do questionário seguiu orientações de clareza e adequação ao público-alvo.

A integração de métodos quantitativos e qualitativos enriquece a compreensão dos fenómenos sociais ao proporcionar tanto a identificação de padrões gerais como a exploração de significados subjetivos (Bryman, 2012): o recurso combinado de questionários e entrevistas (métodos mistos) permitiu revelar camadas mais profundas de significado, identificando tanto padrões mais gerais (via inquérito) como narrativas individuais (via entrevista semidiretiva). Esta combinação metodológica pretendeu assegurar robustez analítica e aprofundamento na interpretação dos resultados, sendo particularmente pertinente num estudo que pretende valorizar a multiplicidade de vozes femininas.

No que se refere aos princípios éticos da investigação, todas as pessoas participantes foram devidamente informadas sobre os objetivos do estudo, tendo sido assegurada a natureza voluntária do seu contributo e a garantia de anonimato. Foi obtido consentimento informado oralmente no início da gravação de cada entrevista.

Além disso, considerei fatores práticos, seguindo as recomendações de Bryman (2012, p. 666), sobre a importância de criar um ambiente que favoreça a abertura nas respostas, como a facilidade de agendamento de entrevistas de forma remota, assegurando o conforto da pessoa entrevistada. Tendo em conta a dispersão geográfica das pessoas respondentes, sobretudo no caso do Heróides, as entrevistas de modo remoto revelaram-se particularmente úteis.

A observação dos encontros presenciais foi acordada com Sara Barros Leitão e com Déa Paulino. O *link* para a observação das sessões virtuais do Heróides foi disponibilizado pelo clube após a inscrição no seu *site*. As inscrições para as sessões virtuais abrem no dia 1 de cada mês. O Leia Mulheres, atualmente e desde que dei início à observação, só realiza sessões presenciais, não exigindo inscrição prévia.

A recolha de dados empírica teve início, então, na apreciação da dinâmica dos encontros, dos diálogos informais e descontraídos entre participantes, das conversas paralelas, e da forma como as mediadoras dinamizam as discussões. Para este efeito, preenchi, após cada sessão, uma ficha de observação (Anexo A), que se revelou essencial para recuperar retrospetivamente momentos-chave dos encontros.

As sessões presenciais do Leia Mulheres Lx são precedidas de um almoço-convívio no Botequim, no Largo da Graça, em Lisboa, em que estive presente várias vezes, cumprindo um ponto destacado por Creswell (2009, p. 178) e reforçando a minha observação participante: «Spend prolonged time in the field. In this way, the researcher develops an in-depth understanding of the phenomenon under study and can convey detail about the site and the people that lends credibility to the narrative account. The more experience that a researcher has with participants in their actual setting, the more accurate or valid will be the findings.»

Nestes almoços, foi possível estabelecer um contacto mais próximo com Déa Paulino e com os participantes, o que possibilitou conversas livres, não estruturadas, extraordinariamente úteis para responder aos objetivos específicos desta pesquisa. O primeiro contacto com as pessoas participantes do LM Lx ocorreu precisamente nestes almoços-convívio, momentos em que tudo se pode discutir menos o livro selecionado para debate daí a uma ou duas horas. A determinada altura, a minha presença nos almoços foi também motivada pela simpatia que passei a nutrir pelos envolvidos, momentos em que foi possível criar uma ligação de confiança, concretizando efetivamente a proposta de Creswell: «Researchers need to protect their research participants; develop a trust with them» (2009, p. 93). Este vínculo não é menosprezável — não tivesse sido criada uma ligação de proximidade,

as entrevistas presenciais não teriam decorrido, a meu ver, da forma fluida e espontânea como decorreram.

1.4 Revisão da literatura

O estudo dos clubes de leitura tem vindo a consolidar-se como um campo relevante na intersecção entre os estudos literários, a sociologia da leitura e as ciências sociais. Desde a investigação pioneira de Janice Radway, que evidenciou a centralidade das práticas de leitura feminina na construção de identidades e afetos, a leitura passou a ser entendida como prática cultural situada, negociada e socialmente marcada. A obra *Reading the Romance* (1984) revelou que os hábitos de leitura das mulheres — muitas vezes desvalorizados como simples entretenimento — encerram estratégias complexas de negociação simbólica com normas patriarcais, sendo os clubes um espaço privilegiado para esse exercício.

Os CLF proliferam, nesta terceira década do século XXI, como importantes catalisadores de mudança social e cultural. Ao comparar experiências presenciais e digitais, estes clubes partilham na sua génese a promoção da literatura de mulheres e fortalecem a consciência feminista por meio do diálogo. Possuem no género o seu eixo organizador. A forma é diversificada – círculos informais em livrarias, espaços museológicos, jardins públicos, associações culturais, fóruns virtuais, *podcasts* interativos –, mas o ponto de partida é o mesmo: leitores comprometidos, voluntariamente, debatem a vida e as suas contingências entre si a partir de uma obra escrita (Hartley, 2001). O panorama internacional revela uma diversidade de modelos adaptados a cada contexto cultural, exemplificando o caso português interpretações locais criativas, mas em sintonia com tendências globais.

Os clubes de leitura desempenham um papel na educação informal e na sociabilidade de mulheres. Desde os círculos literários das elites até aos clubes populares da atualidade, as participantes encontraram nestes espaços uma forma de compartilhar conhecimento e vivências. Estas iniciativas, que estiveram tradicionalmente restritas a minorias informadas e letradas (Shier, 2012), exclusivas para uma classe social abastada, com acesso a educação formal, revestem-se, na contemporaneidade, de um carácter inclusivo e informal, aspeto em parte catalisado pelas redes sociais, que facilitaram a criação de comunidades literárias além das limitações geográficas, reconfigurando formas de interação e aumentando a acessibilidade global.

Os CLF contemporâneos representam uma intersecção entre a tradição dos grupos de leitura e as práticas de ativismo literário. Um grupo de mulheres que se reúnem para ler e discutir textos não é nova – nos séculos XVII e XVIII, os salões literários e os grupos de estudo bíblico eram liderados por mulheres educadas. No entanto, a forma e o número dos clubes transformaram-se significativamente. Ao longo dos séculos XX e início do XXI, os grupos de leitura ressurgiram com grande vigor, apesar dos

receios de que meios de comunicação emergentes suplantassem o livro tradicional e a respetiva relação com os leitores (Poole, 2003). Este renascimento foi evidenciado por fenómenos como o clube do livro da apresentadora de televisão norte-americana Oprah Winfrey, nos EUA, e pela proliferação de clubes de leitura presenciais e virtuais, sinalizando um novo fôlego para a leitura coletiva (Poole, 2003), frequentemente com predominância feminina na sua composição. Ainda que com um foco muito generalista, o Oprah's Book Club abriu caminho para a legitimação da leitura coletiva como prática cultural relevante (Sedo, 2002. p. 11): «Throughout the world, in homes, pubs, bookstores and libraries people meet together for them. Book clubs, they are everywhere. Chances are you are in one, or at least you know someone who is. As Jenny Hartley entertainingly demonstrates in her recently published, simply-titled book "Reading Groups", the active reader is indeed active.»

Num contexto mais específico, emergem os clubes de leitura com foco feminista, cujo objetivo declarado é promover a leitura de obras escritas por mulheres, ou com temáticas afins, proporcionando um espaço de reflexão crítica sobre o papel da mulher. Mesmo quando não se identificam formalmente como feministas, muitos grupos exclusivamente femininos tendem a favorecer autoras e narrativas escritas por mulheres. Na Austrália (Poole, 2003), por exemplo, observou-se que grupos de leitura compostos exclusivamente por mulheres, embora não identificados como feministas, rejeitavam tendencialmente a participação de homens e escolhiam sobretudo livros escritos por autoras – mais de 75% dos títulos lidos ao longo de quase uma década, nos clubes observados, eram da autoria de mulheres. Embora o feminismo nem sempre seja discutido abertamente, verificou-se um interesse vincado nas experiências das protagonistas retratadas nas obras (Poole, 2003), evidenciando um viés nas escolhas literárias e nas discussões, ainda que de forma implícita.

Nos CLF, contudo, esta orientação é explícita e programática: os clubes surgem com o compromisso de corrigir desigualdades na leitura de obras, enquanto atuam como espaços de apoio mútuo entre as pessoas participantes e formação de consciência crítica.

Ocorre, assim, um processo de construção coletiva de significados, a promoção de literacia crítica e formação de laços sociais e culturais (Álvarez-Álvarez, 2021; Sedo, 2003). A leitura, tradicionalmente concebida como atividade solitária, configura-se como fenómeno de interação social quando é concretizada em grupo. O CL promove a coconstrução de um saber coletivo (Álvarez-Álvarez, 2021), constituindo-se como espaço de negociação cultural (Sedo, 2004), onde os significados textuais são permanentemente reconstruídos, a partir das suas experiências pessoais, valores e perspetivas. Compreendem-se como espaços de sociabilidade feminina, onde se constroem identidades de género e a discussão em torno do livro se assume como forma de autoafirmação e apoio mútuo (Long, 2003).

No início da década de 2000, verificou-se uma progressiva proliferação de grupos de leitura, presenciais e virtuais (Sedo, 2004). Por essa altura, uma pesquisa simples por «book clubs» num motor

de pesquisa *online* devolvia mais de um milhão de resultados, incluindo fóruns dedicados à leitura coletiva. Muitos desses grupos possuíam identidades específicas, refletidas em nomes sugestivos como «Women Who Read Too Much» e «The Sistah Circle», indicando comunidades formadas em torno de interesses de género ou de afinidade étnica. Este contexto de reencontro das mulheres com a leitura coletiva (Sedo, 2004) favoreceu o florescimento dos CLF contemporâneos.

A informalidade na organização e a relação de horizontalidade entre participantes, facilitada por encontros presenciais em círculo, em que as pessoas se visualizam frente a frente (transposta na medida do possível para os encontros virtuais), são traços distintivos dos CLF atuais. Uma outra característica marcante é o vínculo com o ativismo e com as redes colaborativas femininas, nascendo por vezes de movimentos sociais mais amplos. Um exemplo paradigmático é a Feminist Book Fortnight[12], iniciativa surgida no Reino Unido nos anos 1980.

Segundo Careless (2022), a Feminist Book Fortnight, realizada anualmente entre 1984 e 1991, foi um evento seminal na história do feminismo, no Reino Unido e na Irlanda, mas com ressonância mundial. Durante duas semanas, livrarias independentes, editoras e grupos de mulheres uniam-se para destacar autoras, organizar leituras públicas e incentivar a venda de livros feministas, expandindo o este mercado literário além dos grandes centros urbanos. A iniciativa demonstrou que os livros e a leitura se revestiam de ferramenta de expansão da consciência e uma peça-chave numa cadeia económica alternativa focada em escritoras. Em 2018, vários anos depois, o ímpeto da Feminist Book Fortnight foi resgatado no Reino Unido, e em outros países (Careless, 2022), acompanhando a força de outras campanhas literárias feministas.

A campanha digital #ReadWomen2014, lançada em 2014 pela escritora britânica Joanna Walsh, constituiu-se igualmente como um marco do ativismo literário. Esta campanha global nasceu da constatação pessoal, por parte da autora, de que o mercado editorial perpetuava a invisibilidade literária feminina, dando muito mais leitores a escritores homens (Petersen, 2017). A *hashtag* #readwomen2014 (em português, #leiamulheres2014) rapidamente se espalhou nas redes sociais como um convite a ler mais livros escritos por mulheres. Com o crescimento orgânico do movimento (Petersen, 2017), leitores em diversos países adotaram a ideia, organizando listas de leitura exclusivas de autoras e discutindo-as *online*. A iniciativa foi de tal forma bem acolhida que transcendeu o mundo virtual e inspirou a criação de clubes de leitura presenciais: o ativismo digital converteu-se em iniciativas locais.

Um resultado direto do #ReadWomen2014 foi o surgimento, em 2015, do projeto Leia Mulheres no Brasil, provavelmente o clube de leitura feminista contemporâneo de maior alcance neste país e um dos mais influentes internacionalmente. O caso, analisado ao longo desta dissertação, exemplifica

[12] feministbookfortnight.wordpress.com, consultado em 21 de junho de 2025.

como a combinação de ativismo de base, redes sociais e compromisso local podem originar movimentos feministas sustentáveis.

Paralelamente aos clubes presenciais, a era digital aportou novas dinâmicas aos grupos de leitura feministas e à forma como estes se aproximam dos potenciais leitores. Um caso relevante estudado por Shier (2012) é a proliferação de clubes de leitura *online* para jovens feministas. Shier destaca como, no contexto de jovens adultas, estes fóruns virtuais se constituíram como um antídoto para os estereótipos mediáticos, permitindo que mulheres jovens discutissem criticamente, a propósito de uma obra escrita, representações tradicionais de género. Um exemplo citado é o Bitch YA Book Club, um clube do livro mantido pela organização feminista Bitch Media. Neste clube virtual, são lidas mensalmente obras do género *young adult* que subvertem o mito do príncipe encantado e assumem protagonistas LGBTQIA+. Os debates *online* contam tanto com moderadoras – normalmente escritoras ou editoras feministas – quanto com a participação aberta de leitoras geograficamente dispersas. Este modelo de clube virtual assinala também o potencial de formação de comunidades críticas de leitura *online*: Shier (2012) observou que jovens ligadas virtualmente conseguem comprometer-se profundamente com os textos, relacioná-los com as questões de género contemporâneas e desenvolver pensamento crítico coletivo.

A internacionalização e a expansão dos CLF — alicerçada em plataformas digitais e redes sociais (Langner, Zuliani e Mendonça, 2015) — é significativa quanto à capacidade de cada um se adaptar a diferentes contextos culturais e sociais, mantendo como eixo comum a promoção de literacias críticas e a resistência cultural. Um fenómeno desta última década estreitamente ligado aos clubes de leitura é o advento do BookTube, a comunidade de produtores de conteúdo literário no YouTube. Embora não seja um movimento feminista, o BookTube apresenta inúmeras jovens mulheres como criadoras de vídeos a discutir livros, muitas vezes de forma colaborativa e interativa, semelhante ao que ocorre num clube do livro presencial. Nos canais de BookTube, as leituras coletivas entre pessoas participantes criam uma experiência compartilhada que se assemelha aos grupos de leitura tradicionais, mas a uma escala global. Tolstopyat (2018) argumenta que, pelas semelhanças com os clubes de leitura, plataformas como o YouTube proporcionam aos leitores um espaço para conversação e colaboração criativa com outros leitores, autores e editores.

Apesar das distinções entre clubes presenciais e virtuais, é possível identificar objetivos convergentes. Seja presencialmente, num círculo de cadeiras, ou virtualmente, por meio de plataformas para o efeito, é reforçado um sentido de comunidade que incentiva as mulheres a expressar as suas experiências: a leitura compartilhada de obras escritas por autoras pode modificar a forma como as mulheres se percebem e se relacionam entre si, configurando-se como prática de liberdade e resistência (Amorim, 2024).

Num CL, é estimulado o desenvolvimento da compreensão leitora e da capacidade argumentativa e a expansão do capital cultural das pessoas que o frequentam. Os clubes feministas desafiam, em parte, a clivagem tradicional entre a cultura cultivada e a cultura popular (Bourdieu, 2010), tornando acessíveis obras complexas a públicos diversos (Sedo, 2013). Aqui é promovida a consciência crítica relativamente a estruturas sociais dominantes e a leitura configura-se como um canal de transformação emancipatória (Petersen, 2017). Os clubes materializam a natureza social da leitura (Long, 2003) e, como forma de ação coletiva, contrariam a noção do sentido literário produzido isoladamente por um único leitor. Participar de um clube envolve dinâmicas compartilhadas: as discussões nascem de necessidades e interesses comuns, os quais moldam simultaneamente a identidade individual de cada membro e a solidariedade do grupo (Sedo, 2003).

Como nota transversal, é relevante assinalar que os encontros nos clubes também assistem a tensões entre análise literária e convívio social. Nem todos os clubes mantêm um foco profundo na análise textual (Long, 2003), sendo que, em alguns casos, o livro serve como pretexto para a partilha pessoal. No entanto, mesmo os clubes mais informais contribuem para o estímulo à leitura, o reforço da confiança e o desenvolvimento de competências comunicativas (Souza, 2018). As reuniões dos clubes propiciam uma forma de protagonismo feminino que, muitas vezes, é negado noutras esferas sociais (Souza, 2018). Observando-se uma forte dimensão identitária e presença dominante de mulheres, mesmo nos clubes de leitura generalistas, o recorte de género emerge espontaneamente — as mulheres discutem os seus valores, partilham impressões e reconhecem-se enquanto pertencentes a um género historicamente silenciado. Os clubes de leitura operam, neste sentido, quase como pequenas comunidades de consciência (Long, 2003).

E porque um CL ocorre como microevento discursivo numa sequência múltipla e concomitante de outros micro e macroeventos, num espaço determinado e num determinado tempo que, inevitavelmente, o condicionam, aportamos o conceito habermasiano de espaço público para compreender os clubes contemporâneos como contraespaços de resistência face ao discurso hegemónico da esfera pública tradicional. Jürgen Habermas formulou o conceito de espaço público como um espaço de debate racional e democrático, onde cidadãos discutem assuntos de interesse comum, constituindo, à data da sua teorização, uma opinião pública livre de coerção. Esse modelo tradicional, nascido nos cafés e nos salões burgueses do século XVIII, enfatiza a argumentação racional universalista como base da deliberação.

Contudo, os estudos feministas têm questionado os historicamente incluídos ou excluídos deste ideal — o espaço público tradicional excluiu sistematicamente vozes não hegemónicas, sobretudo as femininas, ao privilegiar uma pretensa neutralidade universal que, na prática, refletia perspetivas masculinas dominantes (Meehan, 1995). É desta forma que nos parece pertinente inscrever espaços

assumidamente criados por mulheres, como os CLF, num conjunto de microespaços públicos contra-hegemónicos.

As críticas feministas à teoria habermasiana da assentam sobretudo num ponto: sob a aparência de neutralidade universal, a esfera pública foi historicamente marcada por exclusões estruturais. Tal como Nancy Fraser (1990) sublinha, a conceção clássica da esfera pública burguesa não só silenciou as vozes femininas, como também consolidou uma divisão social baseada no género, legitimando a exclusão das mulheres do debate racional sobre o bem comum em nome da sua pertença no domínio privado (Silva, 2001). A esfera pública habermasiana, ao definir-se pelos valores de universalidade, objetividade e racionalidade, encerra um viés masculino particular (Meehan, 1995): competências e estilos comunicativos tradicionalmente associados às mulheres – como a expressão emocional, a história pessoal ou temas do dia a dia privado – foram desvalorizados ou excluídos do debate.

O que está em causa não é apenas uma crítica empírica à ausência de mulheres nos espaços públicos do século XVIII e XIX, mas uma crítica epistemológica e política à forma como Habermas concebe o próprio modelo de espaço público e de indivíduo racional como masculino, branco e burguês. O universalismo habermasiano, longe de ser inclusivo, revelou-se excludente ao não considerar as condições materiais e simbólicas de participação — nomeadamente, o género, a classe e a raça.

Habermas reconhece que as mudanças estruturais profundas ao nível das relações de género foram essenciais para o desenvolvimento da esfera pública burguesa, dado que a família conjugal patriarcal criou uma separação entre o privado e o público (Meehan, 1995), separação esta que ditou a exclusão de mulheres do espaço público emergente, confinando-as ao âmbito doméstico. Inicialmente, Habermas descreveu a exclusão como um desfasamento entre o ideal normativo e a realidade histórica, argumento rebatido pelos teóricos do movimento feminista, que sustentam que tal exclusão não foi acidental, antes constitutiva da esfera pública burguesa (Meehan, 1995).

Ao responder à crítica feminista no final da década de 1990 (Silva, 2001), Habermas demonstrou abertura ao diálogo com a teoria feminista, mas mantendo ainda um núcleo normativo em colisão com os princípios de pluralidade. Esta tensão revela um limite estrutural da teoria habermasiana: o seu apego a uma racionalidade universalista que tende a deslegitimar formas de argumentação e expressão política situadas, emocionais ou afetivas — frequentemente mais presentes nos discursos feministas, *queer* ou racializados.

Esta exclusão de experiências femininas garantiu que os sujeitos masculinos fossem os habitantes dominantes do espaço público (Landes, 1988, conforme citado em Meehan, 1995), conduzindo questões centrais para as mulheres (violência doméstica, direitos reprodutivos, divisão sexual do trabalho, entre outras) a um reduto de especificidade impeditivo de as integrar no discurso do espaço público e ao não reconhecimento de esferas públicas concorrentes (Feldhaus, 2023). Contudo, sempre

coexistiram espaços discursivos alternativos formados por grupos marginalizados, incluindo mulheres, que contestavam o espaço público oficial. Mesmo silenciadas no fórum dominante, mulheres e outros grupos criaram arenas próprias, evidenciando que a esfera pública real foi sempre plural, não una e consensual.

Assim, a teoria feminista desafia a esfera pública a deixar de ser pensada como um espaço homogéneo e regulado exclusivamente pela força do argumento racional, propondo a sua reconceptualização como um conjunto dinâmico de espaços discursivos múltiplos, interligados e permeáveis, onde diferentes sujeitos possam, em condições equitativas, disputar os significados do comum. Este reposicionamento epistemológico do conceito de esfera pública é crucial para a construção de democracias verdadeiramente deliberativas e inclusivas (Silva, 2001). Como sugere Fraser, só uma conceção pós-patriarcal de espaço público poderá responder aos desafios contemporâneos da justiça social.

Habermas, nas suas obras posteriores, mostrou-se consciente de parte dessas limitações, reconhecendo a importância crescente dos novos movimentos sociais – incluindo o feminista – na revitalização da esfera pública democrática (Carriquiry, 2017). Todavia, persiste o desafio de concretizar uma esfera pública inclusiva. É neste contexto que os CLF ganham relevância, podendo ser entendidos como microespaços públicos, onde mulheres exercitam práticas deliberativas e solidificam discursos autónomos.

Os atuais clubes configuram espaços informais onde ocorrem debates de baixa exigência institucional, mas alta relevância cultural, concretizando o que Nancy Fraser designaria «contrapúblicos subalternos» — esferas públicas subalternas formadas por sujeitos marginalizados que criam os seus próprios espaços discursivos, oferecendo às mulheres um espaço discursivo paralelo para elaborar e fazer circular contra-narrativas sobre si mesmas e o mundo (Careless, 2022), contribuindo para alargar o espaço discursivo e trazer potencial emancipatório ao diálogo social (Feldhaus, 2023): «(…) subaltern counterpublics are parallel discursive arenas where members of subordinated social groups invente and circulate counterdiscourses, which in turn permit them to formulate oppositional interpretations of their identities, interests, and needs» (Fraser, 1990, p. 67).

Os CLF concretizam uma expansão da esfera pública. Como microespaços, não existem em isolamento hermético, mas relacionam-se com a esfera pública maior, ora tensionando-a, ora influenciando-a (Carriquiry, 2017). Ao fortalecer laços de sociabilidade e consciência crítica entre mulheres na sociedade civil, assim como outros atores sociais, contribuem para dinamizar a esfera pública com novos conteúdos e perspetivas (Carriquiry, 2017). Cada CLF, por menor que seja, cumpre a função incubadora do debate livre:

> The creation of book clubs as countercultural spaces means groups that were previously underrepresented in both formal and informal educational settings, as well within cultural hierarchies, are now able to create spaces and control narratives in which community-specific ideas and issues can be addressed and shared experiences can be discussed, both in and out of the vehicle of literature. This is demonstrated by the mass founding of women's book clubs in post-Civil War America as well as by the groups founded by people of color who were denied access by both educational institutions and these predominantly white women's clubs. As the women's clubs sprang up to counter the male-dominated educational spaces, so other clubs were formed to counter these spaces. In this way, book clubs, by their nature, will continuously challenge the status quo, whether that be the status quo of formal educational environments or informal spaces, such as existing book clubs.
>
> Long, A., 2021, p. 26

Nancy Fraser destaca que os contrapúblicos feministas historicamente criaram interpretações oposicionais de identidades, interesses e necessidades que posteriormente integraram o debate social mais amplo. Este processo pode ser observado na atualidade: narrativas e argumentos desenvolvidos em círculos de leitura podem ascender a esferas de decisão. Como manifestação concreta do movimento feminista, os clubes podem desempenhar o duplo papel de agir sobre o sistema político e simultaneamente expandir os seus limites normativos e robustecendo a sociedade civil (Carriquiry, 2017).

Em última instância, os CLF contribuem para tornar a esfera pública mais plural, tanto ao capacitarem as pessoas participantes para a vida pública quanto ao diversificar os temas no fluxo da opinião pública: «At a time when a mainstream feminism 'dominated by white and privileged women' sets the agenda for parliamentary politics […] there is an ever greater need for spaces for the more marginal, less mainstream feminisms that might otherwise be lost — the sorts of spaces that initiatives such as the Fortnight, with its enduring distinctive regionalism and complex negotiation of feminist publishing and consumption practices, have long helped to create» (Careless, 2022, p. 309). Representam uma forma de cidadania cultural exercida coletivamente, em que ler e debater livros se traduz em tomar uma posição no mundo. As mulheres reforçam duas valências: a de ler – isto é, interpretar criticamente a produção cultural – e a de ter as suas vozes ouvidas e consideradas na construção dos significados compartilhados.

Um CLF será, no fundo, um projeto de emancipação em pequena escala, mas com impacto potencialmente amplo. Os CLF incorporam a noção de que, na teoria e na prática, é possível concretizar a promessa de uma esfera pública verdadeiramente orientada para a igualdade de voz e ampliando «o espacio de actores que, como las mujeres, tienen menor capacidad de ejercer presión sobre el poder político que los grandes grupos de interés» (Carriquiry, 2017, p. 23).

Ao recuperar uma prática cultural antiga – ler em conjunto –, os CLF contemporâneos atualizam-na com propósito político e significado emancipatório: «As mulheres reivindicam modos específicos de ser sujeito ao questionar, driblar e abalar os discursos marcados pelo poder patriarcal; atravessam, escapam, produzem linhas de fuga, produzem saberes e convocam a criação de uma história outra» (Amorim, 2024, p. 99).

Nesta era digital e global, o ato de ler não é solitário nem obsoleto, mas catalisador de mudança social. Ao «ler mulheres», estas comunidades estão, na verdade, a ler o mundo sob a ótica das mulheres, ao questionar narrativas estabelecidas, ao celebrar vozes marginalizadas e ao escrever um novo capítulo na luta pela igualdade de género na cultura. Nas suas variadas manifestações, constituem-se hoje como um vibrante movimento cultural, cujo legado possivelmente inspirará futuras gerações a continuar a celebração do ativismo por meio da leitura.

Finalmente, importa notar que, em Portugal, os estudos sobre CLF são incipientes. Embora existam algumas análises sobre práticas de leitura (Santos *et al.*, 2007; Pais *et al*., 2022), a articulação entre leitura partilhada, crítica feminista e capacitação pessoal permanece largamente inexplorada. A presente investigação propõe-se, assim, contribuir para esse campo emergente, situando os CLF enquanto microespaços de construção de cidadania, fortalecimento de laços emocionais e emancipação social e discursiva.

CAPÍTULO 2

CLUBE DE LEITURA FEMINISTA

2.1 Definição, contexto e perspetivas

Um CL pode ser entendido como uma forma social de prática cultural, que cruza interação comunicativa, consumo simbólico e produção coletiva de significados em torno de um livro (Long, 2003). Um CL é constituído por um grupo de pessoas que, de forma voluntária, se reúne regularmente para discutir uma obra escrita, previamente lida ou não, num processo que enfatiza o intercâmbio interpretativo e a formação de laços comunitários baseados na partilha de experiências culturais. E para que tal ocorra, não se define propriamente um número ideal de participantes (Hartley, 2001). Para Álvarez-Álvarez (2021, p. 244), «book clubs are networks that are usually, but not always, comprised of consumers of literature, who meet periodically to discuss all kinds of literary works proposed either by the participants or by the coordinator».

Os clubes de leitura, enquanto prática social, articulam o ato individual da leitura com a experiência coletiva da discussão e da construção de significados partilhados. Como Sedo propõe (2013), na contemporaneidade, apresentam-se como formas híbridas de consumo cultural e de construção comunitária, reunindo leitores em torno de textos que, além de palco de prazer e da fruição, lançam plataformas de debate social e político.

No plano conceptual, compreende-se o CLF como uma comunidade interpretativa intencionalmente politizada, em que a leitura não é entendida como mera fruição estética, mas como prática social situada, capaz de gerar transformações subjetivas e formas de resistência (Long, 2003; Amorim, 2024). Enquanto instâncias de negociação de valores culturais (Long, 2003), assumem um papel particularmente significativo quando estruturados por valores feministas. Amorim (2024) reforça esta ideia ao identificar o clube Leia Mulheres — e sustentamos que o Heróides, como veremos de seguida, acompanha esta definição — se constitui como um dispositivo cultural que tensiona normatividades e visibiliza subjetividades femininas silenciadas.

A prática de ler em grupo de forma organizada tem raízes históricas nos séculos XVIII e XIX, período em que surgiram os primeiros círculos literários e sociedades de leitura. Nesse contexto, os clubes de leitura despontaram inicialmente entre elites letradas, muitas vezes como salões literários ligados a academias ou bibliotecas sociais (Figueiredo, 2021). Estudos sobre os círculos literários oitocentistas nos Estados Unidos e na Europa (Flint, 1993; Sicherman, 1989, conforme

identificado por Sedo, 2004) indicam que os clubes pioneiros, inicialmente frequentados pela classe social abastada, se expandiram e popularizaram com a progressiva alfabetização, acompanhando o desenvolvimento de sociedades de conhecimento, a criação de bibliotecas públicas e os movimentos de educação ao longo da vida (Sedo, 2004).

Um aspeto notável na génese dos clubes de leitura é o papel das mulheres na sua formação. Diversos grupos de leitura no século XIX eram compostos por mulheres da classe média, que se reuniam para aprimorar a educação mútua e discutir ideias relevantes da sua época. Esses clubes literários femininos serviam não apenas para desfrutar de obras literárias, mas também como veículos de inspiração literária e reforma social (Long, 2003); além do prazer da leitura, estes grupos nutriam interesses culturais mais amplos e até promoção de causas sociais, nomeadamente a defesa da educação feminina, a filantropia e, em certos casos, o proto-feminismo ligado aos movimentos sufragistas e de direitos das mulheres no final do século XIX (Long, 2003).

Os clubes de leitura, desde as suas origens no século XIX, atravessaram transformações significativas em função de mudanças socioculturais e tecnológicas. Podemos delinear essa evolução em algumas fases históricas marcantes, reconhecendo, que tais fases frequentemente se sobrepõem ou dialogam entre si.

No século XIX, os clubes de leitura proliferaram na esfera da classe média urbana, sobretudo junto de mulheres, tanto na América do Norte quanto na Europa (Long, 2003). Nesse momento, os clubes difundiam ideais humanistas de educação e melhoria pessoal. Muitos adotavam formatos formais, quase como sociedades literárias, com atas, regras e seleção criteriosa de obras clássicas e contemporâneas para debate. Já nesse período havia uma forte presença de grupos de leitura de mulheres brancas nos EUA.

Embora a designação «clube de leitura feminista» seja relativamente recente, o espírito desses clubes tem raízes nas práticas de leitura coletiva entre mulheres ao longo da história. Barbara Sicherman (2012) concluiu que as leitoras no final do século XIX, nos EUA, recorriam aos seus grupos de leitura para se definirem a si mesmas e procurar respostas num mundo que as relegava ao espaço doméstico. Nesse sentido, as primeiras gerações de clubes de leitura de mulheres ajudaram a forjar uma forma de sororidade literária, na qual ler e discutir juntas criava laços de solidariedade e catalisava aspirações de mudança social.

Os *consciousness-raising groups* do movimento feminista dos anos 1960-70, também recorriam frequentemente à leitura compartilhada de textos fundamentais (por exemplo,

capítulos de *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, ou passagens de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir). Não se autodenominando clubes de leitura, recorriam, contudo, à leitura coletiva como uma ferramenta de alerta de consciência – precisamente, o eixo que define um CLF. Podemos, portanto, traçar uma linha de continuidade entre o círculo literário do século XIX, passando pelos grupos de reflexão feminista dos anos 1970, até aos clubes de leitura feministas contemporâneos. No entanto, é sobretudo a partir do século XXI, com o fortalecimento das redes sociais e da quarta vaga do feminismo, que os clubes de leitura feministas ganham visibilidade pública e dimensão internacional (Amorim, 2021).

Clubes de leitura promovidos por celebridades e influenciadores digitais, como a Oprah e Reese Witherspoon – atriz e produtora – que fundaram clubes de leitura populares, alcançaram milhões de seguidores através de redes sociais. A celebrização dos clubes do livro reflete, por um lado, apetite do mercado (já que a recomendação de uma celebridade impulsiona vendas), mas, por outro, sinaliza como o conceito de ler coletivamente se legitimou enquanto atividade cultural valorizada e até em voga. Se antes os clubes de leitura podiam ser vistos como excêntricos ou periféricos, hoje constituem uma corrente dominante na cultura leitora[13].

Outro desdobramento importante na evolução contemporânea é a diversificação temática dos clubes. Além dos clubes generalistas, emergiram outros alinhados com causas ou identidades específicas – é neste contexto que ganham particular destaque os CLF, que se disseminam como uma evolução significativa no panorama dos grupos de leitura, articulando práticas literárias com o ativismo social (Long, 2003; Sedo, 2004).

Na atualidade, os CLF destacam-se pela intencionalidade crítica. Neles, a leitura não é apenas fruição, mas espaço de capacitação que questiona as hierarquias simbólicas excludentes. Ao fazê-lo, desafiam normas culturais, educacionais e editoriais; promovem práticas leitoras democráticas, horizontais e afetivamente significativas — toda a leitura está inserida numa infraestrutura social que sustenta e dá sentido a essa atividade (Wright, 2005).

Além da seleção das obras, os clubes feministas também se distinguem pela metodologia: ao adotar uma moderação horizontal, com partilha equitativa da palavra, incentivam a escuta empática e o acolhimento de vivências diversas, frequentemente articulando as leituras das sessões com o contexto político e social. A leitura em grupo, quando orientada por valores feministas, torna-se uma prática de reflexão coletiva e de reconstrução de identidades (Long,

[13] https://www.nbcnews.com/pop-culture/pop-culture-news/book-clubs-social-scenes-gen-z-millennials-rcna200328

2003). Nestes espaços, ler é também lembrar, reconhecer, afirmar e resistir: pessoas tanto reproduzem quanto recriam hierarquias de valor e poder vigentes, ao mesmo tempo em que se envolvem em processos de autodescoberta e desenvolvimento pessoal (Wright, 2005).

Cruzando diferentes formatos — presenciais, digitais, híbridos — e dialogando com diversos contextos sociais e culturais, a intemporalidade dos CLF adquire uma força renovada, pelo que observá-los com proximidade contribui para uma compreensão mais profunda das práticas de leitura no momento atual. Longitudinalmente, abre também caminho para novas pesquisas sobre a relação entre leitura, género e transformação social.

2.2 Clubes de leitura feministas: o ativismo potenciado no ciberespaço

A consolidação dos discursos feministas *online* inaugurou uma nova fase no percurso do movimento — não só o ciberespaço potenciou o alcance dos discursos individuais, como o próprio discurso individual se tornou protagonista.

A multiplicidade de sujeitos gerou uma multiplicidade de narrativas individuais. A partir das suas próprias vivências, os sujeitos do feminismo, no ciberespaço, reescrevem a teoria feminista, em modo contínuo. Assim, assistimos, no alvorecer de uma quarta onda do feminismo, a um processo de chamada do protagonismo para si, por parte das mulheres (Melo, 2020).

O ciberespaço aportou a possibilidade de mulheres silenciadas encontrarem um canal para a denúncia de abusos intemporais: a cultura da violação, relacionamentos abusivos, IVG, solidão, isolamento. Neste universo específico, floresceu efetivamente uma cultura participativa (Jenkins, 2006) que se estendeu ao ativismo feminista. As barreiras para o compromisso cívico foram atenuadas e valorizados os contributos individuais. É um ponto de partida inegociável que esta cultura está vedada a uma mulher isolada e privada de conhecimento. Mas alarguemos o escopo e assumamos que nos referimos aqui a mulheres com competências de literacia mínimas e acesso, ainda que reduzido, ao ciberespaço.

Poderíamos considerar que, paralelamente ao sentimento de ligação (ligação social gerada pela virtual), o ciberfeminismo favorece uma orientação informal para o conhecimento: as mulheres aprendem e valorizam-se mutuamente de maneira orgânica, em circuitos de interação, quer se revistam de rede social ou fóruns de debate *online*, como o WhatsApp. Na contemporaneidade, nasceu uma geração política que, reconhecendo e abraçando a luta das suas antecessoras, recorre a estratégias autónomas para valorizar as experiências pessoais que procuram um eco coletivo. É, de alguma forma, por esta razão, que encontramos no digital várias gerações de mulheres empenhadas no mesmo combate.

Jenkins (2006) argumenta que, na cultura participativa emergente no início do século XXI, os utilizadores podem ter mais controlo sobre como interagem com a informação, podendo influenciar decisões de grandes instituições. Seguindo esta linha de pensamento e aplicando-a ao tema em estudo, cada texto publicado *online*, amplificado e discutido amplamente, pode ser entendido como um contributo para a construção diária do saber feminista.

No turbilhão da era digital, o ciberespaço emerge como sede de reconstrução coletiva, onde reiteradamente as mulheres combatem as narrativas patriarcais hegemónicas. (Teremos de deixar todos os movimentos antifeministas e misóginos para outro estudo.) Articulando tecnologia e ativismo, o ciberfeminismo ressignificou o espaço virtual como arena de resistência, como campo emancipatório de diferenças e palco de uma nova forma de compromisso político.

Não é de importância menor retomar o percurso das principais ondas, ou vagas[14], do movimento feminista. Se na primeira onda do movimento, no século XIX, as mulheres reivindicavam exercer a sua cidadania por meio do sufrágio, as mesmas condições de trabalho e a igualdade salarial relativamente aos homens, na segunda onda, entre os anos 1960 e 1980, assistiu-se à consolidação do combate generalizado às estruturas sexistas do poder e à sua expansão através de movimentos sociais.

[14] A própria semântica, «onda» ou «vaga», é objeto de estudo. Veja-se, por exemplo, Ribeiro, D., Nogueira, C., & Magalhães, S. I. (2020). *As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro*.Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. DOI: 10.53282/sulsul.v1i03.780

A terceira vaga, que coincide com o início da década de 1990, foi profundamente marcada pelo questionamento de todo o movimento feminista até esse momento. Um posicionamento crítico do movimento sobre si próprio levou à redefinição de estratégias de reivindicação. Ao combate contra a desigualdade estrutural entre sexos, somou-se a luta antirracista, bem como a do movimento LGBT, e a reivindicação pela participação em áreas profissionais exclusivamente exercidas por homens.

Não sendo completamente consensual, é possível associar a formação da quarta onda de feminismo, o ciberfeminismo, à década de 2010. Em 2017, um *tweet* da atriz Alyssa Milano que denunciava ter sido vítima de abuso sexual em contexto profissional recuperou a expressão #metoo, criada pela ativista norte-americana Tarana Burke em 2006. O apelo era transparente: incentivar as mulheres à denúncia, mas também ao apoio mútuo, sobretudo em casos de assédio sexual. O primeiro *post* no Facebook com a *hashtag* #metoo, em abril de 2017, gerou mais de 12 milhões de *posts* em apenas vinte e quatro horas (Souza, 2023), interpelando o mundo sobre o assédio e a cultura da violação.

O termo «primavera feminista» sedimentou-se também nesta década. A América Latina, por exemplo, foi palco de inúmeras manifestações, nomeadamente na Argentina, organizadas nas redes sociais (Souza, 2023), sob o mote *Ni Una Menos.*

O dia 8 de março de 2017 assinalou um marco histórico do movimento feminista. Foi convocada uma greve internacional contra a violência sobre as mulheres, apelando a marchas, bloqueios de estradas, pontes e praças, à abstenção do trabalho doméstico, de cuidados e sexual; ao boicote e à denúncia de políticos e empresas misóginas.

Já em 2018, o Brasil testemunhou uma das maiores manifestações protagonizada por mulheres, convocada por grupos feministas mobilizados nas redes sociais. Jair Bolsonaro, candidato à presidência declaradamente misógino, homofóbico e racista e antidemocrático, foi o alvo do #EleNão, que juntou nas principais cidades do país (São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador) milhares de mulheres.

Atualmente, em grande comunhão, as organizações feministas dão continuidade ao combate a formas de opressão perpetuadas por um sistema que entendem como patriarcal, capitalista e racista, definindo ainda uma agenda interseccional marcada também pelas lutas antissexistas, anti-homofóbicas, decolonialistas e ambientais. A interseccionalidade é uma linha de ação indissociável do ciberativismo — ao ampliar a discussão ao conceito de liberdade integral, a quarta onda visa o combate integrado contra todas as formas de domínio, assente em categorias

como classe, género, de geração, de raça/etnia e de orientação sexual, abrigando ainda diversos feminismos, do *queer* ao negro, do LGBTQIA+ ao decolonial. Aqui, cruzam-se linhas de diferentes feminismos que encontram a possibilidade de discurso.

As atuais organizações feministas diferem das organizações tradicionais — apresentam uma dinâmica e fronteiras mais fluidas, de instituições universitárias a coletividades locais e regionais, que beneficiam da amplitude das redes sociais. As pessoas militantes nesta causa, na sua maioria, já nasceram e foram criadas na era digital e têm conhecimento sobre como potenciar as redes em seu favor: Facebook (que ainda tem centenas de páginas em atividade), WhatsApp, Instagram, Youtube e o ciberespaço em geral propiciaram um novo mecanismo de apelo à mobilização política das mulheres, que incorporam a militância digital na sua atividade. O movimento permeabilizou as fronteiras perante as redes sociais (nunca desconsiderando o acesso desigual à rede), possibilitando a concertação internacional da ação combativa, precisamente intensificada pelos meios de comunicação digitais. Uma consequência palpável é a democratização da denúncia.

O medo é parte intrínseca da vida das mulheres, pelo que quando uma avança, avançam todas; neste espaço de discussão, o saber feminino sobrepõe-se à dominação masculina e o medo é, pelo menos parcialmente, superado quando as mulheres tomam consciência avançada das estruturas de domínio prevalecentes.

É desta forma que, compreendendo um CLF contemporâneo como uma manifestação de resistência, o podemos inscrever na tradição dos movimentos sociais. Se a subordinação feminina decorre também de uma construção discursiva, num clube de leitura, desmembra-se a efabulação de que a mulher pertence ao espaço privado: no clube de leitura, o saber feminino manifesta-se polifonicamente, resultado de uma socialização voluntária.

Podemos situar, então, o CL contemporâneo numa linhagem de grupos de consciência que, na atualidade, se expandem por meio do ciberespaço. Nos últimos anos, os movimentos feministas foram impulsionados pelo digital e geraram novas formas de organização. Os CLF que emergiram ou se consolidaram nesse contexto assumiram um papel muitíssimo relevante — emergiram como espaços fundamentais para a partilha de conhecimento, para a construção de redes de apoio e promoção do pensamento crítico. Foram além dos encontros presenciais, e com recurso a redes como Instagram, Twitter, TikTok e até o Goodreads, organizaram o debate no sentido de fortalecer a comunidade feminista de forma global. A tecnologia é, assim, instrumento de difusão do pensamento feminista. Contra o silenciamento de corpos, vozes e conhecimento,

um CLF resgata o poder das mulheres autoras, das mulheres leitoras, da leitura individual e coletiva, e materializa a conquista em diferentes dispositivos.

A difusão do movimento não se circunscreve à organização de eventos e planos de ação — efetivamente, partilham-se entre comunidades livros, artigos e ensaios; o conhecimento circula e sedimenta a construção de redes de apoio mútuo, nomeadamente em contextos sociais violentos, protagonizando, diríamos, campanhas de sensibilização. Os clubes de leitura contemporâneos concretizam, num sentido lato, a verdadeira fusão entre cibercultura e ativismo feminista: o ciberativismo como contrapoder (Castells, 2013), alicerçado na autorreflexão, não falando pelas mulheres, antes dando-lhes espaço para exercerem a sua participação cultural.

É também como participantes culturais que as mulheres protagonizam os clubes de leitura: a forma de atuação e formas de ser e sentir nestes momentos constituem-se como ambientes adequados para narrarem as suas próprias vivências. É uma possibilidade discursiva concreta (Fonseca, 2017). As mulheres podem, caso o entendam, narrar as suas histórias, ligando-se a uma rede de semelhantes que a compreende porque terá, eventualmente, tido vivências similares.

No universo digital, a possibilidade de discurso é ampliada — as mulheres, enquanto praticantes culturais, em encontros síncronos, no encontro em torno de um livro, nas partilhas sobre o mesmo, desbravam possibilidades emancipadoras. No limite, poderíamos estabelecer um paralelismo entre os grupos de consciência feministas dos anos 1970 e os atuais clubes de leitura (*online* e presenciais), onde mulheres partilham entre si estratégias de resistência, num espaço que entendem como espaço seguro (*safe spaces*), como refere Long (2003), onde se organizam individualmente e como parte integrante de um grupo.

Podemos ainda propor que ambientes multirreferenciais como as redes sociais se tornam espaços híbridos (Barros & Santos, 2024), viveiros de formação pessoal, intelectual e política entrelaçada com crítica literária, ativismo político e social e militância feminista. Situando o ciberfeminismo na reconfiguração do movimento feminista e do próprio espaço público digital, os clubes de leitura contemporâneos são um exemplo prático da utilização deste espaço como ferramenta concreta de ação. Não se trata de uma ocupação do espaço digital, antes da convergência entre feminismo digital, ciberativismo e práticas culturais feministas contemporâneas. Se o ciberespaço oferece desafios — desde assédio online e à reprodução de estruturas de poder patriarcais —, é também um território fértil para o ativismo e a construção de narrativas feministas. A aliança entre o ativismo digital e a leitura reforçou o saber como

mecanismo de capacitação coletiva, que se reforça ainda mais a cada encontro em torno de uma obra.

O ciberativismo feminista não é apenas um fenómeno digital, antes mais uma manifestação da quarta onda do feminismo, combinando ação *online* e *offline*, pelo que a presença das mulheres no ciberespaço tanto ocorre em contextos de militância política direta (manifestações, campanhas *online*, *hashtags* virais) como em práticas culturais, sendo o CL criado no digital (ainda que com extensões presenciais) uma dessas manifestações.

Se as redes digitais permitiram que mulheres, com origem nos mais diferentes contextos, partilhassem espaços e sentidos simultaneamente, entendamos o CLF como uma extensão dessas redes e agente de transformação social por meio do conhecimento.

É, assim, uma reflexão a que chegamos: a participação num CLF é um mecanismo de luta pessoal; aqui, as mulheres atuam contra formas de subjugação e opressão prescritoras a partir da leitura. Os dilemas de cada mulher são os dilemas de todas as outras. Perceber, sentir, escutar as diferentes vozes que sussurram, silenciam, que querem falar, que se mostram através de rostos e corpos nos encontros é de crucial importância na luta das mulheres. Ainda que o CL não corresponda propriamente a uma conceção mais tradicional de mobilização política, corresponde seguramente a uma forma de combate social contemporânea, em que a cultura oral é enriquecida e revalorizada. Assim, a audição cuidada de um relato pessoal reveste-se de compreensão sobre a própria história (da mulher que a narra), mas também do grupo sobre si e do próprio encontro enquanto coletivo.

Nos primórdios do movimento feminista, argumentava-se que a vida de uma mulher só melhoraria quando os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. A reivindicação das sufragistas no século XIX ressoa de forma premente na atualidade. Não podendo prever o futuro, podemos, no mínimo, antecipar que a luta das mulheres prossegue e prosseguirá, nesta e nas gerações vindouras, no espaço físico e no virtual.

2.3 Leia Mulheres Lisboa e Heróides: casos de estudo

O projeto original Leia Mulheres foi fundado por três leitoras brasileiras — Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques — inspirado pela campanha #ReadWomen[15]. Teve início em março de 2015, na cidade de São Paulo, no Brasil, quando as três leitoras decidiram concretizar o desafio proposto pela escritora inglesa Joanna Walsh e transformá-lo em encontros presenciais (Petersen, 2017).

A proposta central consiste em discutir mensalmente livros escritos por mulheres, clássicas e contemporâneas, atravessando diferentes géneros, temáticas e nacionalidades. O movimento ganhou força rapidamente: em várias cidades do Brasil, formaram-se comunidades de leitura Leia Mulheres, promovidas por mediadoras voluntárias, com recurso às redes sociais para divulgar agendas e trocar experiências entre os clubes (Petersen, 2017).

A expansão do Leia Mulheres nos anos seguintes foi significativa. Em 2017, o Leia Mulheres marcava presença em mais de vinte estados brasileiros, coordenados por uma rede voluntária de mais de 400 mediadoras (Amorim, 2024). Esta capilaridade fez do LM um fenómeno nacional, com núcleos semeados por todo o país. Além disso, o modelo inspirou iniciativas equivalentes na Europa. Graças ao impulso global do #ReadWomen2014, emergiram clubes de leitura da mesma natureza no Porto, em Zurique e em Berlim. Dito de outra forma, a ideia atravessou fronteiras e encontrou eco em contextos culturais diversos – em países europeus lusófonos e não lusófonos – evidenciando a procura internacional por espaços de leitura com perspetiva feminista (Amorim, 2024).

Numa iniciativa transgressora e contra-ideológica, está a própria prática da leitura desenvolvida pelo projeto Leia Mulheres, que suspende o cânone literário e a narrativa autorizada na direção de questionar a matriz ideológica do discurso patriarcal e sexista (Amorim, 2024).

Em Portugal, temos conhecimento de dois núcleos do Leia Mulheres em atividade: em Lisboa e no Porto. Foi no Museu do Aljube que o projeto Leia Mulheres Lx, dinamizado em Lisboa por Déa Paulino, encontrou um parceiro alinhado com o seu princípio-base de igualdade, democrático e politicamente empenhado. Depois de uma passagem fugaz pela Casa Fernando Pessoa e pela Fundação José Saramago, em 2022, as sessões presenciais do clube decorrem no Aljube desde 2023.

[15] Entrevista: Michelle Henriques — Leia Mulheres – 15 de novembro de 2022. Consultado em https://apistajornal.com/2022/11/15/michellehenriques-leia-mulheres/, 3 de maio de 2025, 18h.

Déa Paulino dinamizava o Leia Mulheres Itapetininga, no Brasil, e acompanhou, com proximidade, a génese da iniciativa. Quando imigrou para Portugal, inaugurou o clube de Lisboa.

As sessões do LM Lx ocorrem mensal e presencialmente. Sempre aos domingos, às 15 horas, com a duração aproximada de uma hora e meia, duração aceite por todas as partes como razoável para discutir a obra. Aqui, as pessoas participantes aceitam o compromisso implícito de colaborar para um ambiente livre de discursos de ódio. Não sendo a leitura da obra obrigatória, é recomendável — dessa forma, o debate será enriquecido e as intervenções poderão ser feitas com mais propriedade.

Os encontros do LM Lx são inaugurados, conforme testemunhei ao longo das sessões observadas, com uma brevíssima apresentação do movimento, seguido de uma também curta apresentação da obra — normalmente, com recurso à leitura da badana —, concluindo com notas biográficas sobre a autora. É, então, lançada a discussão para o grupo: «Quem quer começar»? «Alguém quer partilhar alguma coisa para começar?» Ultrapassada a inibição inicial, de alguns segundos, em todas as sessões em que estive como observadora participante, um dos leitores toma a fala e abre o espaço para o diálogo.

No fim de cada sessão, é anunciada a agenda com os eventos dos meses seguintes e, estando já decididos, também os livros selecionados para as sessões seguintes. A sessão encerra com uma fotografia de grupo, em que as pessoas participantes exibem o seu exemplar do livro, posteriormente partilhada online nas redes sociais do clube, com as *hashtags* #LeiaMulheresLx e e #LeiaMulheresLisboa. As participantes são convidadas à partilha dos *posts* do clube nas suas redes sociais pessoais, bem como, dentro do seu conforto, dos conteúdos que publicam de modo mais discreto no grupo de WhatsApp.

É comum que nos dias seguintes à sessão sejam disponibilizados, no grupo de WhatsApp do clube, por parte de participantes e pela mediadora, vídeos, *posts* ou notícias que tenham sido informalmente avançadas durante a discussão: «Deixo aqui o *link* para a crítica que li sobre…», «Partilho este evento, que pode interessar…», «Partilho convosco o que escrevi sobre…» são regulares neste grupo de partilha, sugerindo a dinamização de indústrias culturais além da editorial e livreira.

O clube de leitura Heróides nasceu no segundo confinamento, em 2021, com o intuito de promover a leitura e a discussão de obras sob uma ótica feminista. Integrado na estrutura artística Cassandra (www.cassandra.pt), foi fundado por Sara Barros Leitão, atriz, dramaturga e encenadora, mulher consciente da prevalência de autores homens e brancos nas suas estantes

pessoais[16]. Vencedora do primeiro Prémio Ageas Teatro D. Maria II, no valor de cinco mil euros, Sara Barros Leitão decidiu criar um CLF com esse mesmo valor. A inquietação levou-a a procurar multiplicidades de leituras de outras zonas do mundo, além das fronteiras europeias e do Norte global: «Livros de pessoas de África ou da América do Sul. Portanto, o que é que se anda a escrever? E mulheres? Que mulheres são estas que estão a escrever na Palestina? Na Síria? O que é que elas escrevem? Como é que eu chego até elas?»[17]

Dez dos doze encontros anuais decorrem *online*, o que amplia o alcance da participação. Desde que o fuso horário o permita, qualquer pessoa dentro ou fora do país pode aceder à sessão. Duas vezes por ano, são organizadas sessões presenciais em pontos distintos do país. Em dezembro de 2024, a sessão decorreu no Porto, na sede da estrutura artística Cassandra, coincidindo esse dia com a inauguração da livraria homónima. Em março de 2025, a sessão decorreu em Viseu, na Quinta da Cruz — Centro de Arte Contemporânea.

A participação é gratuita, mas requer inscrição prévia. As inscrições abrem no dia 1 de cada mês na página oficial da Cassandra. Para as sessões *online*, o *link* de acesso é enviado por *e-mail* aos inscritos antes do encontro.

Cada sessão conta com uma pessoa convidada, que escolhe o livro a ser discutido. Sara Barros Leitão, em cocuradoria com Andreia Nascimento, seleciona os convidados atendendo a critérios como relevância profissional, cultural ou contributo para determinada área de conhecimento. Não será necessariamente um académico experiente, nem um autor publicado, nem um profissional do sector do livro. A obra é escolhida pelo convidado para essa sessão, exceto nos meses das sessões presenciais, quando a obra discutida é votada pela comunidade. Para as sessões presenciais, as mediadoras recolhem as sugestões, elaboram uma *shortlist*, posteriormente submetida a votação no *site* do clube.

Quanto às obras escolhidas pelos convidados, embora estes sejam autónomos nas propostas, é-lhes pedido que atendam a determinados critérios: idealmente, devem estar traduzidas para português e ser de fácil acesso, nomeadamente disponíveis em bibliotecas públicas e com um PVP até 20 euros. Além disso, o clube incentiva a compra dos livros em livrarias independentes ou em

[16] Sara Barros Leitão vence Prémio Revelação Ageas Teatro D. Maria II – 15 de dezembro de 2020. Consultado emhttps://www.publico.pt/2020/12/15/culturaipsilon/noticia/actriz-sara-barros-leitao-vence-premio-revelacao-ageas-teatro-d-maria-ii-1943123, 16 de fevereiro de 2025.

[17] Entrevista a Sara Barros Leitão, entrevista em modo remoto, 17 de fevereiro de 2025.

alfarrabistas, no intuito de evitar plataformas multinacionais que, no entender do Heróides, perpetuam condições de trabalho precárias.

Embora seja ideal que as pessoas concluam a leitura antes da sessão, não é de todo obrigatório. O clube mantém uma comunidade ativa na rede social Discord, espaço onde é possível prosseguir com a discussão, com propostas ou sugestões paralelas. Após cada sessão, é ainda disponibilizado no *site* uma lista com leituras adicionais que se relacionam com o último livro ou tema debatidos.

O Heróides assinala uma preocupação notável em ser acessível. A mediadora é particularmente atenta ao tema e a linguagem usada é inclusiva, cuidada, pensada. Nas sessões em que estive presente, assinalei a prevalência semântica de «todas e todos», «participantes», «pessoas que…». Para as sessões presenciais, são fornecidas informações sobre acessibilidade dos locais, incluindo dados sobre entradas, instalações sanitárias e proximidade de transportes públicos. Embora nem todas as sessões contem com interpretação em Língua Gestual Portuguesa, essa valência é valorizada e a intérprete está presente sempre que é possível.

As sessões do clube ocorrem no último sábado de cada mês, com duração estimada de duas horas, geralmente entre as 11h e as 13h. Este horário foi cuidadosamente pensado pelas curadoras: as mulheres estão mais disponíveis ao fim de semana do que em períodos de fim de tarde, condicionados pelo trânsito, pelas tarefas domésticas diárias e inadiáveis, pelos afazeres que não têm como delegar.

Ao sábado de manhã, em plena mobilidade — levando os filhos a atividades extracurriculares, fazendo as compras semanais, até em plena condução, como presenciei durante a observação — , as mulheres revelam-se disponíveis para a participação. Na sessão de fevereiro de 2025 a que assisti, uma participante, com voz ativa durante a sessão, perdeu a ligação mais do que uma vez porque intervinha enquanto fazia uma viagem de carro intercidades. A outra participante acontecia o mesmo porque se encontrava a viajar de comboio. Nenhuma destas circunstâncias impediu que participassem da sessão.

Nas sessões presenciais anuais, as pessoas são convidadas a partilhar lanche, mantas e almofadas. É reforçada, por parte da mediadora, a importância de todas as pessoas se sentirem confortáveis. Todos são convidados a participar, sem receio de juízos. As partilhas são válidas, valorizadas, desde que respeitosas, e este aspeto é reforçado várias vezes pela mediadora. Tomando a iniciativa, é frequente a mediadora interpelar quem participa pela primeira vez,

sinalizando que se trata de um espaço de partilha informal e que todas as pessoas se devem sentir bem-vindas na exposição das suas reflexões.

As sessões presenciais, talvez por serem apenas duas por ano, revestem-se de um ambiente muito especial. Na sessão de dezembro de 2024, na sede da Cassandra, no Porto (um antigo armazém de tubagens na Avenida de Camilo), além de pequenos sofás, pufes e mantas coloridas dispostas pelo chão, das paredes industriais cobertas por panos herdados dos ensaios, havia uma mesa farta à disposição. O espaço, parcamente iluminado, e o apelo da Sara Barros Leitão para que as pessoas se descalçassem, se encostassem, que encontrassem cada um, de modo próprio, o seu conforto, foi prontamente acolhido por todos.

Como quebra-gelo, um breve jogo de perguntas e respostas inesperadas, jogado em círculos, fazendo com que quase todos os participantes ficassem frente a frente para a dinâmica, favoreceu o ambiente descontraído da sessão. Quem se encontra regularmente no mundo virtual reconheceu-se, abraçou-se, emocionou-se com o encontro ao vivo.

As pessoas são acolhidas na sua vulnerabilidade, sem pretensões de contributo académico. Discutiu-se a obra (nessa sessão, *A Desobediente*, biografia de Maria Teresa Horta, livro escolhido pela comunidade), discutiu-se política, discutiram-se opções em ditadura e depois dela, discutiu-se a maternidade e as escolhas acopladas, discutiu-se a submissão e a desobediência femininas. Acima de tudo, discutiu-se a vida de uma mulher.

2.3.1 Seleção das obras e dinâmica das sessões

O processo de seleção das obras difere de clube para clube. De forma prática, o único critério inultrapassável é o de as participantes acederem à obra impressa. O custo, como referido acima, é um facto relevante, mas a disponibilidade ainda mais. O Leia Mulheres, por norma, só acolhe obras que tenham exemplares disponíveis na Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX): «se um livro não estiver acessível a todos os membros, pode gerar grande frustração» (Sedo, 2004). Embora a extensão da obra não seja propriamente referida como fator eliminatório, não foi incomum as participantes elogiarem obras mais curtas, com menos peso físico, que puderam transportar com facilidade no seu dia a dia e ler em momentos de pausa (como horas de almoço ou deslocação em transportes públicos), sem a pressão adicional de não conseguir concluir a leitura. Apesar disto, a não conclusão da leitura da obra não impede os membros de assistirem à sessão nem de nela participarem. Simplesmente, não a conseguem acompanhar da mesma forma. Esta noção de compromisso (Sedo, 2004) parece atravessar, de forma geral, as mulheres participantes.

A partir da observação que fiz, não posso confirmar a conclusão de Sedo (2004) quando afirma que o método de escolha dos livros pode causar conflitos com base nos gostos e expectativas individuais. Pelo contrário, observei que, globalmente, os grupos se mostram satisfeitos com os procedimentos de seleção.

Sabemos que as mediadoras assumem a curadoria ou a cocuradoria, mas acolhem vivamente as sugestões formais e informais da comunidade. As pessoas participantes sugerem obras que gostariam de ver debatidas, frequentemente alheias à voracidade do mercado e da lógica de «novidade editorial», e as mediadoras auscultam estas sugestões, incluindo as obras mais referidas numa das sessões seguintes ou, no caso do Heróides, elaborando uma lista, que é mais tarde votada pelas pessoas participantes. Desta lista, emerge o livro mais votado pela comunidade, posteriormente debatido nas sessões presenciais.

Este método informal agrada, de modo geral. A entrevistada H referia, na entrevista semidiretiva, o conforto associado anão estar envolvida na seleção. São os livros que vão ter com as pessoas participantes, mais do que o contrário, e estas acolhem-nos de bom grado. Apreciados ou não, essa discussão já é tida em plena sessão. A entrevistada J, na entrevista semidiretiva, referia, com sentido de humor, que o processo se assemelhava um *blind date*: «Não sei ao que vou, mas confio que pode ser interessante e aceito o desconhecido.»[18]

Desta forma, é validada pelas participantes a seleção das obras feita por outrem, a quem reconhecem conhecimento e preparação para o efeito. No alinhamento ao combate a um discurso opressor (Fonseca, 2017), existe a assunção estrutural de que a escolha feita por outrem não compromete, em momento algum, a voz ativa das participantes. As mulheres aceitam que a obra escolhida as pode surpreender, desiludir, comover, irritar, mas, em qualquer caso, lhes trará o benefício da aproximação cultural ao desconhecido. Não verifiquei que se estabelecesse a relação enviesada entre dificuldade da leitura e qualidade da obra, nem essa pareceu ser uma questão relevante para as leitoras. Embora pareça haver um distanciamento em relação à literatura comercial, também não se constata uma restrição inequívoca a autores e autoras ditos de nicho ou pouco vendáveis. Em resumo, com referência à apreciação qualitativa das entrevistas que efetuei, é possível inferir que o volume de vendas (que chega aos leitores pelo destaque de número de edições em chamada de capa) ou a categoria «bestseller» não são valorizados pelas leitoras.

[18] Entrevista em modo remoto, 5 de março de 2025, 15h.

A curadoria nos clubes LM Lx e Heróides reflete uma escolha política. A escolha de obras de autoras e de temáticas emancipatórias visa criar um espaço próprio para que as mulheres expressem experiências, politizando o ato de ler (Petersen, 2017).

As obras selecionadas para as sessões dos clubes, entre setembro de 2024 e final de 2025, foram as seguintes:

Tabela 1. Obras selecionadas para debate no Leia Mulheres Lx (set. 2024-jun. 2025).

22 de setembro	*O Meu Pai Voava,* de Tânia Ganho
13 de outubro	*As Inseparáveis*, de Simone de Beauvoir
10 de novembro 2024	*Admirável Mundo Verde*, de Filipa Fonseca Silva
15 de dezembro 2024	*Poemas Escolhidos*, de Rosario Castellanos
26 de janeiro	*O Caderno Proibido*, Alba de Céspedes
22 de fevereiro	*Do Outro Lado do Sonho*, Ursula LeGuin
23 de março	*A Glória e Seu Cortejo de Horrores*, Fernanda Torres
26 de abril	*Corpo Vegetal*, Julieta Monginho
31 de maio	*A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector
28 de junho	*As Moscas de Outono*, Irène Nemirovsky

Tabela 2. Obras selecionadas para debate no Heróides (dez. 2024-dez. 2025).

21 de dezembro	Presencial | Porto (sede da Cassandra)	Sem convidado. Livro escolhido pela comunidade: *A Desobediente*, Patrícia Reis
25 de janeiro	*Online*	*As Malditas*, de Camilla Sousa Villada. Participação de Ary Teixeira
22 de fevereiro	*Online*	*A Morte e o Pinguim*, de AndreiKurkov. Participação de IrynaShev
29 de março	Presencial | Viseu	Livro escolhido pela comunidade: *Caruncho*, de LaylaMartínez. Sem convidado.
26 de abril	*Online*	*Irmã Marginal*, de Audre Lorde. Participação de Luísa Semedo.
31 de maio	*Online*	*Tudo do Amor*, bell hooks
28 de junho	Presencial | Lisboa	*A Parede*, de Marlon Haushofer. Participação de Gilda Encarnação.
26 de julho	*Online*	*O Filho de Mil Homens*, de Valter Hugo Mãe. Participação de Marta Gomes.
30 de agosto	*Online*	*A Louca de Serrano*, de Dina Salústio. Participação de Ana Paula Tavares.
20 de setembro	*Online*	*As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck. Participação de Miguel Duarte.
25 de outubro	*Online*	*Rifka*, de Mhamed El-Kurd. Participação de Margarida David Cardoso.
29 de novembro	*Online*	(A confirmar)
20 de dezembro	Presencial | Porto (sede da Cassandra)	*Artistas, Artesãs, Pioneiras*, de Maria Antónia Fiadeiro. Participação de Rosa Azevedo.

O programa de leituras de ambos os clubes alinha-se em eixos significativos, nomeadamente na diversidade autoral, em confronto com o cânone, e na exploração de temas de resistência, identidade e subjetividade, embora com distinções.

As obras selecionadas para o LM Lx, no período observado, refletem uma preocupação clara com a diversidade de estilos e épocas, menos focada na diversidade étnico-racial ou geopolítica. Prevalecem narrativas que aportam ao debate contextos domésticos, afetivos e políticos, bem como relações de género e afetos. Estão omnipresentes autoras europeias e latino-americanas, clássicas e contemporâneas: Simone de Beauvoir (*As Inseparáveis*), Clarice Lispector (*A Paixão Segundo G.H.*), Alba de Céspedes (*O Caderno Proibido*), Tânia Ganho (*O Meu Pai Voava*), Julieta Monginho (*Corpo Vegetal*), Filipa Fonseca Silva (*Admirável Mundo Verde*), Rosario Castellanos (*Poemas Escolhidos*).

Este ponto específico é revelador de como a geografia determina a escolha das obras a ler. Tomando como referência o estudo levado a cabo sobre os clubes LM (Amorim, 2024), no Brasil, onde a desigualdade racial é uma dimensão social estruturante, percebemos que a branquitude e a marginalidade das obras de pessoas trans, mulheres negras e mulheres indígenas atravessa os vários núcleos do movimento. Contudo, no LM Lx, o recorte racial acaba por não ser diretamente abordado nos encontros observados.

Apesar de o LM se apresentar globalmente como um projeto com um objetivo comum, assume contornos distintos nos diferentes núcleos, espelhando as urgências do seu próprio contexto. Nos clubes brasileiros, o projeto anuncia uma militância interseccional; em Lisboa, a seleção das obras aponta para um viés focado no género, mas sem explicitar as suas distinções. O debate centra-se na experiência de ser mulher: escritora ou personagem ou leitora, sem aprofundar as especificidades.

Tomando como exemplos os clubes de Feira de Santana, Porto Alegre e Gravataí, no Brasil, observa-se que as desigualdades raciais são tratadas como dimensões estruturantes das discussões, o que se reflete diretamente na curadoria (Amorim, 2024; Petersen, 2017): são selecionadas obras de autoras negras, indígenas, trans e de outras identidades marginalizadas. Um exemplo simbólico vem do grupo Leia Mulheres de Feira de Santana, onde o livro inaugural escolhido para debate foi *Quarto de Despejo*[19]: a edição reúne os diários de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, sem educação formal, migrante de Sacramento, Minas Gerais, mãe

[19] Jesus, C. M. de. (1993). *Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*. Ática.

solteira e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé. Nesta linha, *Aykakyritama: Eu Moro na Cidade*[20], livro em que a poeta e geógrafa indígena brasileira Márcia Kambeba reflete sobre a sua origem indígena e a vida numa grande cidade, foi também uma das obras discutidas.

Nestes clubes brasileiros, ler mulheres significa ouvir mulheres negras, entendendo a leitura como um ato político de reconhecimento histórico. Sintetiza Amorim (2024) que, num movimento que combate a supremacia masculina, reconhecer mulheres trans como autoras dignas de debate é mais um passo para ampliar os horizontes do clube. Embora este seja ainda um terreno em expansão, a orientação geral é clara: no Brasil, o Leia Mulheres assumiu uma natureza fortemente interseccional. Em Lisboa, a questão surge de modo mais tímido, restrita a casos pontuais, quando alguma obra específica assim o provoca. A própria composição do grupo — formado na esmagadora maioria por leitoras brancas, como veremos adiante — influencia os temas que ganham voz, o que direciona os debates noutros sentidos. Mesmo quando a discussão aprofunda a representatividade de género, não se verificou, durante o período observado neste estudo, uma discussão sistemática sobre a sub-representação de mulheres negras ou de outros grupos racializados.

No Heróides, a curadoria privilegia o híbrido e o marginal. A seleção é mais geograficamente diversa e politicamente intencional. Clássicos como John Steinbeck (*As Vinhas da Ira*), provavelmente introduzido numa ótica de análise da exploração laboral e da migração, convive com a literatura marginal de Camilla Sosa Villada (*As Malditas*)[21]e com a denúncia do extermínio em Gaza de, por exemplo, Mhamed El-Kurd (*Rifka*)[22]. Também nesta curadoria, o pessoal é político. A desigualdade social e a resistência política permeiam as leituras, contudo emergem mais declaradamente obras e autoras com uma perspetiva da interseccionalidade que permite pensar além do binarismo — relacionando género, poder, raça, identidade *queer* e marginalidade — e ultrapassando a visão das mulheres como um conjunto homogéneo.

Ainda quanto à seleção das obras, verifica-se a perceção por parte das mediadoras do que poderá ser relevante para as pessoas participantes. Esta negociação não pretende atingir o consenso, antes pelo contrário. Pretende que as pessoas participantes, mais ou menos vocais nas suas preferências, mantenham o interesse no clube, nas suas dinâmicas e no seu objetivo primordial.

[20] Kambeba, M. W. (2018). *AyKakyriTama: Eu moro na cidade*. Jandaíra.
[21] Camila Sosa Villada. (2022). *As malditas*. BCF editores.
[22] El-Kurd, M. (2024). *Rifqa*. Antígona.

O Heróides e o Leia Mulheres Lx convergem na forma ritualizada como se organizam mensalmente. E as ritualidades (Rossi, 2022) fortalecem a relação entre o grupo: seja pela periodicidade regular, pela previsibilidade do calendário dos encontros ou pela familiaridade do rosto das mediadoras, a organização e o planeamento contribuem para a sensação de espaço seguro. Além disso, ambos privilegiam métodos verdadeiramente participativos e horizontais. A relação é de paridade, não de hierarquia, assente num fluxo comunicacional circular: entre mediadora e participantes; entre participantes; e entre participantes e mediadora.

Em todas as sessões, prevalece um espírito de informalidade, que assenta, no entanto, em regras predefinidas e aceites por todas as pessoas participantes (Long, 2003): aceitam-se e interiorizam-se as normas de funcionamento. Não são tolerados discursos de ódio, nem o apelo à violência — estes são espaços de discussão frutífera, não havendo lugar ao insulto nem à ofensa.

Não havendo uma liderança formal, existe antes uma mediação que convida à participação, e essa é uma particularidade dos clubes contemporâneos. Concordamos com Rossi (2022) quando reforça a importância dos procedimentos ritualizados por parte das mediadoras, nomeadamente além das sessões: «Fora do momento da reunião coletiva mensal, há a mediação das redes sociais digitais utilizadas pelas organizadoras para criação dos perfis de cada clube local e p de conteúdo literário, servindo também como repositório de fotos dos encontros. Somado a isso, os clubes possuem grupos privados em aplicativos de mensagens, por onde as leitoras podem conversar diariamente.»

Se o Heróides incita à dinamização e ao debate na rede social Discord, no caso do Leia Mulheres LX, a comunidade WhatsApp é particularmente ativa na sugestão de obras. As pessoas participantes sugerem, de forma informal, livros que leram recentemente e que dialogaram com elas de forma especial; outras estão atentas a relançamentos de obras ou autoras há muito ignoradas; outras estão ainda atentas às novidades nas livrarias. Estas partilhas geram comentários, apreciações, sugestões paralelas de outras obras que possam estar relacionadas com a conversa em curso.

De acordo com a minha observação, as sugestões informais que geram alcance junto do grupo capacitam quem as faz. Antes e depois das sessões, observei que as conversas informais entre participantes são tão ou mais significativas que as que decorrem durante as sessões propriamente ditas. Quando as suas sugestões são validadas e acolhidas pelos seus pares, as mulheres sentem-se motivadas a fazer mais sugestões, sem pudor relativamente ao seu capital

cultural. O grupo reveste-se de prontidão afetiva e intelectual para respeitar a sugestão daquela mulher, reforçando as relações pessoais já existentes e fomentando outras emergentes.

Os procedimentos dos clubes encerram uma finalidade comum: fomentar a partilha de experiências entre participantes, desmarginalizar as intervenções e ampliar, na medida da dimensão do clube, a legitimidade das leituras individuais, fazendo com que cada sessão, cada participação, cada partilha seja irrepetível. Por esta razão, verificamos, ao longo das sessões, presenciais e com continuidade das virtuais, a consolidação de uma forma de inteligência coletiva (Lévy, 1997), partilhada por todas as pessoas participantes, que é simultaneamente potenciada pelo contributo individual de cada uma. Não há sujeitos nulos neste contexto. Ao valorizar-se a inteligência coletiva, valoriza-se o saber de cada mulher, crucial para o desenvolvimento do grupo.

Ao longo da observação, presenciamos ainda uma negociação constante (Long, 2003) entre participantes e entre mediadora e participantes. As mediadoras fazem uma breve apresentação do clube, atendendo às participações estreantes, tentam quebrar o gelo incentivando a autoapresentação dos novos membros e inauguram o debate com algumas notas pessoais sobre a sua própria leitura. É neste momento que a discussão tem início.

Não sendo possível afirmar que são sempre as mesmas pessoas a tomar a iniciativa da abertura da discussão, testemunhei, no entanto, que algumas revelam à-vontade nesse sentido, sobretudo as que integram os clubes desde a sua origem. Não se trata de uma pretensa autoridade, antes de uma autolegitimação com origem em fatores diversos: são naturalmente propensas ao discurso público e não se inibem de o fazer; possuem alguma formação académica específica e entendem que o clube pode ser um espaço de esclarecimento (delas para o grupo); têm uma experiência de vida e profissional que, no seu entender, lhes permite discorrer sobre a obra, ou sobre alguns temas, com mais propriedade. Para todas as participações com estas características, há um contraponto por parte de outras participantes, que as equilibra e que, de alguma forma, restaura o espaço inicial e seguro ambicionado, no limite, por todas as participantes. Intervenções mais inflamadas têm, por norma, resposta em igual medida. No entanto, nunca são interrompidas nem censuradas pelas mediadoras. Em casos pontuais, observou-se que uma ou outra intervenção revestida de didatismo gerou silêncio ou ausência de resposta por parte do grupo.

A análise comparativa entre a dinâmica operativa e a seleção das obras no LM Lx e no Heróides permite compreender uma mediação cultural distinta, mas um alinhamento nas estratégias específicas de valorização da autoria feminina. Partilham o propósito de criar espaços

seguros de debate feminista, distinguindo-se, contudo, pela amplitude da abordagem: o LM Lx mantém o foco na representação de género e nas estruturas de opressão globais; o Heróides expande o compromisso no sentido de incluir a interseccionalidade e a diversidade global, trazendo para o debate experiências *queer* e lutas de resistência não eurocêntricas.

As obras selecionadas sustentam que tanto o LM Lx como o Heróides atuam intencionalmente como espaços de resistência e transformação social. As escolhas são, portanto, gestos conscientes de crítica cultural e política e de formação de consciência coletiva, coerentes com os princípios da metodologia feminista (Petersen, 2017).

Igualmente em sintonia, ambos os clubes se propõem valorizar a participação afetiva e intelectual: as dinâmicas que observei promovem o respeito pelas vozes individuais. A mediação horizontal — testemunhada pela ausência de hierarquia rígida nas discussões — é valorizada, bem como acessibilidade e o custo das obras. Em síntese, podemos sinalizar aproximações e distinções entre os clubes desta forma:

Tabela 3. Análise comparativa entre LM Lx e Heróides.

	Leia Mulheres Lisboa	**Heróides**
Critério de seleção	Representatividade de género (mulheres autoras)	Feminismo interseccional (raça, classe, geografia)
Origem da autoria	Predominantemente europeia e latino-americana	África, América Latina, Médio Oriente, Europa
Modalidade	Presenciais (Museu do Aljube)	*Online* + 2 presenciais/ano (locais variados)
Processo de escolha	Curadoria da mediadora, com sugestões de participantes	Escolha pelos convidados; votação comunitária para as sessões presenciais
Comunidade digital	Grupo de WhatsApp, Facebook, Instagram	Comunidade no Discord ativa e aberta ao debate, Facebook, Instagram

	Leia Mulheres Lisboa	Heróides
Foco da discussão	Experiências de mulheres na vida privada e política	Resistência, colonialismo, interseccionalidade, marginalidade
Ambiente	Informal, colaborativo, afetivo	Informal, político, acessível e conscientemente inclusivo

Não obstante as diferenças, «a leitura não é um luxo»[23] poderia ser a máxima comum ao LM Lx e Heróides. Se o LM Lx permanece crucial na prossecução do objetivo seminal de divulgação de mulheres escritoras, o Heróides propõe um passo adicional ao integrar programaticamente a crítica interseccional e a urgência da diversidade geopolítica.

Esta nota comparativa entre o LM Lx e o Heróides reforça a relevância da reflexão metodológica sobre o estudo dos CLF enquanto espaços de produção de conhecimento, de negociação cultural e de construção coletiva de sentidos. Quer no espaço físico quer no espaço virtual, a discussão em sede de CL alimenta forma de sociabilidade, de apreciação mútua, de afeto (Long, 2003), de inteligência coletiva (Lévy, 1997) e de elaboração de conhecimento. Conforme sinaliza Sedo (1992), e como pormenorizei ao longo da dissertação, a experiência no clube eleva, de facto, a narrativa de vida de uma mulher.

[23] Recuperando Lorde, A. (2023). *Poesia Não É Um Luxo*, Antígona, 2023.

CAPÍTULO 3

A TRANSLEITURA COMO PRÁTICA HERMENÊUTICA COLETIVA

3.1 Transleitura: leitura(s) além do texto

A experiência de leitura num CLF ultrapassa a relação entre leitoras e livro. Constitui um processo dinâmico de interação em público, mas num grupo circunscrito, com dimensões hermenêuticas, emocionais e também políticas, já que «a esfera pública e a esfera privada mantêm os seus rótulos implícitos de, respetivamente, masculina e feminina — independentemente de se aplicar ao espaço, ao tempo ou à actividade» (Schouten, 2012, p. 46). Ancorado na proposta de prática coletiva da leitura e na de que a leitura, no contexto de um clube desta natureza, é transacional (Sedo, 2004) — não apenas entre leitor e texto, mas também entre leitor, texto e grupo, apresenta-se o desenvolvimento do conceito de «transleitura», ampliando esta relação transicional às figuras das mediadoras e do espaço físico em que a sessão do clube ocorre.

A transleitura representa, portanto, numa perspetiva interdisciplinar entre teorias sociológicas da leitura e uma abordagem feminista crítica, um processo interpretativo que transcende a leitura linear do texto, incorporando múltiplos níveis de significado emergentes das experiências sociais, identitárias, físicas e coletivas das mulheres: «Lo íntimo y lo compartido están ligados de modo indisoluble en el acto de leer. Al leer, a menudo experimentamos al mismo tiempo nuestra verdad más íntima y nuestra humanidad compartida» (Petit, 2009, p. 123).O termo descreve o fenómeno relacional e multilateral da leitura em grupo que observei no Leia Mulheres Lisboa e no Heróides, uma leitura que vai «além de», ocorre «por meio de» e que fomenta algum nível de «transformação»: refere-se a uma leitura que vai além da decodificação individual do texto, englobando a dinâmica dialógica entre leitores, mediadora, espaço (físico ou virtual) e texto em si. As participantes aportam a sua partilha de entendimento, as mediadoras facilitam a troca, o espaço influencia o ambiente e o texto literário atua como ponto axial em torno do qual o sentido é coconstruído.

Do ponto de vista habermaseano do espaço público, a transleitura atua nos CLF em dois níveis: internamente, fortalecendo a capacidade discursiva das participantes; a um nível externo, gerando um discurso cultural coletivo, implicando uma prática dialógica orientada para o entendimento mútuo. Sob esta luz, os CL consubstanciam-se como espaços de consumo cultural,

mas também ambientes de produção crítica e política ativa, onde os participantes se posicionam como agentes conscientes de transformação social.

Num enquadramento teórico, a transleitura dialoga com a abordagem hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, com a premissa de interpretação multilateral que gera fusão de horizontes (Gadamer, 1997). Ao rejeitar a neutralidade do sujeito interpretante e a separação formal entre sujeito e objeto, Gadamer propõe que compreender é sempre um ato situado, em que o horizonte histórico e cultural do intérprete se cruza com o horizonte do texto ou do outro, possibilitando uma transformação mútua dos significados.

Este conceito adquire particular profundidade quando aplicado à prática da leitura partilhada em CLF e em círculos interpretativos de natureza semelhante, onde o ato da leitura transcende o âmbito individual. Cada participante se aproxima do texto com o seu próprio horizonte — histórico, social, emocional — e é nesse diálogo que emerge uma nova configuração de sentido.

Ao serem convocadas diferentes vozes num clube de leitura, nomeadamente em contextos de género, raça ou classe social, a interpretação textual torna-se também uma negociação de alteridades, com cada uma das leitoras cedendo fragmentos do seu mundo, que, por sua vez, reconfigura o entendimento dos das demais.

Este processo reclama uma posição mais significativa nas práticas de leitura feminista, em que a experiência do corpo, os fluxos de consciência, da memória e da exclusão histórica se se debruçam sobre as obras debatidas. Mais do que um sentido único e definitivo, o que permeia a leitura partilhada é um sentido contextual e relacional, o que se revela plenamente nas dinâmicas dos clubes de leitura, onde compreender é ser transformado (Gadamer, 1997).

O conjunto de experiências, conhecimentos e expectativas das leitoras — o seu «horizonte» — molda a sua interpretação textual. No contexto dialógico de um clube, esses múltiplos horizontes confrontam-se, articulam-se, convergem e divergem: «then so it always involves the formation of a new context of meaning that enables integration of what is otherwise unfamiliar, strange or anomalous. In this respect, all understanding involves a process of mediation and dialogue between what is familiar and what is alien in which neither remains unaffected»[24] (Malpas, 2022).

No contexto da transleitura, a reabilitação dos preconceitos como condição positiva para o conhecimento (Santiago & Miranda, 2019) e como estrutura prévia de compreensão permite uma

[24] Hans-Georg Gadamer, Stanford Encyclopedia of Philosophy. Consultado em plato.stanford.edu/entries/gadamer, no dia 8 de junho, 14h30.

abordagem mais consciente das tradições interpretativas envolvidas num clube de leitura. As leitoras não procuram, de acordo com a minha interpretação das entrevistas semidiretivas, erradicar completamente os seus preconceitos, mas torná-los conscientes e integrá-los num diálogo frutuoso com outras perspetivas. Os significados emergem da interação entre as leitoras e entre estas e a obra e espaço, circularmente. Numa discussão sobre ficção literária, por exemplo, como observei em várias sessões de ambos os clubes, as pessoas participantes ajustam a sua interpretação à luz dos comentários umas das outras, alcançando eventualmente uma compreensão compartilhada que não é idêntica nem à visão inicial nem à eventual intenção original do texto, mas algo novo, cocriado, exercitando a compreensão genuína de perspetivas alheias, condição essencial para a construção conjunta de sentido.

Cada encontro de cada um destes clubes demonstra, em pequena escala, os processos de cocriação de significado, de escuta ativa e formação de comunidade, que estão na essência deste conceito. Seja na sala de um museu debatendo Ursula K. LeGuin, seja numa ligação remota a discutir bell hooks, as pessoas participam de um fenómeno complexo em que ler é, ao mesmo tempo, interpretar, sentir, compartilhar e transformar. A simultaneidade de planos — do textual ao social — reconhece o valor dos CLF como laboratórios de diálogo e cidadania cultural. As pessoas participantes do clube atravessam, por meio da leitura, fronteiras — sejam elas disciplinares, culturais, linguísticas ou temporais — construindo sentidos a partir de interações interpretativas.

Na transleitura ocorrida em contexto de CLF, o processo é intensificado e complexificado, pois não se trata apenas da fusão entre o horizonte da leitora e o de um texto específico, mas da negociação entre múltiplos horizontes hermenêuticos que caracterizam diferentes tradições pessoais. Ao trocar interpretações e valorizar diferentes leituras, as pessoas participantes dos clubes mobilizam formas específicas de capital simbólico e cultural (Bourdieu, 2010), fortalecendo simultaneamente identidades individuais e coletivas, criando redes sólidas de sociabilidade e solidariedade com implicações profundas na estrutura social mais ampla e no próprio desenvolvimento integral de cada uma. As leitoras trazem angústias, concordâncias e discordâncias, num processo que lembra um jogo hermenêutico onde o significado do texto é continuamente renegociado.

As leitoras negoceiam coletivamente os sentidos (Long, 2003), esforçando-se deliberadamente para reler os textos sob óticas distintas das suas tradicionais. Verificamo-lo empiricamente nas sessões dos clubes LM Lx e Heróides, momentos em que a compreensão da

transleitura como prática hermenêutica se enriquece com a análise do papel dos intermediários culturais na circulação de significados: a mediadora, ou facilitadora do clube de leitura, revelou-se um elemento central ao longo da observação e, decorrentemente, da proposta deste conceito. A mediadora atua como elo entre o texto e as leitoras, orientando a conversa, lançando perguntas e garantindo que múltiplas vozes são ouvidas. Podemos entender a mediadora como intermediária cultural (Weber, Parnell e Dane, 2023) no sentido em que amplifica o alcance da receção.

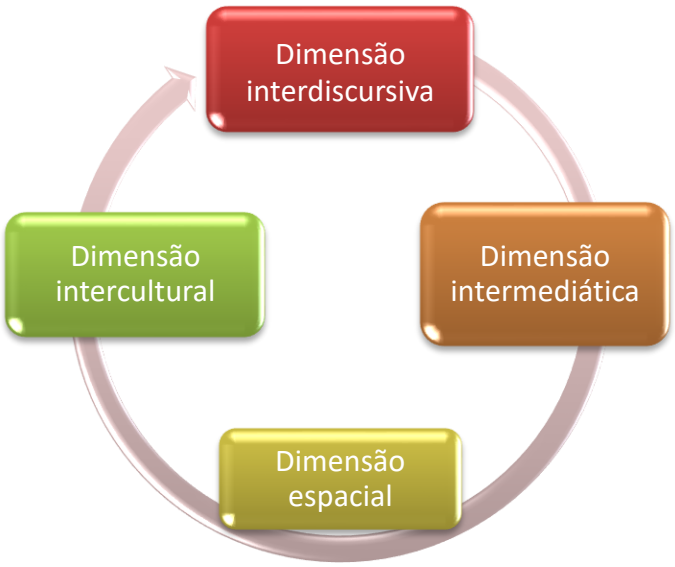
Em grande medida impercetível, mas crucial, a intermediação cultural produz efeitos concretos na experiência de leitura coletiva. No clube Heróides, como se referiu, cada sessão conta com um convidado que introduz a obra do mês e modera o debate. Esta mediação não é neutra: ao mesmo tempo que orienta o olhar das pessoas participantes para certos aspetos — seja o percurso de vida do autor ou autora em debate, seja a mensagem política do texto —, guia também a construção de sentido coletiva. Concomitantemente, a mediadora mantém a abertura para as contribuições espontâneas das leitoras, num equilíbrio entre orientação e liberdade dialógica. Podemos, então, inferir que a mediadora ajuda a estabelecer um horizonte comum para a interpretação (retomando Gadamer), sem, contudo, fechar a pluralidade de sentidos possíveis. A função da mediadora também se relaciona com o conceito de liderança de pensamento dentro do grupo: a mediadora pode legitimar certas interpretações ou questionamentos, funcionando como uma referência que pode tanto incentivar quanto redirecionar o curso da conversa, reforçando a ideia gadameriana de que a compreensão só ocorre na medida em que os horizontes interpretativos se expandem através do encontro com a alteridade.

As mediadoras exercem, ainda, uma função de contenção emocional de apoio às ansiedades e emoções de quem está nas sessões. Em muitas ocasiões, quando a obra ou o discurso se aproxima de temas como violência de género, trauma, opressão, e quando as próprias experiências pessoais vêm à tona, a mediadora, com o apoio do grupo, exerce essa contenção. Por exemplo, durante a leitura de um relato de abuso, é possível que alguma pessoa se sinta abalada ou recorde experiências difíceis. A mediadora oferece apoio emocional, reconhecendo a dificuldade, convidando à pausa ou à reflexão coletiva sobre o tema, de modo que a angústia se conduza no sentido da compreensão compartilhada. Mais do que momentos em que as emoções transbordam de forma desestruturada, a mediadora canaliza-a para uma discussão produtiva e acolhedora. Desta forma, a transleitura não se remete unicamente para interpretação textual, apontando também e em grande medida à concretização de afetos em grupo — a mediadora age

como facilitadora de uma atmosfera segura, na qual cada mulher se sente livre para expressar um histórico emocional, sabendo que será validado coletivamente.

Um traço marcante da transleitura é que requer diferentes vozes e ações para compor o mosaico interpretativo e, para que haja verdadeira partilha, cada participante exercita o respeito pelas experiências alheias. Esta prática da escuta ativa contribui para a coesão do grupo e para o sentimento de comunidade (Sedo, 2003; Long, 2003), frequentemente se traduz em sororidade, um sentido de irmandade intelectual e emocional entre as leitoras: «book clubs are much more likely to be "point-driven" gatherings where members have "transactional" discussions that help them construct themes or larger symbols in a text alongside their own lived stories (Addington, 2001; Beach & Yussen, 2011 conforme citado em Vandergriff *et al*., p. 4).

Podemos identificar quatro dimensões fundamentais no processo de transleitura, que se entrecruzam circularmente e no mesmo plano.



a) Uma dimensão intercultural, referente à capacidade de ler por meio de diferentes tradições culturais, reconhecendo especificidades, semelhanças e distinções entre elas. Esta dimensão dialoga diretamente com a conceção gadameriana de tradição: «Para a elucidação do conceito de tradição é preciso buscar compreender como o *Novo* vem à luz pela mediação do *Antigo*. Neste sentido, é preciso reconhecer que o nosso passado é de fundamental importância para o alcance da compreensão e formação do conhecimento do mundo e de nós mesmos. Compreender o

mundo é, ao mesmo tempo, compreendermos como sendo no mundo.» (Santiago & Miranda, 2019, p. 44).

b) Uma dimensão intermediática, no que diz respeito à navegação entre diferentes suportes mediáticos e às transformações que os processos de leitura sofrem ao ocorrerem por diferentes plataformas. Esta dimensão é particularmente relevante no contexto contemporâneo, marcado pela proliferação de novos meios e formatos de leitura emergentes (porventura fluidos, mas muito mais fragmentados por comparação com a leitura tradicional).

c) Uma dimensão interdiscursiva, que envolve a capacidade de reconhecer e negociar diferentes regimes discursivos, estabelecendo diálogos produtivos entre distintas áreas do conhecimento, géneros textuais e estratégias retóricas.

d) Dimensão espacial, reconhecendo que o meio envolvente — seja ele intimista, público ou natural — influencia diretamente e profundamente a experiência leitora. Uma sessão ao ar livre aporta desafios que uma sessão num espaço confortável, como uma sala aquecida, não indicia, o que condiciona a experiência individual da leitura.

Estas quatro dimensões não são operativas de forma isolada; constituem, sim, uma teia relacional que configura a transleitura como processo interpretativo situado e plural.

O aspeto comunitário da leitura coletiva, e circular como ilustrado acima, contrasta fundamentalmente com a experiência individual, que não gera os mesmos benefícios sociais. Neste percurso circular, a leitura coletiva mitiga a solidão intelectual característica da modernidade líquida (Bauman, 2000), criando espaços para a expressão de vulnerabilidades interpretativas. A dimensão emocional da prática coletiva relaciona-se diretamente com o conceito de transleitura como experiência de acolhimento das diferenças — o texto converte-se em mediador simbólico que permite a expressão de subjetividades, ainda que gere um confronto direto.

Somos «seres hermenêuticos dentro da tradição» (Lawn conforme citado em Santiago & Miranda, p. 48) e é precisamente esta condição que torna possível e necessária a transleitura como prática de mediação e diálogo. Num mundo cada vez mais marcado pela fragmentação cultural e pela proliferação de plataformas mediáticas, compreender a postura epistemológica do processo de transleitura favorece a construção de ligações e redes significativas entre tradições, discursos e horizontes culturais. É justamente num cenário de superficialidade que o processo se

revela mais necessário, abrindo caminhos para uma relação crítica, consciente e produtiva com a multiplicidade de textos e tradições que nos cercam.

3.2 A leitura como prática libertadora

Entendendo os clubes de leitura como espaços de formação crítica, como círculos intelectuais informais, entendemo-los também como possibilidade de espaço capacitador, onde se testemunha «a criação de um vínculo de apoio, aprendizado e resistência entre as mulheres» (Xavier, 2018, p.49). Estes grupos literários informais atuam, na atualidade, como círculos de problematização em que as leitoras partilham experiências e questionam papéis sociais impostos, onde integram uma tomada de consciência crítica e coletiva.

Convocando uma discussão que extrapola o texto, permeia o território da vivência pessoal e incentiva as pessoas participantes a refletir sobre as estruturas de poder vigentes nas suas próprias vidas, a natureza libertadora de um CLF não se limita à ampliação do número de obras lidas. Não será surpreendente que muitos CLF assumam explicitamente a vontade política e crítica de, recuperando uma tradição escolar, promover leitores capacitados, capazes de «critique the world around them and advocate for social change» (Jocius & Shealy, 2018, p. 691). Nos CLF, a leitura não é um ato meramente recreativo — é um exercício concreto de liberdade, no qual as mulheres se reconhecem enquanto sujeitas do conhecimento e se incentivam mutuamente na procura de crescimento pessoal.

Desta maneira, a prática da leitura demonstra um potencial libertador, catalisando a autonomia de pensamento em diversas esferas. No debate e na leitura conjuntos, as mulheres fortalecem-se intelectualmente, elaboram compreensões aprofundadas sobre si e sobre o mundo, questionam desigualdades e afirmam o seu protagonismo.

No seguimento deste ponto, é possível adiantar que a leitura concretizada em clubes e círculos de leitura revelam papel significativo na formação de comunidades solidárias. O encontro em torno de um texto favorece a coesão desses grupos: são uma importante ferramenta de interação social, nos quais «a partilha de pontos de vista, opiniões e experiências pessoais, além de conhecer pessoas com interesses em comum» constituem aspetos centrais da participação (Xavier, 2018, p. 3). Concretizando de forma mais aprofundada, ao partilhar uma interpretação relacionada com a obra lida, as mulheres participantes reforçam vínculos de confiança e camaradagem, elementos estruturantes de uma comunidade solidária.

No caso específico de CLF, estes vínculos revelam-se ainda mais determinantes. Na sua génese, os círculos literários femininos constituíram espaços seguros para as mulheres se expressarem livremente num contexto social opressor e, por extensão, geraram redes de solidariedade: laços de sororidade. O legado de apoio mútuo persiste nos clubes de leitura contemporâneos, pelo que a tradição da partilha de desafios, triunfos e angústias é atentamente mantida pelos círculos.

A relevância dos CL na promoção de bem-estar das participantes não é um aspeto menor. A leitura em grupo pode efetivamente humanizar e reintegrar mulheres em situação de isolamento, fortalecendo laços comunitários a partir do exercício da autorreflexão, onde anteriormente só existia alienação.

MacGillivray *et al*. (2019), ao observar um CL num centro de recuperação para mulheres vítimas de abusos e dependências, identificaram que a experiência atendia a necessidades sociais e emocionais profundas, verificando como benefício muito claro a reconstrução da voz e da capacidade de expressão das participantes. O clube providenciava a estas mulheres — vítimas de violência ou que sofreram contextos de silenciamento e que frequentavam este ambiente de vulnerabilidade — o sentimento de pertença, a sensação de normalidade e alguma autonomia nas suas vidas: «We found primary social functions of the book club as developing: 1) a Reading identity through the habit o freading and discussing books, 2) a sense of belonging to a book club, and 3) a sense of normalcy» (MacGillivray*et al*., 2019, p. 10). Ao participar das discussões literárias, aquelas mulheres, marginalizadas, sentiam-se parte de uma comunidade solidária, recuperando de alguma forma, ou parcialmente, as suas próprias narrativas, e frequentemente, alegria: «By sharing her joy, she emphasized reading as a delightful, captivating activity. Her enthusiasm encouraged others to try reading the book and modeled one way to express their strong feelings for a text. They often reported that hearing others laughing while reading, motivated them to read» (MacGillivray *et al*., 2019, p. 11).

Para mulheres que estão em momento de recuperação ou fortalecimento de autoestima, testemunhar a sua participação respeitada numa discussão do grupo é um passo significativo de conquista de poder pessoal. Relatar interpretações pessoais de um texto cria um espaço de fala protegido, no qual as mulheres podem gradualmente reconstruir a confiança na sua própria voz: «With increasing value given to each individual's thinking, the quality of conversation produced from a book club can increase community» (Beach & Yussen, 2011 conforme citado em Petrich, 2015, p. 1).

Também no contexto escolar, a dinâmica de um CL demonstra potencial para inspirar solidariedade e colaboração. Num estudo levado a cabo com jovens e adolescentes, Petrich observou que os clubes de leitura de participação voluntária permitiram que os alunos participantes estreitassem relações interpessoais ao mesmo tempo que aprofundavam experiências de leituras: «With disengaged students or stressed environments, academic learning and social development is lost. Book clubs could possibly provide hope to students because they have their own control of the learning requirements and naturally are more engaged because they are setting the level of rigor. In having control, students could express and meet their social emotional needs as a community» (Petrich, 2015, p. 3).

As discussões informais sobre os livros incentivaram os alunos a envolver-se na vida dos colegas, desenvolvendo empatia e compreensão mútua, e, na sequência das conquistas individuais partilhadas nos debates, os estudantes sentiram-se impelidos a pensar por si numa comunidade de perspetivas diversas (Petrich, 2015, p. 8). O ato de discutir coletivamente uma obra sedimentou o sentido de comunidade em sala de aula e os adolescentes sentiram-se individualmente escutados e encorajados à expressão, forjando uma maqueta de sociedade solidária nascida em torno da leitura.

Nos CLF, a comunidade solidária evolui no sentido de uma rede de apoio emocional. As pessoas participantes desenvolvem confiança umas nas outras à medida que partilham interpretações e também relatos pessoais. Da partilha emergem identificação e conforto («Não estou sozinha nas minhas vivências.»[25]), mas igualmente uma mobilização conjunta («O que podemos fazer a respeito disto?»[26]), catalisadores de comunhão: as mulheres unem-se pelo reconhecimento de jornadas pessoais comuns e pela procura agregadora de significado e mudança.

No contexto de um grupo literário, a confiança é particularmente valiosa: mulheres que se sentiam isoladas numa dor encontraram acolhimento e compreensão mútua. Com o tempo, os vínculos estendem-se além das semelhanças imediatas. Trazendo essa perspetiva para o tema em estudo, inferimos que num CLF, que reúne mulheres de origens diversas – diferentes idades, geografias ou experiências de trauma – cada mulher sabe que não está sozinha com os seus desafios. Outro aspeto fundamental reside na transformação pessoal e social viabilizada pelos CL. No nível pessoal, a leitura partilhada atua ainda de forma terapêutica. A intencionalidade de

[25]Entrevistada D, 9 de fevereiro, 11h, entrevista presencial no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.
[26]Entrevistada J, 5 de março, 15h (entrevista em modo remoto).

desenvolver a inteligência emocional das participantes — componente-chave da capacitação, do autoconhecimento, da autorregulação e assertividade — por meio da leitura aporta a sua ressignificação social de vítimas silenciadas (quando é o caso) a sobreviventes com voz ativa, cidadãs mais capazes na esfera social.

Analogamente, mesmo mulheres que não protagonizaram histórias de sobrevivência a formas de violência, quando capacitadas num círculo de leitura, tendem a levar adiante o compromisso. Muitas tornam-se mais ativas nas suas comunidades, nomeadamente participando em iniciativas de apoio a outras mulheres, sentido que o crescimento pessoal proporcionado pelo clube não transformou apenas as suas vidas individuais, mas expandiu-se socialmente, na medida em que as mulheres fortalecidas tornam-se, elas próprias, agentes de mudança no seu meio social (Petrich, 2015; Dobson, 2023).

3.3 Leitura partilhada e construção de comunidades solidárias

Um CL transcende o papel de passatempo intelectual e ascende a uma forma de comunidade de prática emancipatória. A leitura como catalisador de empoderamento demonstra que ler em comunidade é um ato de resistência e transformação. As críticas condescendentes que descrevem os CLF como círculos pouco sérios, direcionados para a rápida gratificação emocional e o fomento de relacionamentos femininos (Clarke, 2014, p. 124), ignoram a complexidade e o valor das comunidades de leitura. O estereótipo reducionista associado aos CLF é contrariado pelos dados obtidos ao longo das entrevistas semidiretivas e pelos resultados do inquérito, obtidos no âmbito deste estudo. As pessoas entrevistadas afirmaram que a participação nos clubes tem um impacto concreto nas suas vidas, em linha com outros estudos realizados: «The overwhelming majority felt that the book club contributed positively to their quality of life» (Clarke, 2014, p. 125).

As pessoas participantes integram os clubes por diversos motivos, que vão do lazer e do aperfeiçoamento da leitura à necessidade de convívio e combate ao isolamento social, e as que reconhecem uma motivação emocional são capazes de a verbalizar ou transcrever. Com base nas respostas obtidas no inquérito, não podemos confirmar a hipótese inicial de que a adesão está sempre diretamente ligada a uma dor emocional, mas, em 87 respostas, 18 participantes relacionam uma crise pessoal com a decisão de participar no clube: 5 respostas relacionam-na com o fim de uma relação amorosa e decorrente solidão sentida; 4 sofreram violência doméstica ou viveram nesse contexto; 5 identificaram o confinamento e isolamento durante a pandemia de covid como fator de motivação. Uma resposta identificou como principal motivo o fim abrupto de

um clube que frequentava anteriormente e sentiu urgência em colmatar a situação. Por fim, uma participante referiu a herança familiar de um avô republicano e feminista como fator de motivação.

Ainda assim, a maioria das respostas positivas à questão sobre se a decisão de frequentar um CLF se relaciona com um evento específico da vida pessoal confirma que as pessoas participantes procuram simultaneamente «social contact and intimacy; and intellectual development» (Clarke, 2014, p. 123). A entrevistada H enfatizou o conforto emocional fornecido pelo grupo em momentos difíceis[27]; três entrevistadas (B, H e J) destacaram ainda o fortalecimento de laços de amizade e a oportunidade de expandir horizontes ao ler livros que não leriam de forma autónoma. Não apoucando as sessões a eventos sociais prazerosos, embora valorizando-as dessa forma também, conclui-se que as pessoas valorizam enormemente a dedicação sugerida pelo ato de ler em comunidade, que atende a emoções e necessidades genuínas — de sociabilidade, empatia e expressão —, sobretudo para leitoras que encontraram no clube um ambiente de escuta e diálogo.

No eventual processo de cura emocional alicerçado na leitura coletiva, participa o sentimento de alívio perante traumas ou injustiças. O que se rotula pejorativamente de relações femininas nutridas nos clubes de leitura, como Clarke (2014) referiu, são, na verdade, uma poderosa comunidade, um círculo virtuoso de reflexão, apoio emocional e capacitação. Nos clubes feministas, o laço entre mulheres é político e terapêutico: a confiança no grupo encoraja e facilita o depoimento de dores grupalmente partilhadas (desde experiências de machismo a formas transversais de violência ou discriminação).

Neste espaço de leitura, permite-se que algumas feridas emocionais sejam lentamente curadas e que as participantes se sintam mais fortes e conscientes: o ato comunitário de cura encontra histórias dolorosas que alinham as pessoas em torno de lutas comuns.

Contudo, e apesar das aproximações, os clubes não se constituem como mero ato de consenso grupal. Em várias ocasiões, o debate acorda na discordância, permitindo que visões divergentes — desde críticas às personagens, à própria narrativa ou à abordagem histórica do livro — sejam expressas abertamente. Entre consenso e dissenso, as leitoras dialogam, revertem narrativas hegemónicas e refletem sobre injustiças sociais, mobilizando solidariedade nas discussões.

[27] Entrevista em modo remoto, 2 de março de 2025, 19h.

Desta forma, o LM Lx e o Heróides emergem como microcosmos de transformação cultural, onde o texto é apenas o ponto de partida para uma experiência relacional e dialógica. O pacto conjunto para combater ativamente a violência sobre as mulheres, generalizadamente aceite, reforça uma pedagogia que valoriza a alteridade, que reconhece a interseção entre palavra, corpo e experiência — ler é, em última instância, reexistir por meio de um conjunto de participantes fortalecido.

CAPÍTULO 4

DO HÁBITO À RESISTÊNCIA: RETRATO QUALITATIVO E QUANTITATIVO DA LEITURA POR CONVICÇÃO

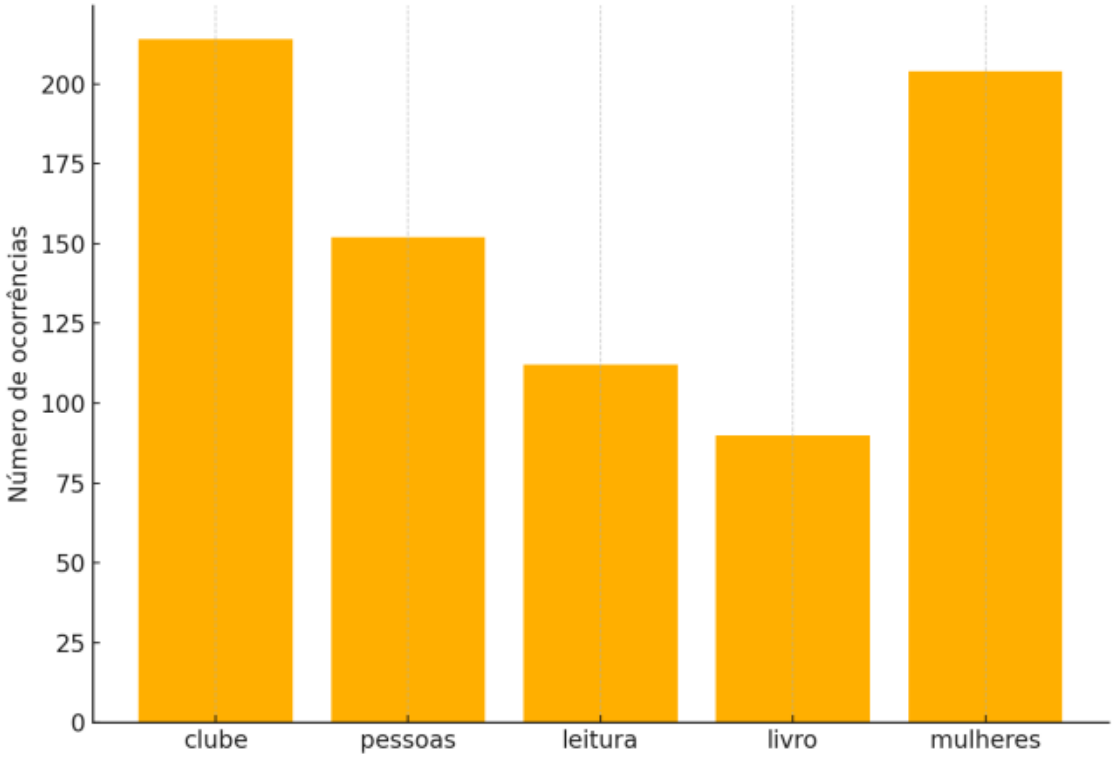
4.1 Narrativas femininas e experiências leitoras: uma análise qualitativa

Os CLF constituem espaços de leitura por entre muitos outros que compõem o espaço cultural literário contemporâneo. As leituras ocorridas não são mais autênticas ou válidas do que as que ocorrem noutros, no entanto, na qualidade de «key sites of reading in modern societies» (Clarke & Nolan, 2014, conforme citado em Hartley & Turvey; Poole; Sedo; Swann & Allington, p. 123), revestem-se com as suas próprias convenções e disposições que influenciam a forma como as obras são ali debatidas.

Ao analisar aprofundadamente as 13 entrevistas semidiretivas e as 87 respostas ao inquérito, concluímos que a leitura feminista, enquanto prática coletiva ou individual, ou objeto de estudo, se revela uma via privilegiada para pensar o lugar da mulher na sociedade, na cultura e na história; não será apenas uma leitura de lazer, mas um refúgio de construção identitária e resistência emocional (Johnson, 2024).

Com o intuito de compreender as dinâmicas simbólicas e os núcleos de sentido que estruturam a experiência das pessoas entrevistadas, foi realizada uma análise de frequência lexical e de conteúdo temático sobre o corpus das entrevistas recolhidas, conforme recomendado por Bryman (2012, p. 295): «[…] the counting of the frequency with which certain words occur is sometimes undertaken in content analysis. However, the use of some words rather than others can often be of some significance.»

A análise baseou-se na contagem da incidência absoluta de palavras, identificando padrões relevantes e a articulação destes com categorias interpretativas. Os vocábulos mais recorrentes no discurso das pessoas entrevistadas revelaram o foco da atenção, mas também as estruturas afetivas e comunitárias subjacentes às suas vivências.



Quadro 1. Incidência vocabular predominante registada nas entrevistas semidiretivas.

Verificaram-se, assim, as seguintes predominâncias: «clube» (214 ocorrências) e «mulheres» (204), reforçando a importância da dimensão coletiva e ritualizada da prática leitora — o clube é invocado como espaço físico e institucional, mas igualmente como categoria de pertença e identidade relacional; «pessoas» (152 ocorrências), sinalizando a ênfase na relação humana e na construção de vínculos, em linha com a proposta de Sedo (2004) sobre a leitura como experiência transacional; «leitura» (112) e «livro» (90), consolidando a prática cultural aqui em análise; «sentido», «sinto», «mim», «ser», menos frequentes, mas comuns e espontâneas em todas as entrevistas, marcas da oralidade que reforçam a leitura como processo hermenêutico de autocompreensão (Gadamer, 1997). Por fim, «sim» (119 ocorrências) pode revelar tendencialmente concordância. Foram aqui dominantes as formas pronominais que reforçam a dimensão comunitária («nós), mas também individual («eu») e que inscrevem a experiência coletiva e individual na continuidade dos clubes estudados.

As entrevistas semidiretivas apresentam um conjunto de sinais razoavelmente uniformes, tendo as respostas resultado em aproximações entre si. Apesar das dissonâncias expectáveis —

em parte, sobre a motivação primordial para aderir ao clube —, na globalidade, nas respostas identificaram-se muitas semelhanças, eventualmente decorrentes da homogeneidade da amostra (Bryman, 2012, p. 200), que, contudo, é representativa da própria homogeneidade dos grupos observados. A prevalência de mulheres entrevistadas e respondentes ao inquérito é significativa e reflete a composição dos grupos que frequentam o LM Lx e o Heróides, conforme observei ao longo do estudo: «it is clear that the question of whether there is or can be a feminist ethnography is a matter of ongoing debate» (Bryman, 2012, p. 455).

De uma maneira geral, as pessoas entrevistadas iniciaram a sua participação nos clubes política e socialmente motivadas, tendo recorrido a sugestões de familiares ou amigos para concretizar essa vontade. Apenas duas entrevistadas (D e J) pretendiam ativamente frequentar um «clube de leitura», sem obrigatoriedade de natureza programática, e encetaram a procura *online* nesse sentido. Verifica-se uma valorização da ficção com temáticas de género (referida mais afincadamente pelas entrevistadas F e H, cujas leituras académicas ocupam a maior parte do seu tempo disponível para a leitura) e a perceção dos clubes como espaços formativos, de escuta e diversidade de perspetivas. As entrevistas revelam que os clubes de leitura feministas são entendidos como espaços de partilha (Sedo, 2002), introspeção e crescimento pessoal (Clarke e Nolan, 2014) e que fomentam o desenvolvimento de redes sociais, culturais e afetivas. A prática da leitura em grupo favorece — consensualmente, de acordo com esta amostra de entrevistas — a introspeção sobre a condição feminina e sobre diferentes formas do seu entendimento.

O contexto pandémico foi identificado por seis pessoas entrevistadas como um catalisador para a sua adesão aos clubes de leitura, surgindo como resposta a um período marcado por isolamento social, incerteza e instabilidade emocional. O cenário da covid-19, que alterou profundamente as dinâmicas de sociabilidade e expôs fragilidades pessoais, gerou um terreno fértil para a procura de espaços de reconstrução pessoal. A leitura, nesse contexto, foi potenciada não apenas como prática cultural, mas também como forma de recentramento social. Os clubes de leitura, ao proporcionar encontros regulares, ainda que virtuais, configuraram-se como comunidades de pertença e escuta mútua, um contraponto simbólico à solidão imposta pela pandemia e ao sofrimento e perdas decorrentes, conforme comprovou, num estudo que relacionou a leitura com processos de luto, Koopman (2015, p. 32): «It was expected that high loss impact would impair cognitive abilities and consequently lead fewer people to read. On the contrary, however, respondents appeared more likely to read when the impact of the loss was high. In addition, the impact of the loss was related to experiencing more insight and more

recognition through reading for those who had experienced a recent loss (in the last year).» É relevante relembrar que o clube Heróides foi criado em pleno segundo confinamento em Portugal, em janeiro; o LM Lx iniciou a sua atividade em Lisboa logo após o desconfinamento.

O estudo de Koopman (2014) destacou a oscilação entre a vontade de distração relativamente à dor e o seu reconhecimento («distraction fulfills an important function during grief: it satisfies a need to escape from the stress and pain that loss causes», p. 25), duas funções referidas indiretamente nas entrevistas. A adesão ao CL pode não ter decorrido necessariamente de uma procura de sentido numa situação de fragilidade, mas antes uma forma de se manter em movimento quando tudo parecia suspenso, gesto de reexistência, sintetizando a recusa à imobilidade diante da dor. No decurso das entrevistas, houve lugar ao luto — pelas ausências, pelas exclusões, pela dureza da realidade —, e houve em igual medida sentido de reconfiguração pessoal por meio da leitura partilhada.

Cinco entrevistadas assistiram às primeiras sessões do clube Heróides em formato remoto, motivadas pelo desejo de ligação afetiva e ideológica no contexto de isolamento obrigatório. O clube assumiu-se como espaço confortável e seguro, cuja dinâmica se intensificou com o regresso aos encontros presenciais. As mesmas entrevistadas destacaram a relevância da sororidade e da rede informal de apoio estabelecida entre membros. O impacto desta vivência manifestou-se, também, numa crescente consciência feminista e na valorização de práticas culturais criadas por mulheres. O formato virtual, contudo, não é unanimemente aplaudido, como foi confirmado por Hendrickx (2015). Se, de facto, as potencialidades são tidas em conta, participantes que valorizam a autonomização da experiência num contexto alheio ao da residência experienciam reações ambivalentes: «During the pandemic, the political and social dimension of book clubs was dramatically changed, as historically book clubs would allow women to leave the domestic space. This was of course not possible during lockdowns, and this meant that book clubs no longer presented a space outside the home, uncomfortably blurring the boundaries between domestic and public spaces» (Hendrickx, 2025, p. 352).

No estudo de Hendrickx (2025), o foco recaiu sobre um clube de leitura *online* dedicado à ficção «domestic noir» durante a pandemia, um género que «then investigates and scrutinizing the home as a space that calls attention to gender inequalities, violence and fear for women. It often specifically deals with the experiences of women from white, middle class and heterosexual backgrounds, limiting its representation of femininity» (Hendrickx, 2025, p. 348). As obras debatidas, marcadas por violência doméstica e um ambiente opressivo, foram o mote para que

as participantes compartilhassem vivências de solidão e receios, aspetos que também ressoam nas entrevistas aqui em análise. Os participantes em geral reconheceram, até espontaneamente, que os clubes, em tempos de pandemia e pós-pandemia, foram lugares de reinvenção relacional e que o lar (a casa onde residiam), enquanto espaço de confinamento, se tornara simultaneamente cenário da opressão e campo da resistência simbólica, e a leitura, uma forma de transgressão subjetiva: «During the pandemic, the home then became an even more central space for everyday life, including homeschooling and often working from home, which further highlighted and exacerbated existing gender inequalities (Hendrickx, 2025, p. 348).

Na generalidade, o envolvimento nos CLF estudados revela uma pluralidade de intenções e motivações, que vão do desejo de debate crítico ou procura de companhia silenciosa até à valorização puramente literária, mas atravessando também a vontade escapista de se ausentar da casa. No entanto, importa sublinhar que quatro pessoas entrevistadas relataram ter iniciado a sua participação nos clubes após vivenciarem episódios de sofrimento pessoal, como luto ou divórcio. Para estas pessoas participantes, a leitura consubstanciou-se como recurso de elaboração emocional e o clube foi descrito, novamente, como um espaço seguro (Long, 2003) onde puderam reinscrever a sua experiência num registo simbólico e dialogante. A decisão de integrar um CL nestes momentos revela, portanto, o seu valor terapêutico (MacGillivray *et al*., 2019) e relacional, confirmando a sua importância enquanto rede de apoio.

De maneira similar, as entrevistadas refletem sobre como os clubes lhes proporcionaram oportunidades de interpretação de mulheres escritoras, do feminismo e de si mesmas, do discurso e da tradicional e pesada moralidade feminina (Gilligan, 1982) – mesmo quando silenciosa. Como a entrevistada J observou, muitas mulheres «não falam muito, mas estão»[28], o que evoca a ideia de *performance* silenciosa da presença e da resistência.

A noção de «espaço seguro» emergiu recorrentemente, embora cunhado como «espaço confortável» ou «espaço aberto» e confirma a literatura citada ao longo do estudo, nomeadamente Long (2003). Embora o termo tenha sido proposto na pergunta 1 do Anexo B, no bloco Dinâmicas do Grupo, as pessoas respondentes aderiram positivamente ao termo, associando-o à possibilidade de se expressar livremente. A entrevistada D, que admitiu grande timidez pessoal e relatou ter experienciado um episódio de hostilidade numa sessão, ainda assim, considerou o espaço positivo. A introversão natural foi referida por mais uma entrevistada (A),

[28] Entrevista em modo remoto, 5 de março de 2025, 15h.

tendo a entrevistada J dado mais ênfase ao tema. Não se sentindo particularmente confortável com o discurso em público, apontou para as tensões inerentes a qualquer espaço democrático de debate. Acompanhando todas as pessoas entrevistadas, reconheceu que o clube ampliou a sua atenção à produção cultural feita por mulheres, conduzindo-a a uma vigilância crítica mais apurada, resistindo, apesar disso, a qualquer idealização das mulheres ou a construções binárias simplistas entre géneros.

Apesar do consenso em alguns aspetos, as pessoas entrevistadas não idealizam a experiência, que nem sempre se concretiza de forma plena. Três participantes expressaram reservas quanto à real representatividade social dos clubes a que pertencem, considerando que «não são totalmente participados socialmente» (entrevistada E) e sublinhando que, apesar do seu potencial democrático, estes espaços tendem a reunir perfis relativamente homogéneos no que toca a classe social, nível de escolaridade e pertença étnico-racial, reproduzindo desigualdades estruturais da esfera social mais ampla. Estas limitações na representatividade étnico-racial e na interseccionalidade foram reforçadas especificamente em três entrevistas (E, H e I).

É possível interpretar esta composição como expressão de uma forma de capital cultural partilhada pelos participantes (Bourdieu, 2010), nomeadamente através de *habitus* semelhantes que privilegiam determinadas formas de consumo literário e modos de leitura legitimados. O acesso aos clubes e a participação ativa nestes espaços está frequentemente mediado por esse capital cultural incorporado, o que tende a excluir, ainda que de forma não intencional, leitores com trajetórias distintas. Esta constatação revela uma tensão central identificada pelas mesmas três pessoas entrevistadas (E, H e I): por um lado, os clubes afirmam-se como territórios de fortalecimento identitário e construção de si mesmo (Petit, 2013, p. 41); por outro, correm o risco de reproduzir mecanismos de exclusão e de reforçar hierarquias simbólicas.

A causa feminista é acolhida com diferentes intensidades, mas situa-se transversalmente presente como perspetiva crítica e transformadora e como cenário para reflexões sobre a representação, a diversidade e o papel da leitura na ampliação da consciência. No seu conjunto, as entrevistas permitem concluir que as pessoas participantes refletem sobre os clubes de leitura feministas como plataformas de capacitação, formação e escuta ativa, aproximando pessoas que partilham experiências e inquietações. São espaços onde o livro é o ponto de partida para se pensar o mundo e, sobretudo, se pensar no mundo. Assim, mesmo quando as motivações e os níveis de envolvimento variam, de forma transversal, as experiências convergem na valorização destes espaços como lugares de escuta ativa, de partilha emocional e de ressignificação subjetiva.

No caso das entrevistadas L e M, o acesso ao clube deu-se por via de recomendações pessoais e rede familiar, sendo valorizada a estrutura prática das sessões — nomeadamente o horário fixo e a regularidade, ou «ritualidades» (Rossi, 2022), dos encontros — como facilitadores da participação. Ambas reconhecem o clube como um espaço de escuta e pertença, mesmo sem intervenção vocal frequente. A ausência da sua inibição é notória, mas reconhecem que a participação pode ser condicionada por fatores como timidez ou falta de prática discursiva. Apesar de não descreverem explicitamente o clube como espaço terapêutico, é-lhes evidente a perceção de que os encontros nas sessões contribuem para preencher o quotidiano das vidas em período de reforma e fomentar laços sociais significativos (aspeto igualmente referido pela entrevistada B).

As pessoas entrevistadas H e I ofereceram perspetivas complementares. H, uma das participantes mais envolvidas, considera a experiência no Heróides estruturalmente transformadora, tanto a nível pessoal como intelectual. Através do clube, desenvolveu vínculos de amizade profundos e uma identidade leitora reforçada por uma consciência crítica crescente. Valorizam sobretudo as sessões presenciais, associando o clube a uma ágora contemporânea, um espaço horizontal e democrático de partilha de ideias. Ambos reconhecem o potencial formativo do clube, sublinhando a importância de incluir feminismos plurais, como *queer* e decoloniais, nas escolhas literárias e nas discussões. A experiência democrática foi especialmente valorizada pelo entrevistado C, entrevistado que participa assiduamente no LM Lx. Na sua ótica, o clube constitui não apenas um espaço de descoberta literária, mas também um exercício contínuo de prática democrática, onde o foco está em ouvir e dar voz às mulheres, promovendo o diálogo intersubjetivo como forma de emancipação coletiva. Associa a sua vivência no clube a um sentido de responsabilidade partilhada e ao desenvolvimento progressivo da consciência crítica sobre o feminismo, recusando leituras caricaturais ou estigmatizadas do movimento. Esta visão, alicerçada numa adesão convicta aos princípios feministas, inscreve o clube num horizonte político mais amplo, como espaço de resistência simbólica e verdadeiro espaço discursivo contra-hegemónico (Fraser, 2013), nas quais grupos subalternizados podem articular as suas necessidades e reconfigurar a esfera pública a partir das suas próprias experiências e saberes situados.

A entrevistada J, que integrou o LM Lx após localizar casualmente *online* a sessão sobre Irene Vallejo no Museu do Aljube, sentiu-se imediatamente acolhida: «O que me mantém lá é a

abertura do clube.»[29] A abrangência das discussões sobre as obras selecionadas — da qualidade e autoria das traduções à pertinência editorial — foi referida com entusiasmo. A confiança na curadoria do grupo levou-a a descobrir autoras desconhecidas e a abrir-se a novas experiências literárias. A frequência no LM Lx potenciou a sua consciência sobre a igualdade de género e sobre o papel das mulheres na literatura e na sociedade, levando-a a percecionar o clube como um espaço simultaneamente emocional, intelectual e relacional. Sublinha ainda a ausência de hierarquias, reforçada pela postura da mediadora, o que contribui para a criação de um ambiente horizontal e respeitador, onde todas as vozes são escutadas.

Por fim, os testemunhos de A e G contribuíram com uma perspetiva mais analítica sobre o impacto político e epistemológico dos clubes e das práticas de leitura feministas. A entrevistada A, que aderiu a um CL durante a pandemia, enfatizou o seu desejo de conversar com outras mulheres sobre literatura e feminismo. Embora inicialmente inibida pela mediação digital, destacou a riqueza da experiência e a expressão das leituras feministas sobre temas como a ambivalência materna, o cansaço, a perda de identidade e o desejo de reinvenção, as convenções sociais e a (des)construção das subjetividades femininas: «Dá-me muita confiança naquilo que uma mulher é capaz de fazer.»[30] A experiência de leitura coletiva reforçou a sua vigilância crítica sobre a representação das mulheres na produção cultural, ao mesmo tempo que desafiou estereótipos de rivalidade feminina.

Numa perspetiva de síntese, as pessoas entrevistadas identificam a frequência do clube como ato político de resistência e invenção, frequentemente marginalizado por uma crítica literária ainda marcada por preconceitos de género. As entrevistas revelam como os clubes de leitura feministas funcionam como dispositivos de mediação cultural, política e afetiva, como espaços onde o capital cultural (Bourdieu, 2010) — entendido como um conjunto de competências, saberes e disposições socialmente adquiridas — é simultaneamente partilhado e transformado. O acesso à prática leitora e à sua valorização simbólica está condicionado pela incorporação deste capital, explicando em parte a composição homogénea de muitos destes clubes, reconhecida pelas pessoas participantes. Ainda assim, as práticas descritas nestes testemunhos não se esgotam em dinâmicas de distinção social; são também práticas de reconfiguração subjetiva e de construção de comunidades críticas. As pessoas entrevistadas reconhecem que a leitura e o debate proporcionam conhecimento, recuperação emocional e reconhecimento, individual e

[29] Entrevista em modo remoto, 5 de março de 2025, 14h30.
[30] Entrevista presencial, 3 de novembro de 2024, 15h, na zona residencial de Carcavelos.

coletivo. A pertença a estes clubes mitiga sentimentos de exclusão e promove novas narrativas de identidade. O feminismo como prática vivida e coletiva aparece como experiência existencial e é vivido no quotidiano da leitura partilhada, na criação de redes de apoio, e na (re)descoberta da história e da produção literária feminina, apesar dos desafios contínuos associados à gestão da uma discussão em grupo.

4.2 Padrões de participação: uma análise quantitativa

Os dados quantitativos explorados de seguida, obtidos por meio de distribuição de um inquérito *online* (Anexo D), realçam convergências entre as práticas dos clubes LM Lx e Heróides e as tendências nacionais e internacionais de leitura, integrando percentagens elucidativas relativamente às variáveis abordadas. Foram considerados o perfil sociodemográfico das pessoas participantes (faixa etária, género, residência, rendimentos), os hábitos de leitura e a frequência no clube (incluindo número de livros lidos anualmente), os motivos que levam à leitura e à participação propriamente dita, bem como as preferências literárias manifestadas, contrastando-as com os padrões mais amplos identificados nos relatórios nacionais. Por fim, discutem-se convergências e divergências entre estes microuniversos culturais e o panorama nacional, com recurso à bibliografia fornecida.

Pormenorizaremos a análise relativamente aos dados recolhidos por meio do questionário distribuído *online*, dirigido às pessoas participantes dos clubes observados, cruzando-os com os resultados de dois inquéritos nacionais sobre hábitos culturais e de leitura: *A Leitura em Portugal* (Santos *et al*., 2007), elaborado no âmbito do Plano Nacional de Leitura; o mais recente *Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses* (Pais *et al.*, 2022), realizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS), articulando-os ainda com estudos referidos ao longo da dissertação (Hartley, 2002; Long, 2003; Sedo, 2004).

4.2.1 Género, faixa etária, nível de escolaridade e área geográfica de residência

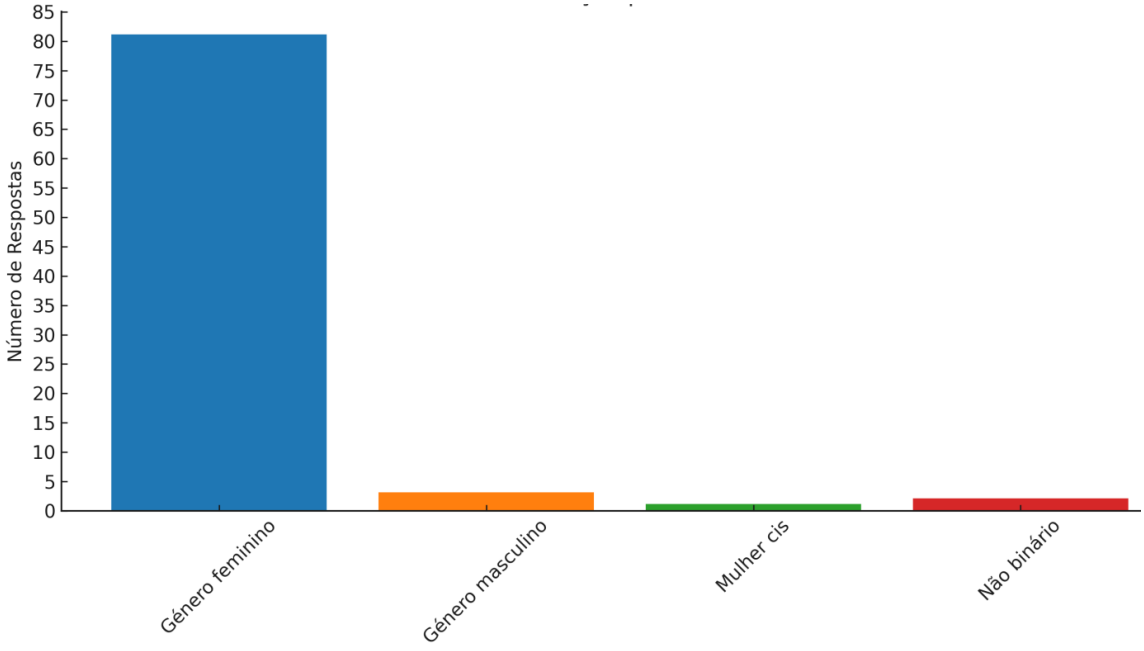
As respostas às primeiras questões do inquérito (género e faixa etária) estão alinhadas com os resultados publicados em *Práticas Culturais dos Portugueses* (Pais *et al.*, 2022):

> «Em contrapartida, é no grupo dos mais escolarizados (com nível de instrução superior) que é comparativamente mais elevada a percentagem daqueles cujo móbil principal para a leitura é o estudo/a

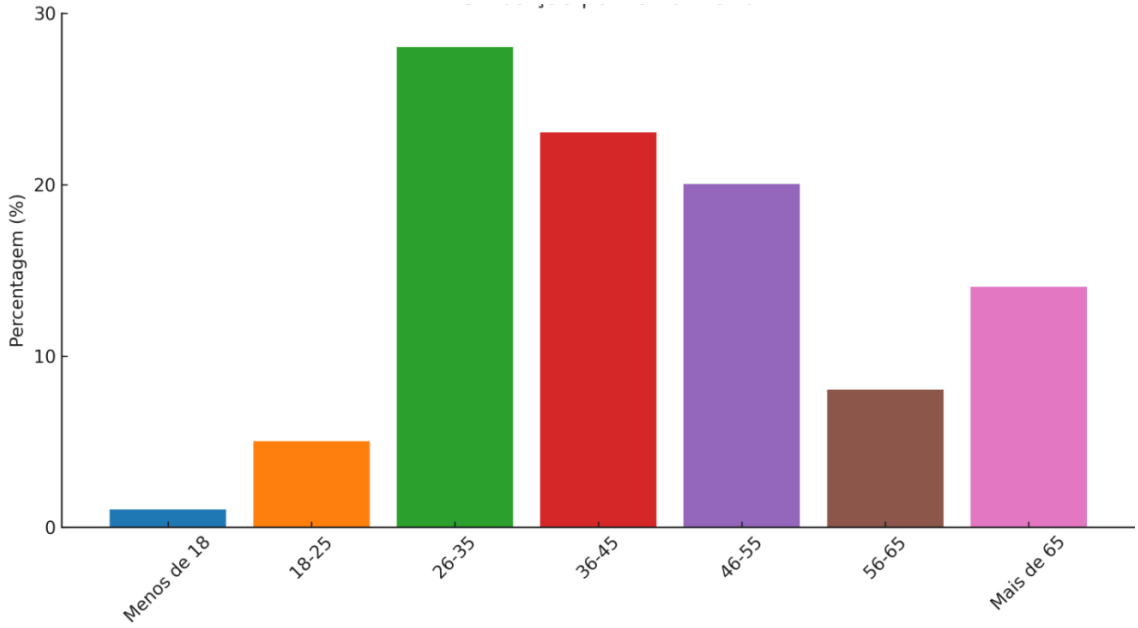
realização de trabalhos escolares, académicos (20%) ou o exercício da profissão (16%). Mais: constata-se que a centralidade da leitura por prazer continua a ser transversal à generalidade da população portuguesa quando se convocam outras variáveis de caracterização sociográfica, como o sexo/género (ainda que as mulheres a pratiquem mais do que os homens, respetivamente 75% e 60%), o *habitat* (urbano, intermédio urbano e rural) ou a idade (gráfico 4.3). […] Não passa também despercebido o facto de o privilégio concedido à leitura por prazer se verificar seja qual for a classe socioprofissional dos portugueses.»

Práticas Culturais dos Portugueses (Pais *et al.*, 2022, pp. 148-149)

A esmagadora maioria das pessoas participantes identifica-se com o género feminino. Das 87 respostas obtidas, 3 identificaram-se com o género masculino; 1 como mulher cis; 2 como pessoa não binária, sendo as faixas etárias prevalecentes entre os 26 e os 55 anos. Desta forma, referir-nos-emos, neste capítulo, às mulheres participantes.

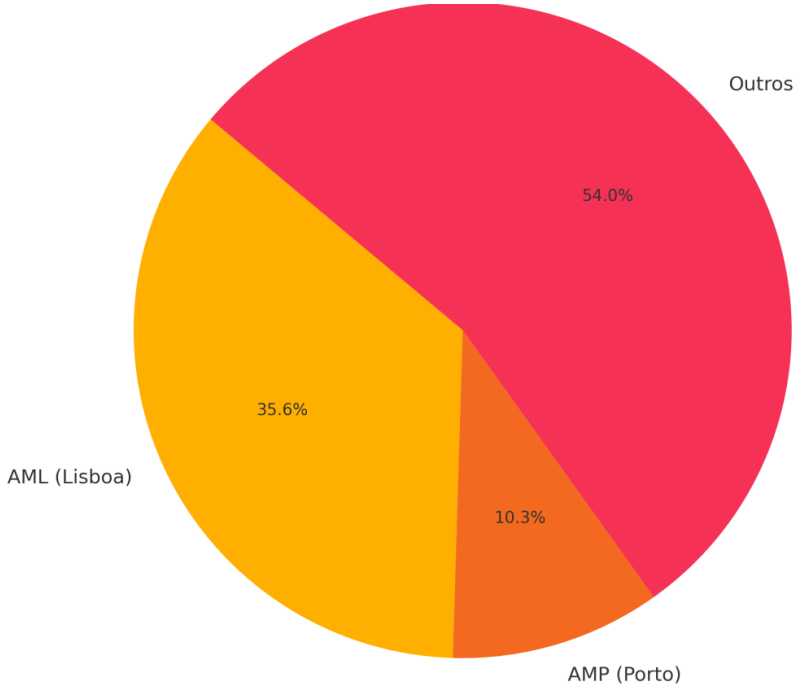


Quadro 2. Distribuição de participantes por género.

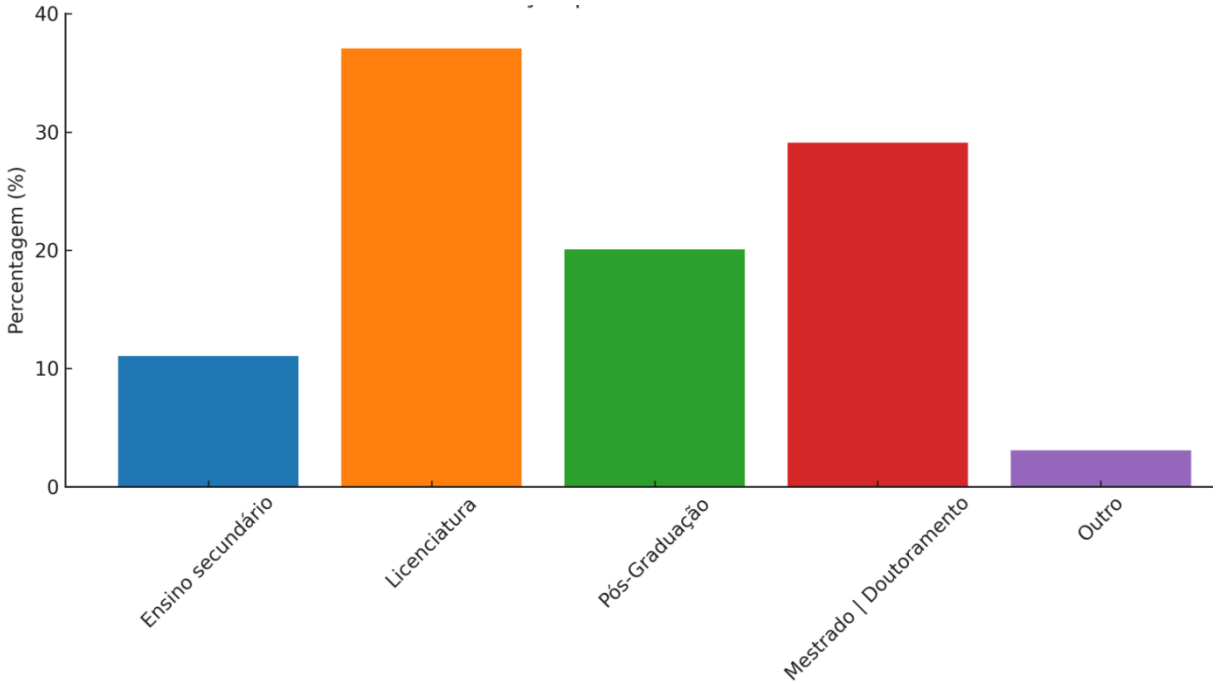


Quadro 3. Distribuição de participantes por faixa etária.

A faixa etária 26-35 anos representa 28% do total das pessoas participantes, constituindo a mais numerosa do clube. O grupo 36-45 anos corresponde a 23% das participantes e o dos 46 a 55 anos representa 20% de participação. As participantes com 65 anos ou mais compõem 14% da amostra. Embora menor, o grupo 56-65 anos representa 8%. O grupo muito jovem de 18-25 anos constitui 5% e 1% insere-se no grupo menor de 18 anos, o que sugere que o clube ainda não inclui formalmente leitores adolescentes. Verifica-se um nível de educação formal elevado entre as pessoas respondentes. A maioria frequentou o ensino superior, seja licenciatura (grau obtido pela maior parte, 37%), seja pós-graduação (20%) ou mestrado/doutoramento (29%). Apenas uma pequena percentagem indicou Ensino Secundário (11%) como nível de formação mais elevado (e 3% indicou apenas Outro): quem frequenta os clubes de leitura feministas tende a ter formação académica elevada, o que poderá influenciar a inclinação para a discussão literária e política aprofundadas, alinhada com a proposta reflexiva dos clubes.



Quadro 4. Dispersão geográfica das pessoas participantes.

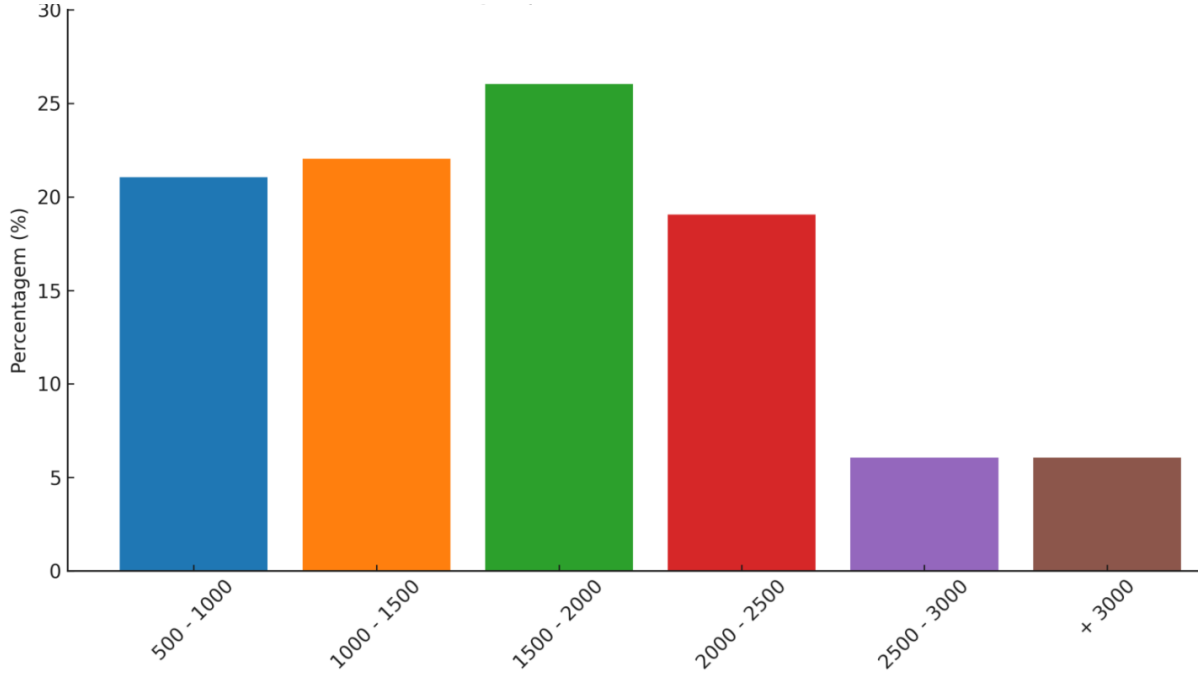


Quadro 5. Nível de escolaridade das pessoas participantes.

Os dados recolhidos no inquérito revelam um perfil predominantemente urbano das pessoas participantes. Geograficamente, observa-se uma forte concentração nas grandes áreas metropolitanas: cerca de 24% das pessoas respondentes residem no concelho de Lisboa e aproximadamente 10% no Porto, seguindo-se alguns concelhos da área metropolitana de Lisboa (Oeiras, Cascais, Almada, Odivelas, com 2 a 3 participantes cada). As restantes estão dispersas por Coimbra, Viseu, Santarém, Setúbal e outras localidades.

Regista-se a participação de dois membros a residir no estrangeiro. Esta distribuição identifica-se coma abrangência nacional dos estudos 2007 (Santos *et al.*) e 2022 (Pais *et al.*), referidos atrás, que sinalizaram a tendência de maior envolvimento cultural nas zonas urbanas e litoral, onde se concentram igualmente níveis de educação formal mais elevados. Nos dados de 2007, por exemplo, a prática da leitura de livros aparecia marcada pela «feminização, juvenilidade e qualificação» dos leitores (Santos *et al.*, 2007, p. 182). Não surpreende, portanto, que os clubes feministas estudados — ambos iniciativas urbanas e promovidos por mulheres profundamente informadas — reflitam esse segmento social leitor.

No que concerne a situação socioeconómica, os rendimentos mensais das participantes nos clubes distribuem-se maioritariamente pelas faixas intermédias.



Quadro 6. Rendimento médio mensal das pessoas participantes (€).

Conforme ilustra o Quadro 6, cerca de 69% das pessoas inquiridas declararam rendimentos líquidos mensais até 2000€ (21% aufere 500€-1000€; 22%, 1000€-1500€; 26%,1500€-2000€). Uma percentagem menor situa-se nos 2000€-2500€ (19%), enquanto apenas 12% atinge patamares mais elevados (6% em 2500€-3000€ e 6% acima de 3000€ mensais).

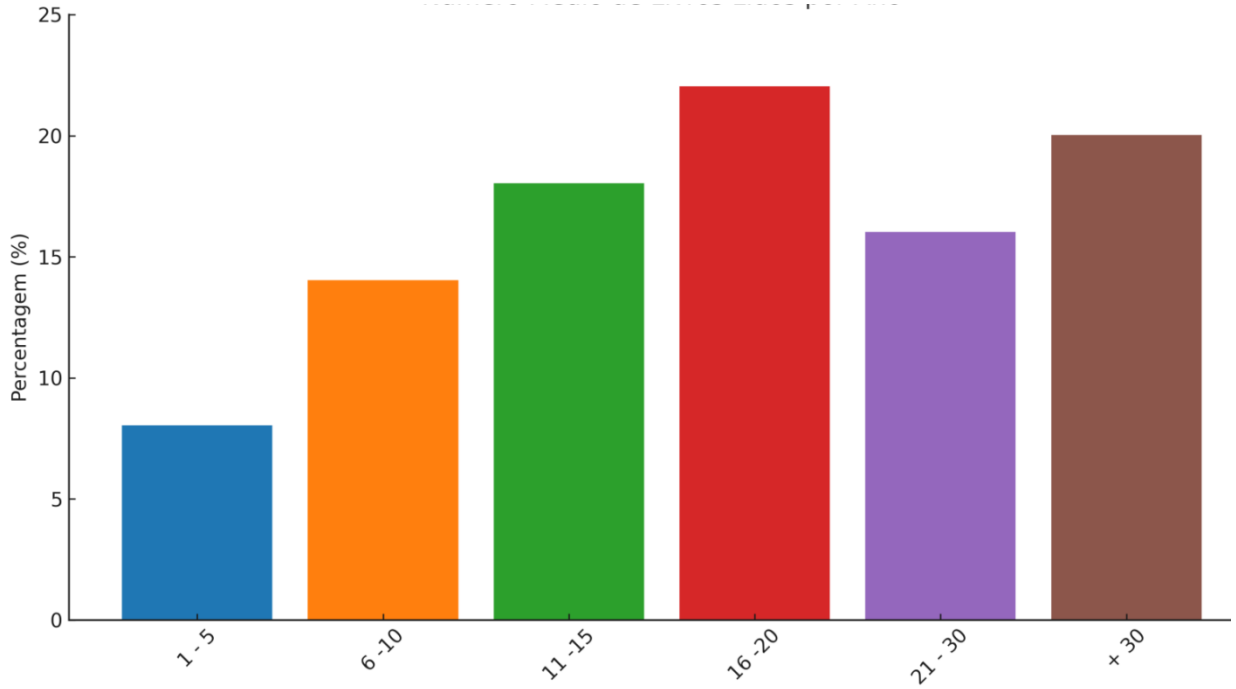
Dado que níveis educacionais mais altos tendem a corresponder a rendimentos médios mais elevados («é expressiva a sobre-representação de inquiridos de condição social superior, desde logo refletida nos capitais escolares próprios», *Pais et al*. 2022, p. 317), é consistente que as pessoas participantes dos clubes — sendo leitoras ativas — se concentrem nas classes médias urbanas. Importa notar, contudo, que não se trata de uma elite económica: a proporção de mulheres com rendimentos acima de 2500€ é modesta (12%). Apesar disso, o seu capital cultural é elevado, compensando eventuais limites económicos no acesso aos livros por meio da frequência de bibliotecas, de trocas informais nos clubes ou em círculos pessoais, de aquisição de edições promocionais em feiras do livro, entre outros). A este propósito, ao longo das sessões observadas, testemunhei frequentemente troca de informações entre participantes sobre promoções em cadeias livreiras, em espaços comerciais independentes ou em feiras do livro.

Em suma, o perfil sociodemográfico das pessoas que frequentam os CLF reflete o grupo populacional que tipicamente mais lê: mulheres, jovens e adultas, urbanas, escolarizadas e com rendimentos médios, confirmando a continuidade de padrões já descritos por Santos *et al*. (2007) e Pais *et al.* (2022).

4.2.2 Hábitos, motivos e motivações

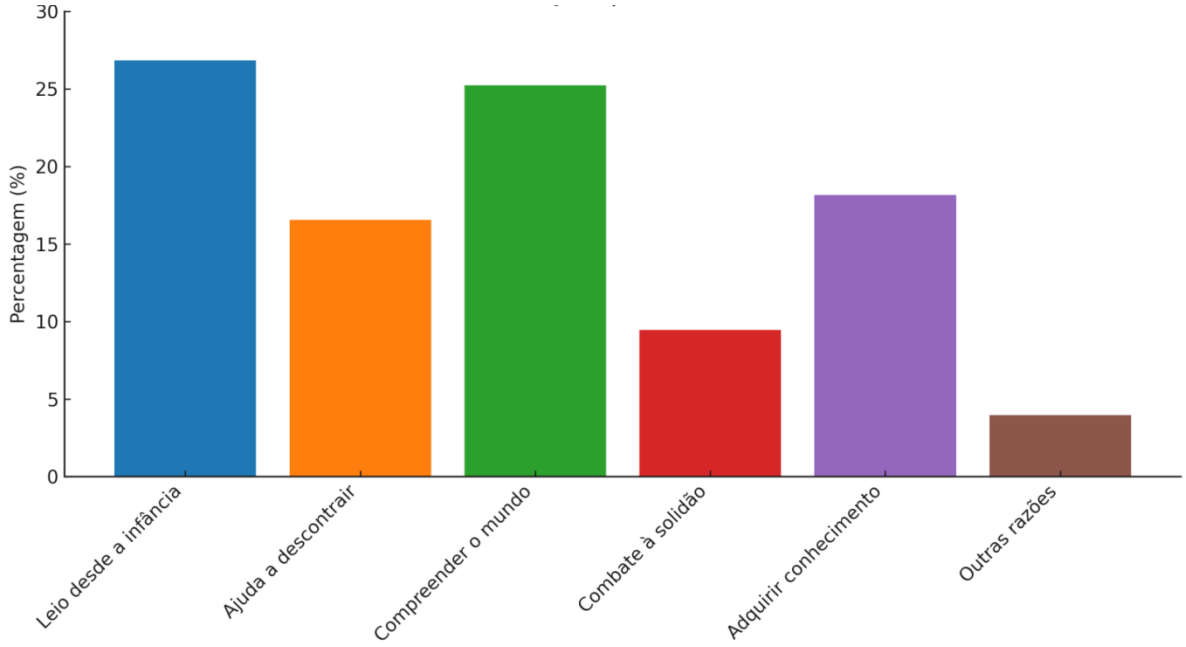
Uma diferença emerge ao comparar a frequência de leitura das participantes dos clubes feministas com a da população em geral. Os dados nacionais recentes evidenciam um défice de leitura na maioria dos portugueses: 61% da população constitui-se como não-leitora, não tendo lido nenhum livro em suporte papel nos 12 meses anteriores ao inquérito de 2020 (Pais *et al*., p. 154). Ou seja, apenas 39% leu, pelo menos, um livro por ano. Conforme o mesmo relatório, o universo de leitores ativos consiste sobretudo em «pequenos leitores» – cerca de 27% dos portugueses leram apenas entre 1 e 5 livros no ano –, seguidos de 7% de «médios leitores» (6 a 20 livros/ano) e somente 1% de «grandes leitores» que ultrapassaram os 20 livros num ano: «Um passo adiante na caracterização da população leitora de livros impressos, a partir do que o Inquérito permite concluir […] passa por identificar que ela se constitui maioritariamente por pequenos leitores (27% dos portugueses, que leram entre 1 e 5 livros4 naquele formato), sendo que os médios leitores (6-20 livros) se cifram em 7% e os grandes leitores (+ de 20 livros) em 1% – (des)equilíbrio que se mantém no que se refere à população leitora de livros digitais (pequenos leitores – 5%; médios – 1%; grandes – 0%)» (Pais *et al*., 2022, pp. 153-154).

Em contraste, as pessoas participantes dos clubes de leitura feministas leem vários livros por ano, situando-se com distinção no grupo dos médios e grandes leitores.



Quadro 7. Número de livros lidos por ano por cada participante.

Basta considerar que, tipicamente, um CL propõe a leitura de um livro por mês; as pessoas participantes que acompanham regularmente as sessões lerão pelo menos 12 livros ao ano, além de outras leituras (obrigatórias ou por lazer). Assim, é razoável inferir que praticamente a totalidade das participações está acima da média nacional. As respostas às questões sobre o número de livros lidos anualmente e por que motivo o fazem confirmam a alta frequência de leitura: por exemplo, 49% das pessoas respondentes afirmam que «leem desde a infância/adolescência e mantiveram o hábito», o que sugere uma trajetória consistente de leitoras habituais e uma socialização precoce na leitura. Além disso, a preferência declarada por estas leitoras (ficção contemporânea) inclui obras variadas e desafiantes, indiciando ritmo e volume de leitura elevados. Podemos então situar as pessoas participantes dos clubes na minoria da população que lê extensivamente, tratando-se de um segmento diferenciado face à inércia leitora dominante no país.



Quadro 8. Motivação para a leitura.

Explorar por que motivo as mulheres participantes leem – e com assiduidade – é igualmente primordial. O inquérito permitia selecionar até 3 opções em simultâneo quanto às motivações para a leitura. Os resultados sugerem que as leitoras assumem motivações tanto intrínsecas (prazer, hábito) quanto utilitárias (conhecimento, compreensão do mundo), em sintonia parcial com os padrões gerais, mas com ênfase própria. Destacam-se quatro grandes motivações entre estas leitoras:

a) Hábito enraizado: «Leio desde a infância/adolescência e mantive o hábito» foi a resposta prevalecente (69%), refletindo que mais de metade das pessoas respondentes atribui a continuidade da leitura a um gosto cultivado desde cedo. Este dado reforça a ideia de socialização primária bem-sucedida na leitura. Quem adquire cedo o gosto pela leitura tende a mantê-lo, especialmente se vinculado a prazer e curiosidade, conforme notado por Santos *et al*. (2007).

b) Compreensão e conhecimento do mundo: 65% indicou que lê porque «porque me ajuda a compreender o mundo em que vivo» e 47% «porque pretendo adquirir mais conhecimento e/ou vocabulário». Somando-se, a maioria aponta a procura de compreensão do mundo e de aperfeiçoamento intelectual como motivação central. Trata-se de um sinal forte nos clubes feministas, evidenciando uma leitura comprometida e formativa.

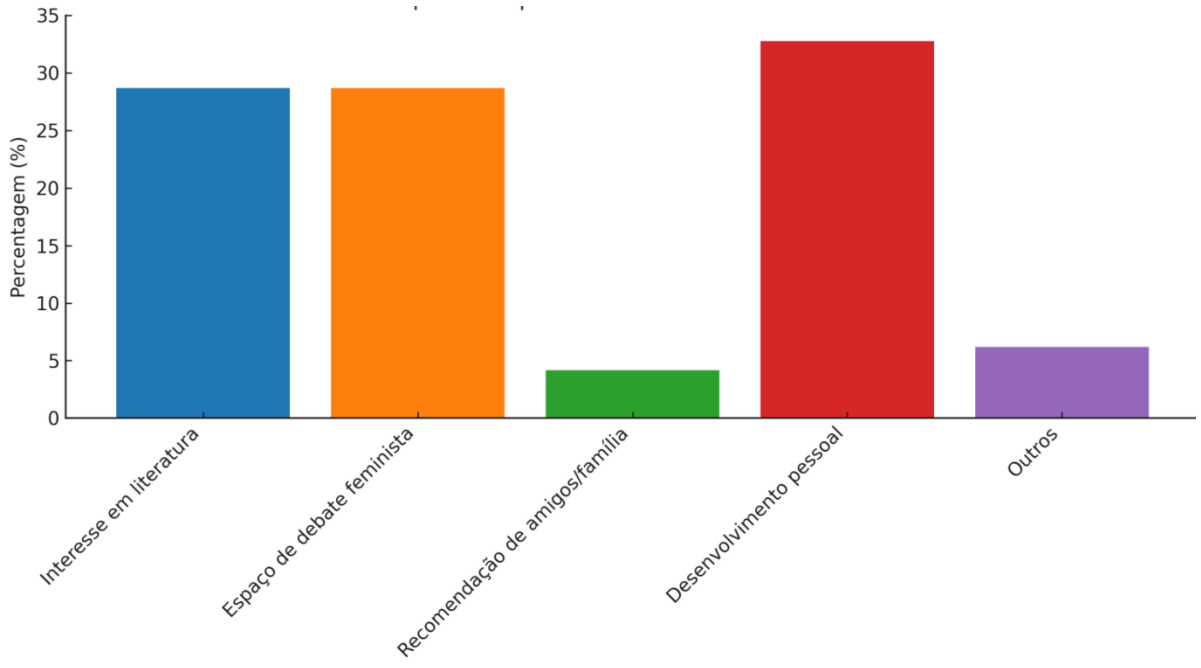
c) Lazer e bem-estar: 43% assinalou «leio porque me ajuda a descontrair», indicando o prazer como incentivo, motivação alinhada com a tendência nacional. Ler por prazer é, de facto, a resposta mais comum entre os leitores em Portugal (Pais *et al*., 2022, p. 66). No caso dos CLF, as participantes não

leem propriamente em contexto escolar, mas por vontade própria, portanto inscrevem-se mais no padrão do leitor adulto por lazer.

d) Ligação emocional: ainda que menos frequente, 24% admitiu que ler «combate a solidão», entendendo a leitura como estratégia de companhia emocional. Nos relatórios citados (Santos *et al*., 2007; Pais *et al*., 2022), não há dados explícitos sobre «ler para combater solidão», mas podemos inferir que estas respostas sugerem convergência com uma função social da leitura identificada nas entrevistas semidiretivas — a de propiciar envolvimento emocional, até intergeracional (Vandergriff *et al*., 2024). Nesse sentido, a leitura transcende uma eventual necessidade de evasão e torna-se uma ferramenta de compreensão e de luta.

Por fim, 10% das respostas indicaram motivos idiossincráticos, como razões profissionais ou de investigação e expansão pessoal e intelectual. Pontualmente, a frequência do clube servirá finalidades específicas — como pesquisa académica — que extrapolam o lazer. Embora em pequeno número, estas respostas refletem a diversidade de trajetórias das participantes e a flexibilidade do espaço do clube em acomodar diferentes expectativas (desde quem procura ampliação de conhecimento literária até quem encontra no clube um objeto de estudo ou de contributo para o mesmo).

A dinâmica do clube difere da leitura individual e envolve motivações particulares relacionadas com o convívio social. Inquirindo-se o principal motivo para frequentar o clube, as respostas, de escolha única, distribuem-se conforme o gráfico seguinte:



Quadro 9. Motivação identificada para a frequência do CLF.

Três grandes fatores concentram praticamente todas as respostas, enquanto as motivações secundárias se revelaram residuais. O desenvolvimento pessoal (33%) foi a opção ligeiramente mais assinalada, traduzindo o desejo de crescimento individual por meio do clube, seja em termos de ampliação de horizontes culturais, aquisição de novas competências de debate ou mesmo trabalhar questões de autoestima e expressão. Anteciparíamos que integrar um CLF é entendido como um investimento em si próprio, uma forma de educação não formal contínua. Este resultado liga-se de forma estreita às motivações intrínsecas de leitura já vistas (aprender, compreender o mundo) e reforça a ideia de que os clubes atuam como espaços de cidadania e emancipação pessoal (Sedo, 004). O interesse em literatura surge logo de seguida (29%): são leitoras que encontraram no clube uma extensão natural de um hábito prazeroso. Esta motivação cruza-se com o padrão nacional de que quem lê fá-lo por prazer — o prazer literário leva-as a socializar a experiência via clube. Note-se que, conforme os dados obtidos no inquérito acolhido pelo ICS (Pais *et al.*, 2022, pág. 96 [31], no ano anterior à pandemia, 97,3 % dos inquiridos nunca participou num CL nem em tertúlias. Portanto, 29% das pessoas respondentes apontarem o genuíno interesse literário sugere que procuraram no clube uma ausência no quotidiano da maioria: um espaço para partilhar leituras e prolongar o gosto literário de forma coletiva. A procura de um espaço de debate sobre questões de género (29%) obteve o mesmo número de respostas, reforçando com alguma expressão o apelo ideológico e sociopolítico do CLF. O clube proporciona um fórum seguro para discutir temas de género que não encontram acolhimento noutros círculos sociais (Long, 2003). Este resultado evidencia também o diferencial temático destes clubes: aqui a leitura é uma forma de compromisso político. Em termos de práticas culturais nacionais, trata-se de algo singular — a maioria dos portugueses que lê fá-lo de forma solitária e não se identifica, a partir da bibliografia consultada para o efeito, uma correlação entre leitura e ativismo. Contudo, a partir das respostas obtidas globalmente no inquérito, cruzadas com as entrevistas semidiretivas, constata-se que a maioria das participantes identifica o clube como espaço de diálogo e consciência coletiva, um motivo provavelmente irrelevante para quem lê isoladamente, mas fundamental neste âmbito.

Comparando com os CL em geral, encontramos pontos em comum e especificidades. Sedo, no seu estudo de 2004, reportou que os principais motivos para aderir a um CL «incluíam a estimulação intelectual (mencionada por cerca 67% dos membros de clubes presenciais) e o simples divertimento («to have fun»), seguidos de perto por «ler livros que normalmente não leria» (p. 80). Ou seja, nos CL, as pessoas procuram ao mesmo tempo aprender/coisas novas e divertir-se, bem como expandir horizontes literários. Nos clubes feministas estudados, vemos claramente o aspeto de estimulação

[31] «Práticas Culturais dos Portugueses: Inquérito 2020» - dados.rcaap.pt, pág. 14, consultado em 15 de junho de 2025.

intelectual/desenvolvimento pessoal refletido nos 33% (foi a opção mais escolhida). Já o divertimento enquanto tal não foi oferecido como opção explícita no questionário, mas pode estar implícito no interesse em literatura ou nos benefícios sociais de participar – ainda assim, nota-se que o foco das pessoas respondentes recaiu mais sobre objetivos sérios (aprender, debater) do que sobre lazer. Isto pode indicar que as participantes encaram o clube muito como um fórum de discussão aprofundada, mais do que um passatempo frívolo.

Por fim, motivos menos comuns incluem «recomendação de amigos ou familiares» (apenas 4,1%), indicando que a maioria aderiu ao clube por iniciativa própria, e «Outros» (6,1%). Nesta pergunta, que solicitava informação adicional, surgiram razões diversas: as participantes esclareceram que não houve um evento específico que as levasse ao clube, antes uma conjunção dos fatores atrás listados. Por exemplo, uma participante mencionou que «procurava apenas um espaço de socialização e debate em torno dos livros que lia», combinando interesse literário e debate social. Outra referiu a decisão estaria «relacionada com a gradual recuperação de algum tempo para mim, tendo filhos pequenos…», sugerindo que a motivação foi finalmente ter disponibilidade para investir no desenvolvimento pessoal (novamente alinhado com o motivo principal). Houve ainda uma resposta que citou um evento pessoal marcante: «o término de relacionamento que me motivou na procura de novas atividades». Estes resultados revelam que o clube atende a uma dupla aspiração: por um lado, aprimorar conhecimentos e crescer pessoalmente através da leitura (o que está em consonância com as motivações já vistas de ler para conhecer e entender); por outro, criar um espaço social de partilha em torno de literatura e temas caros às participantes.

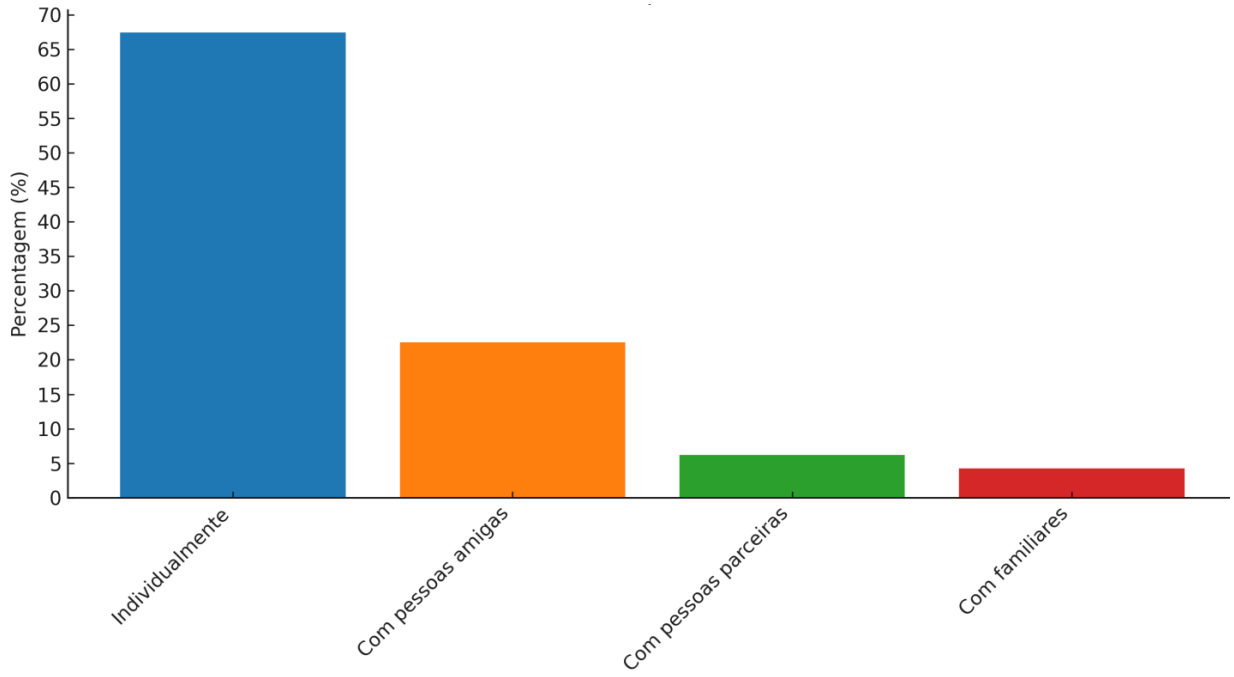
O interesse puramente literário («interesse em literatura») é importante, mas não aparece isoladamente — vem acompanhado do desejo de discutir ideias e de se envolver numa comunidade com valores comuns, sugerindo que, no clube feminista, as participantes chegaram sobretudo por iniciativa própria (tomando conhecimento da sua exigência nas redes sociais ou até num círculo social) e menos por convite alheio.

No contexto nacional, a relevância da iniciação precoce à leitura é sublinhada em *A Leitura em Portugal* (Santos *et al*., 2007). Observando a população em 2007, identificou-se que 58% dos inquiridos eram leitores persistentes, ou seja, gostavam de ler em criança e continuam a gostar atualmente. Outros 22% nunca desenvolveram gosto (nem em criança nem depois) e 13% só descobriu o gosto por ler em adultos, após não apreciarem em pequenos. Podemos afirmar que os CLF reúnem sobretudo pessoas que pertencem ao grupo dos leitores persistentes, complementado por algumas que talvez tenham sido resgatadas para a leitura mais tarde (as que não leram na infância, mas que se tornaram leitoras na idade adulta). De facto, algumas respostas abertas sugerem momentos-gatilho para aderir ao clube, como fases de introspeção, solidão ou mudanças pessoais que levaram a redescobrir os livros («período de introspeção pós-violência doméstica», «fase de maior solidão e busca de crescimento

pessoal», conforme relataram algumas pessoas respondentes). Ou seja, há casos em que o clube serviu como meio de (re)entrar no mundo da leitura, embora a maioria já acumulasse a experiência de longa data.

A continuidade do hábito de leitura desde a infância é uma característica proeminente nas participantes do clube: quem nunca apreciou a leitura dificilmente ingressaria num clube literário. Por outro lado, o clube pode ter funcionado como catalisador para aquele segmento minoritário que descobriu o prazer de ler mais tarde na vida, pois várias responderam que a decisão de participar foi motivada por eventos pessoais transformadores, como o isolamento na pandemia — «Sim, o COVID» — ou uma separação afetiva, conforme descrito. Assim, no CLF encontramos leitoras veteranas e persistentes ao lado de neófitas, motivadas por mudanças de vida, mas, no seu conjunto, procurando no grupo um espaço para solidificar (ou reacender) o hábito de leitura de forma contínua. Essa longevidade no hábito leitor é um pilar do perfil destas participantes e ajuda a explicar a sua assiduidade e o volume de leitura elevado.

Este último dado relaciona-se muito proximamente com o facto de as mulheres frequentarem, na sua maioria, o clube de forma independente (68%), reforçando o carácter ativo das participantes: são mulheres que têm motivação suficiente para procurar um espaço literário feminista e ali se envolver, independentemente do meio social próximo. Outro segmento, inferior (23%), relatou comparecer «com pessoas amigas»: há pequenos grupos de amizade que participam em conjunto e muito poucas participantes assinalaram frequentar com pessoas parceiras ou com familiares, possivelmente porque o clube serve também como um espaço de autonomia pessoal, ou porque esses parceiros/familiares não têm o mesmo interesse na leitura. A opção «Outros» (por exemplo, colegas de trabalho) não foi selecionada. Assim, tendencialmente, cada mulher comparece por conta própria.



Quadro 10. Companhia para a frequência do clube.

Um aspeto revelador das práticas ledoras é o que se lê. Por isso, no inquérito pediu-se às participantes que citassem livros ou sessões que tivessem sido particularmente importantes a nível pessoal. As 78 obras mencionadas (algumas duplicadas) oferecem uma visão das preferências literárias deste público e permitem uma breve comparação com as tendências de gosto literário nacionais. São referidos títulos emblemáticos como *Novas Cartas Portuguesas* (obra coletiva de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, ícone do feminismo português), *Um Quarto Só Seu*, de Virginia Woolf (reflexão seminal sobre mulheres e escrita), *Beloved,* de Toni Morrison (romance sobre a experiência feminina negra e a escravidão), *Quarto de Despejo,* de Carolina Maria de Jesus (diário de vida de uma mulher numa favela que intersecciona pobreza, racismo e mulher), ou *A Potência Feminista*, de Verónica Gago (ensaio contemporâneo sobre movimentos feministas latino-americanos). *O Caderno Proibido*, de Alba de Céspedes, pela permanência e atualidade das angústias de uma mulher no seio da opressão familiar, foi também indicado por quatro participantes. As escolhas evidenciam que as leitoras procuram narrativas alinhadas com a sua identidade e militância, privilegiando obras que retratam a condição injusta em que as mulheres vivem (Amorim, 2024, p. 131). Registaram-se menções a obras de não-ficção e documentos históricos menos comuns em clubes de leitura — por exemplo, uma participante citou a *Constituição da República Portuguesa* como leitura marcante por ter sido discutida à luz dos direitos das mulheres.

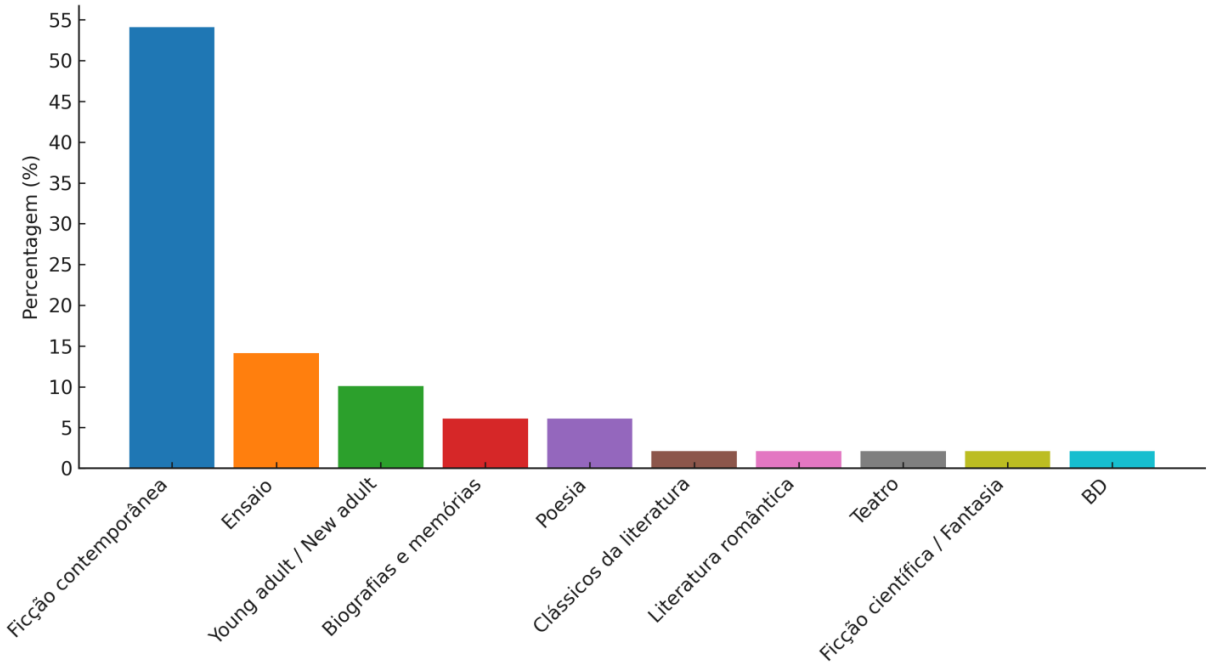
Concomitantemente, ao lado de obras de cunho marcadamente feminista e político, foram referidos títulos de ficção literária contemporânea de sucesso, como a tetralogia *Amiga Genial*, de

Elena Ferrante (um *bestseller* internacional), Os *Dias do Abandono,* também de Ferrante, e *Corpos Celeste*s, de Jokha Alharthi. Foram apontadas obras de literatura universal como *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood (foi referido o título em inglês, apesar de estar disponível uma tradução em português). Este ecletismo sugere que os clubes conseguem equilibrar leituras comprometidas com outras. De facto, várias referem que «todas as sessões têm sido importantes» ou citam mais de um livro marcante, denotando que o leque de leituras nos CLF é amplo, mas com um viés claro, coerente com a identidade do movimento.

4.2.3 Preferências, assiduidade e envolvimento

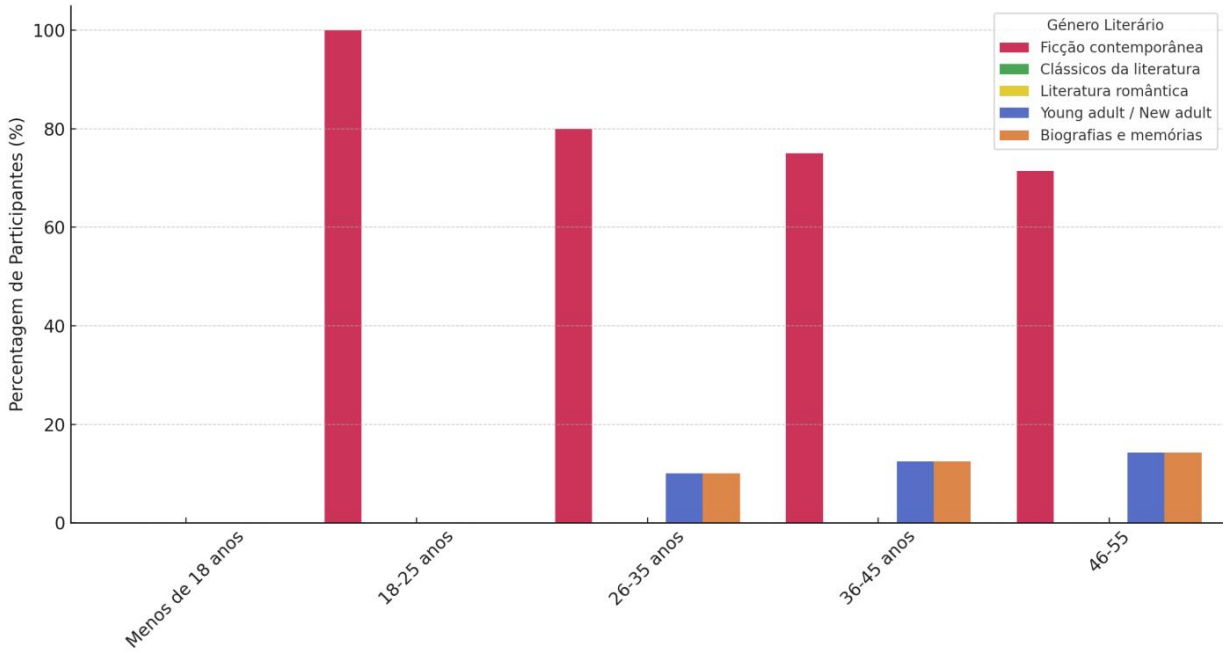
Segundo o inquérito acolhido no ICS (Pais *et al*., pág. 167), o género literário mais lido em Portugal é o romance, indicado por 46% dos leitores, seguido por livros de História (24%); já os géneros menos lidos incluem poesia e teatro (apenas 2% lê teatro regularmente). No âmbito do romance, sabe-se de estudos anteriores que os romances de amor (Radway, 1991) e de autores populares contemporâneos, embora perpetuando padrões de misoginia, atingem números de vendas elevados. Comparando com as escolhas das leitoras dos clubes estudados, confirma-se que ambos os universos apreciam ficção contemporânea, porém de naturezas distintas da estudada por Radway. As participantes dos CLF tendem a selecionar ficção literária e socialmente comprometida, muitas vezes premiada ou de reconhecido valor literário (como Toni Morrison), bem como romances que dialogam com a experiência feminina de forma profunda. Já a maioria dos leitores nacionais consome ficção comercial (como narrativas românticas, *thrillers* de entretenimento). Assim, há uma divergência qualitativa no que se lê: os CLF operam como comunidades muito mais literárias, enquanto a tendência nacional se inclina a leituras de lazer descomprometidas.

No entanto, um ponto de convergência interessante entre os estudos de âmbito nacional e os resultados obtidos no inquérito em questão reside na popularidade do romance/ficção contemporâneo enquanto forma. Tanto os CLF quanto o público geral elegem a ficção contemporânea como género preferido de leitura por prazer (ainda que de naturezas diferentes), confirmando a força da ficção, capaz de atrair diversos perfis de leitores e seguindo a observação de Hartley (2002) de que os leitores dos clubes de leitura, por norma, valorizam textos com personagens, enredos e cenários fortes com os quais se podem identificar e pelos quais sintam empatia, gerando envolvimento discursivo com os seus pares.



Quadro 11. Género literário preferido pelas pessoas participantes.

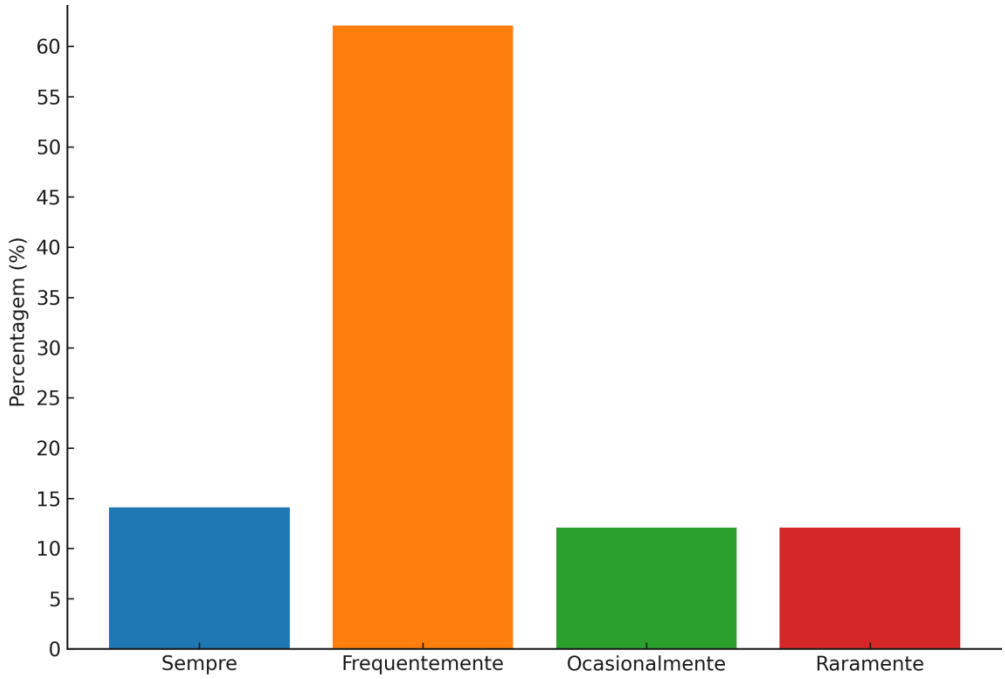
A análise cruzada das preferências literárias com as faixas etárias das participantes dos clubes de leitura feministas revela padrões significativos: a ficção contemporânea foi o género foi o mais escolhido em todas as faixas etárias. As participantes entre os 18 e os 35 anos destacam-se pela preferência por esta categoria, sugerindo que este grupo etário procura obras que dialoguem diretamente com os desafios contemporâneos. A preferência pode também refletir uma inclinação para a identificação com personagens, contextos e temas que tocam diretamente a experiência contemporânea.



Quadro 12. Género literário preferido por faixa etária.

As biografias e memórias também obtiveram preferência, indicando que parte dos grupos gosta de revisitar obras canónicas, provavelmente com um novo olhar crítico feminista. Apresentam menor prevalência no geral, mas estão presentes nas faixas dos 36-45 e 46-55 anos. Outros géneros surgem com menor frequência: por exemplo, *young adult / new adult* foram mencionados por algumas participantes, possivelmente ligadas a ou gostos específicos. Poesia, teatro, ficção científica/fantasia ou *thrillers*, manga/BD asiática ou banda desenhada foram raramente apontados. O género *young adult / new adult* aparece com relevância especialmente entre os 26 e os 55 anos. Já a literatura romântica, associada frequentemente a estereótipos, não teve expressão.

Os dados obtidos no inquérito *online* indicam uma elevada assiduidade: 14% das participantes afirmam estar «sempre» presentes nas sessões e 62% estão «frequentemente», pelo que a grande maioria assume uma presença regular. Menos participam «ocasionalmente» (12%) ou «raramente» (12%). Importa salientar que nenhuma respondente reportou ausência completa. Esta elevada frequência de participação nas reuniões sugere que as leitoras estão muito empenhadas na atividade do clube, o que implica um ritmo de leitura de igual forma intenso (visto que cada sessão prevê, tipicamente, a leitura prévia de um livro).

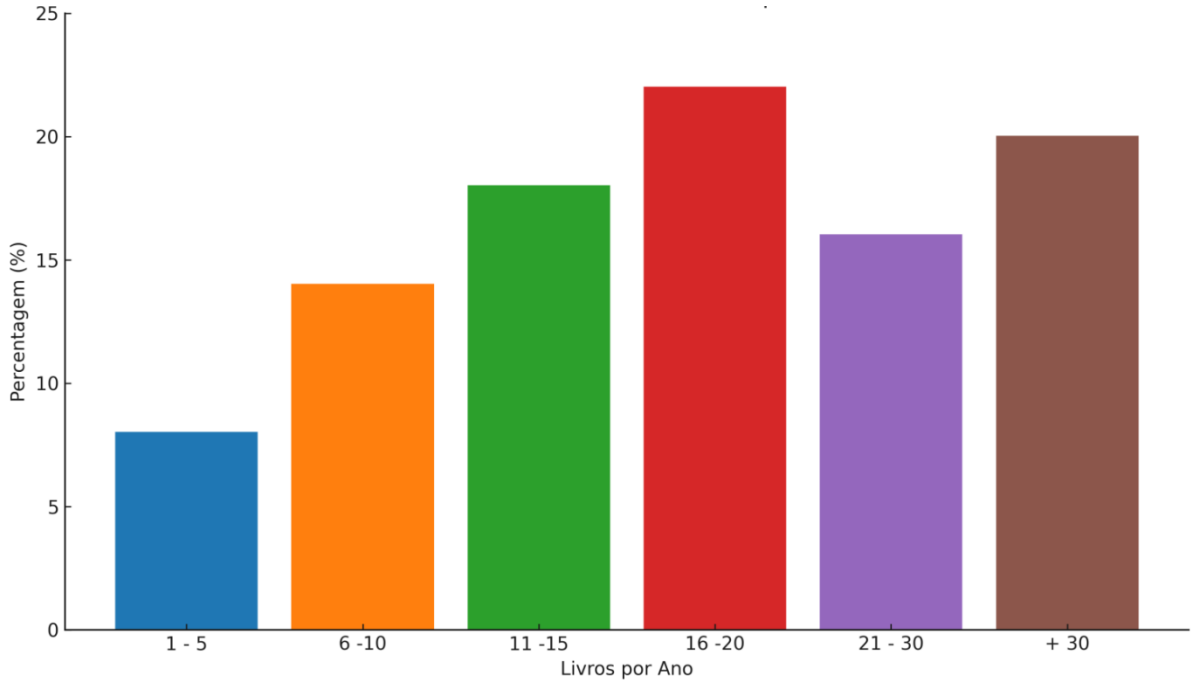


Quadro 13. Assiduidade nas sessões dos clubes.

Embora não se tenha auscultado com precisão o número de horas de leitura semanal no inquérito, estudos prévios apontam que membros de clubes de leitura leem significativamente mais do que a média tida como referência. Por exemplo, Sedo (2004, p. 76), num estudo comparativo entre CL virtuais e presenciais efetuado em vários países (Canadá, EUAS, Austrália, Reino Unido, Israel, Alemanha, Arábia Saudita e Japão), verificou que 58% dos participantes de clubes de leitura dedicavam 5 a 10 horas semanais à leitura. Este padrão sugere que participar num CL impulsiona a prática leitora, permitindo que os participantes mantenham um ritmo de leitura superior ao da população em geral. Sedo observou igualmente que os membros de CL virtuais leem ainda mais do que os de clubes presenciais (Sedo, 2004, p. 77).

O diferencial entre as leitoras de clubes e a média nacional também está associado a fatores socioeducativos (Quadro 4). O estudo de Pais *et al*. salienta que os leitores mais assíduos em Portugal são aqueles com nível superior de escolaridade, muitas vezes oriundos de famílias também escolarizadas, coincidindo com as características típicas de clubes de leitura identificadas em outros países (Pais *et al*., 2002). Como nota Álvarez-Álvarez (2021), os clubes de leitura tradicionais tendem a envolver sobretudo adultos com educação superior e hábito consolidado de leitura, ao contrário das tertúlias dialógicas, que incluem pessoas de grupos menos leitores. As participantes do clube feminista enquadram-se neste primeiro perfil de elevada intensidade leitora: são maioritariamente mulheres já leitoras experientes e interessadas, diferindo assim do cidadão médio que, estatisticamente, de forma rara lê livros. Estudos internacionais corroboram esta tendência de CL congregarem leitoras acima da

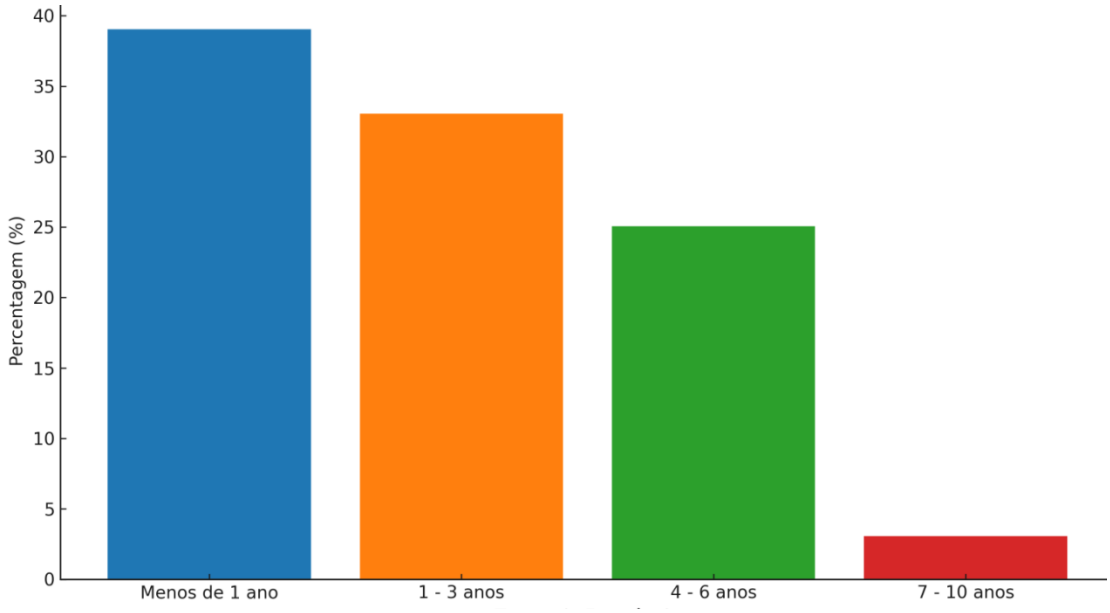
média: Sedo (2004) observou que os membros dos clubes chegam a ler várias horas por semana e vários livros por mês. Um dos depoimentos recolhidos (Sedo, 2004) ilustra um caso extremo de voracidade: uma participante conciliava múltiplos clubes e formatos, chegando a ler até 10 livros por mês somando leituras pessoais e dos clubes. Embora este seja um caso singular, revela como a dinâmica do clube pode motivar picos de leitura muito acima do comum. As respostas ao inquérito distribuído nesta dissertação, em termos de volume anual, devolveram um resultado consonante, com a maioria das participantes a afirmar ler entre 16 e 20 livros por ano (22%). O número surpreendente de mais de 30 livros por ano foi associado a 20% das respostas.



Quadro 14. Número de livros lidos por ano, em média, por participante.

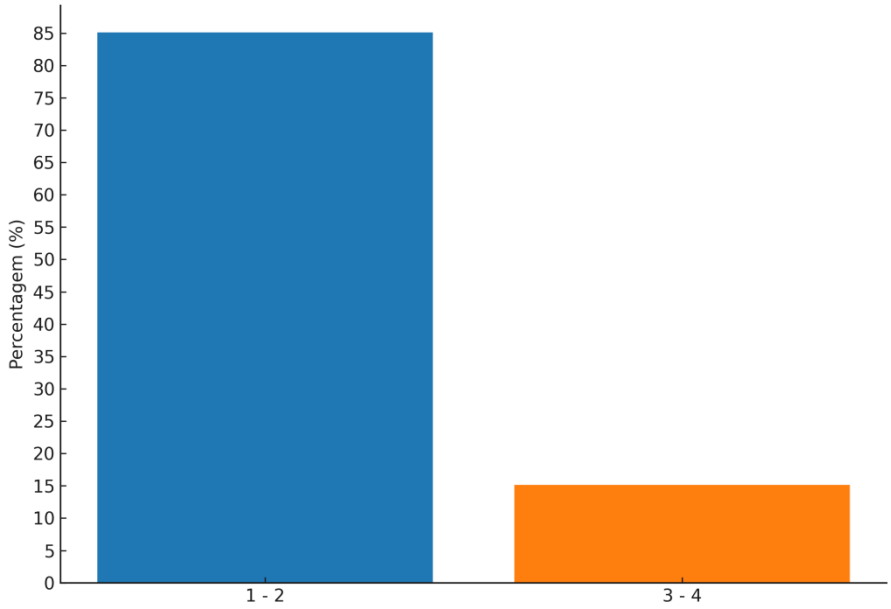
4.2.4 Níveis de satisfação

A maior parte das pessoas que participam nos clubes estudados tem uma experiência relativamente recente nos clubes de leitura feministas. Cerca de metade das pessoas respondentes indicou estar nos clubes há até 3 anos, em consonância com a proliferação dos CL nos últimos anos. Um grupo adicional de participantes frequenta clubes há 4-6 anos (25%), indicando alguma continuidade além dos iniciantes. Muito poucas (3%) relataram 7-10 anos de envolvimento, provavelmente pela mesma razão.



Quadro 15. Antiguidade de participação em clubes de leitura.

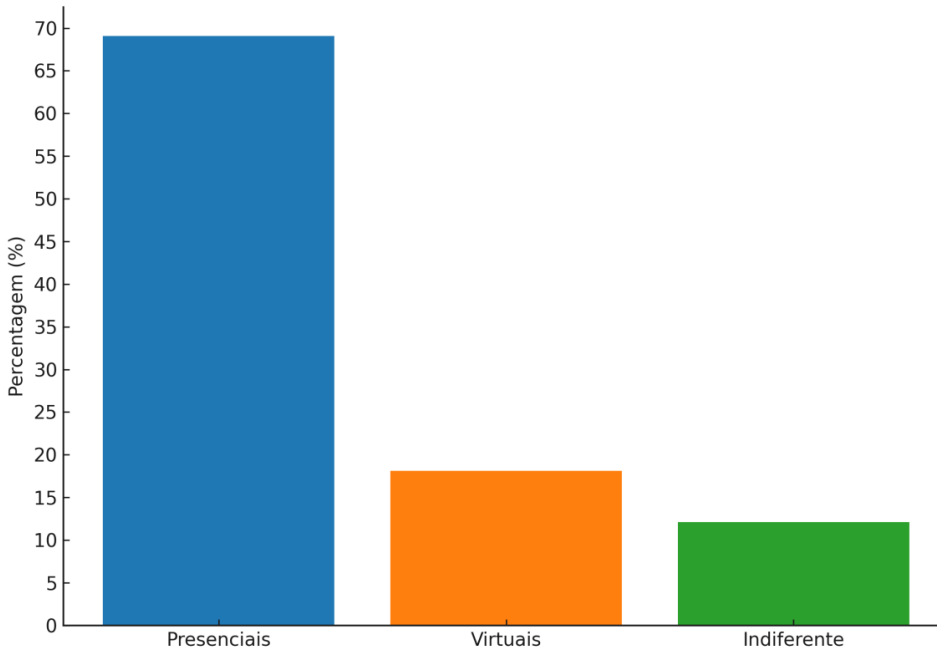
A maioria das inquiridas frequenta apenas um a dois clubes de leitura feminista, e uma parcela não negligenciável (cerca de 20%) reporta participar em três ou mais clubes, mostrando que algumas leitoras entusiastas expandem a experiência para mais do que um grupo.



Quadro 16. Número de clubes frequentados por cada participante.

Casos de participação em 3 ou mais clubes são muito raros. Embora se reconheça o surgimento de diversos CL, as participantes tendem a fidelizar-se ao seu clube principal, havendo poucas que diversificam por múltiplos círculos simultaneamente.

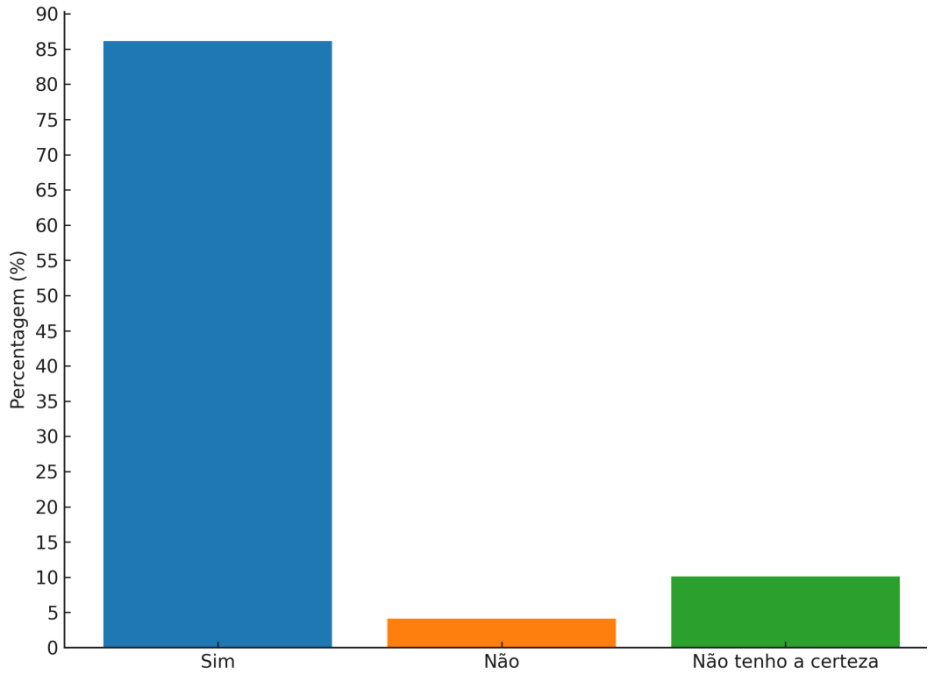
Quando questionados sobre o formato preferido dos encontros, a maioria clara demonstrou preferência por encontros presenciais: muitas participantes apontaram, nas entrevistas semidiretivas, que a interação pessoal enriquece as discussões e cria laços de confiança, elementos essenciais num espaço seguro. Uma parcela considerável respondeu «É indiferente», sugerindo alguma flexibilidade quanto ao formato (provavelmente confortáveis tanto presencialmente quanto *online*).



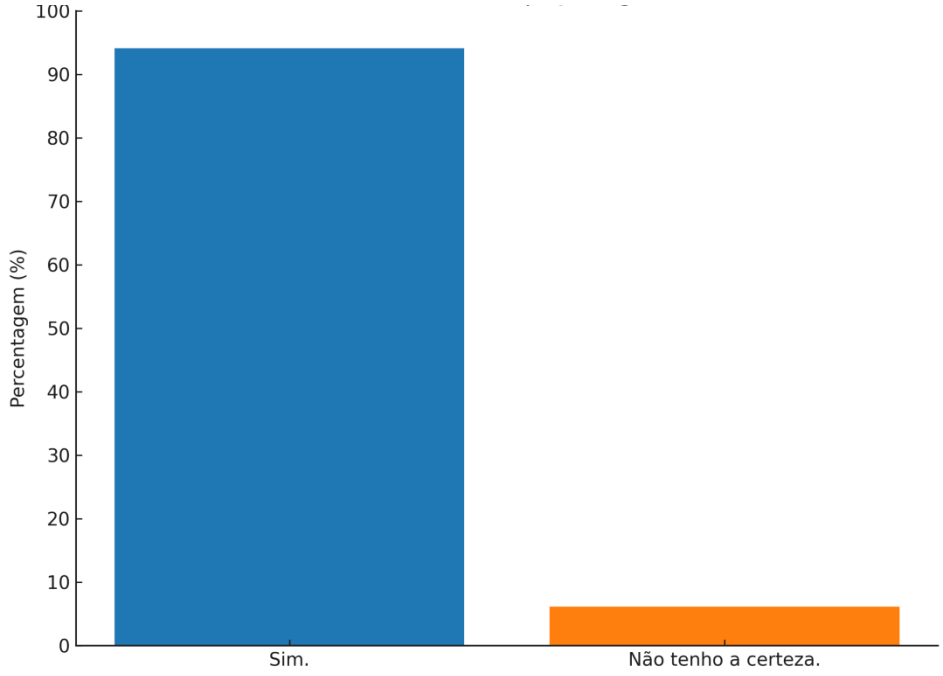
Quadro 17. Preferência pelo tipo de sessão: presencial ou virtual.

4.2.5 Feminismo e participação

O inquérito perguntou diretamente «Identifica-se como feminista?». Os resultados mostram que a maioria se reconhece como feminista convicta: 86% das pessoas respondentes afirmaram «Sim». No entanto, aproximadamente 8-10% assinalaram «Não tenho a certeza», revelando alguma dúvida ou entendimento ainda em construção sobre assumir-se feminista. Apenas casos isolados (menos de 5%) responderam «Não» a essa identificação.



Quadro 18. Identificação com o feminismo.

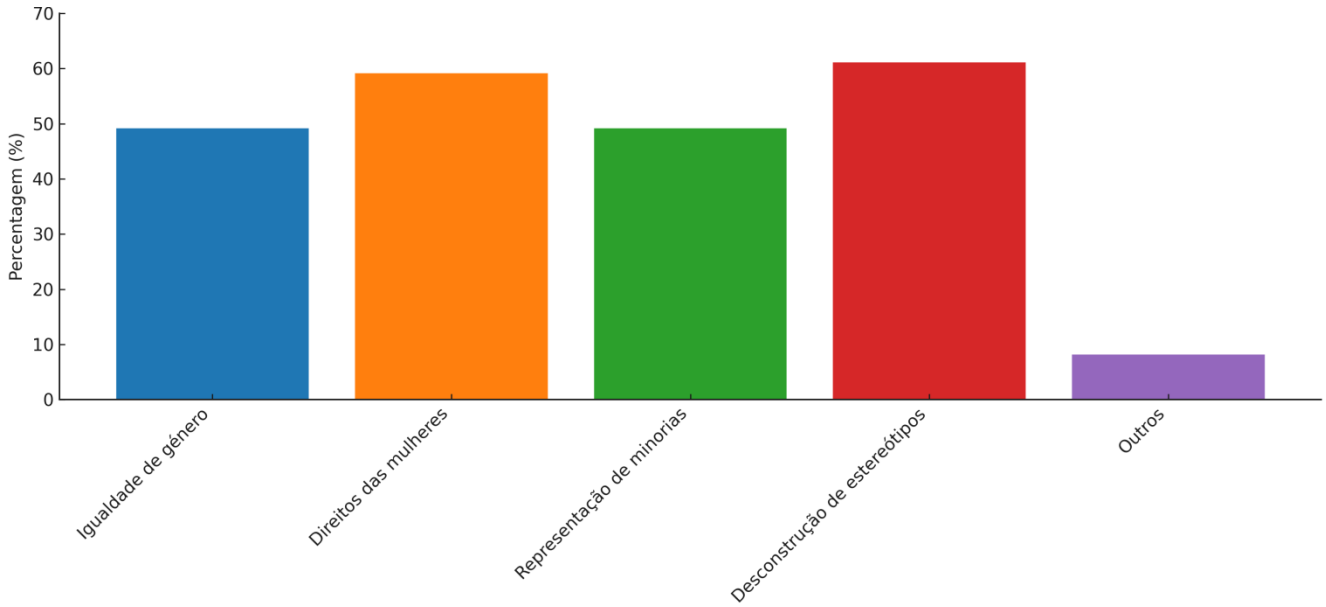


Quadro 19. Identificação do CLF como espaço seguro.

Este perfil era esperado, mas a presença de mulheres «não feministas» (ou não totalmente certas disso) sugere que os clubes conseguem também atrair pessoas em processo de expansão de

consciência ou simpatizantes que ainda não adotam declaradamente a causa. A unanimidade pró-feminismo não é absoluta, mas é esmagadora, assim como o entendimento dos clubes como espaços seguros. Nenhuma participante assinalou «Não» (espaço inseguro), pelo que não foram identificados comportamentos discriminatórios que comprometam a segurança emocional dentro do grupo. A resposta «Não tenho a certeza» (6%) solicitava o respetivo desenvolvimento: as justificações das pessoas indecisas variam – algumas referem que, embora nunca tenham tido um episódio negativo, sentem que ainda estão a ganhar confiança para se abrirem totalmente; ou mencionam receio de exposição pessoal mesmo em ambientes acolhedores. Contudo, o número de casos é residual. De modo geral, os clubes de leitura feministas cumprem efetivamente o papel de espaço seguro, onde as mulheres podem discutir assuntos pessoais ou controversos sem medo de represálias ou ridicularização.

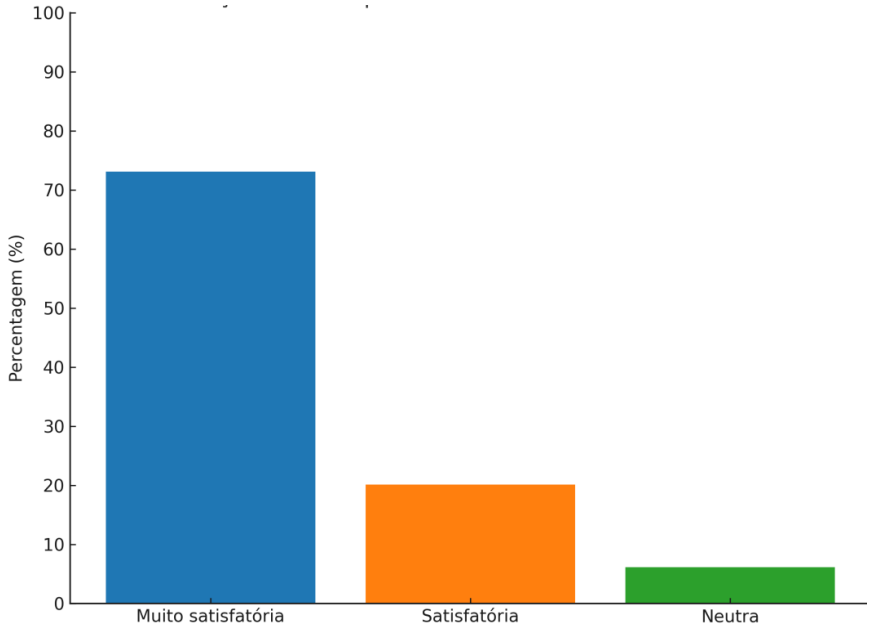
Questionadas sobre «Quais dos temas são mais importantes para si no contexto do clube de leitura?», as participantes podiam selecionar múltiplas opções. As quatro categorias principais propostas — Igualdade de género (49%), Direitos das mulheres (59%), Representação de minorias (49%) e Desconstrução de estereótipos (61%) — foram amplamente valorizadas, com ênfase ligeiramente maior nas duas primeiras. Igualdade de género e direitos das mulheres são considerados assuntos-chave para a maioria das leitoras. Muitos membros também atribuem importância à representatividade de minorias e à desconstrução de estereótipos de género, temas axiais das obras selecionadas para debate.



Quadro 20. Temas mais relevantes no contexto do CLF

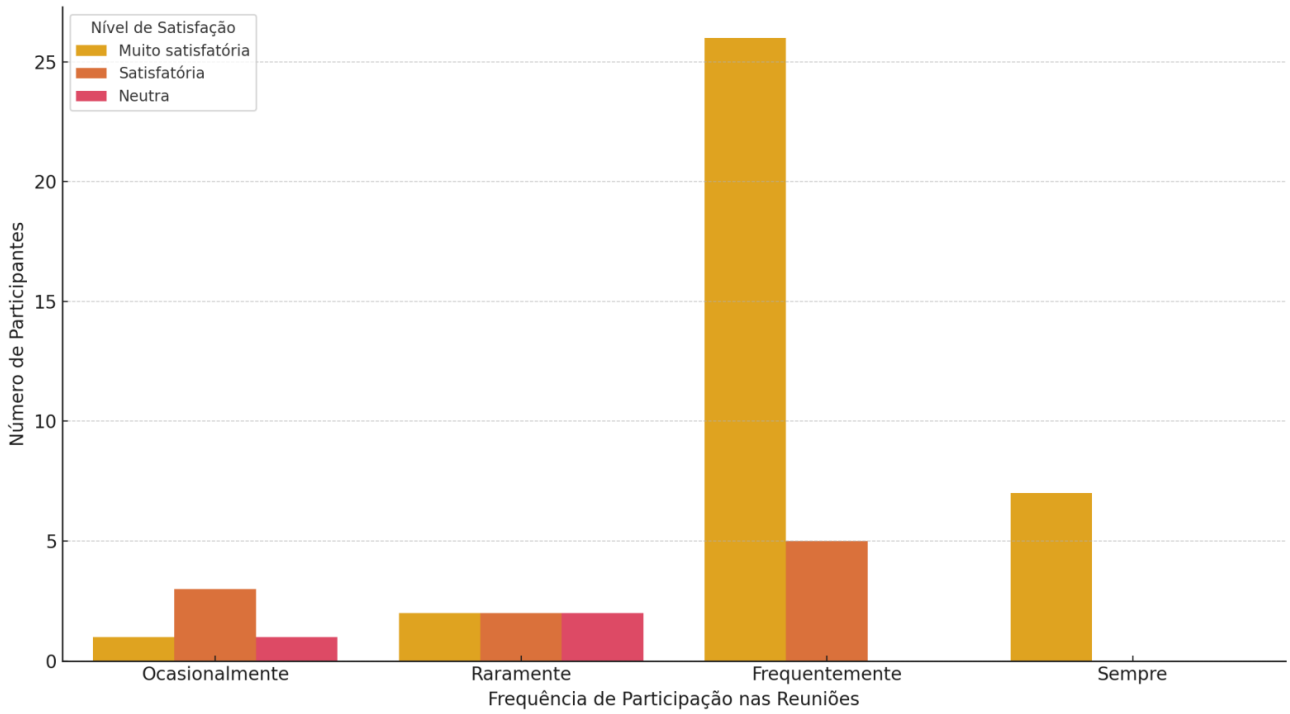
4.2.6 Entre dados e práticas: o que relaciona a experiência leitora

No geral, a satisfação com a experiência no CLF é muito elevada. Quando solicitadas a avaliar a experiência até ao momento, a maioria esmagadora classificou-a como «Muito satisfatória» (73%), e o restante ficou em «Satisfatória» (20%) ou, em poucos casos, «Neutra» (6%). Nenhuma participante considerou a experiência global «Insatisfatória» ou «Muito insatisfatória» até então. Este resultado é um forte indicador de sucesso: os clubes estão a corresponder (ou até a exceder) as expectativas das leitoras.



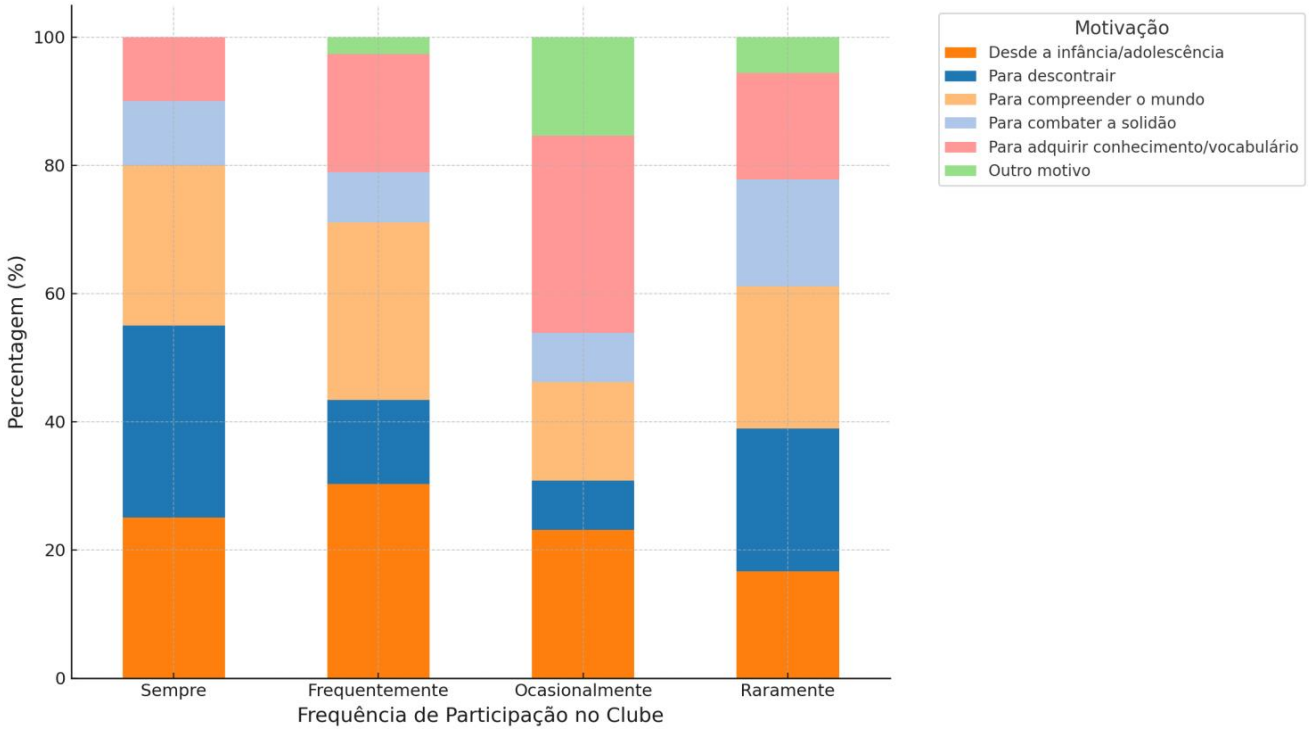
Quadro 21. Nível de satisfação com a participação.

Importa destacar a relação entre a frequência de participação e a satisfação. Os dados obtidos apontam para uma correlação positiva entre ambas: quem participa mais tende a avaliar melhor a experiência no clube.



Quadro 22. Assiduidade e nível de satisfação.

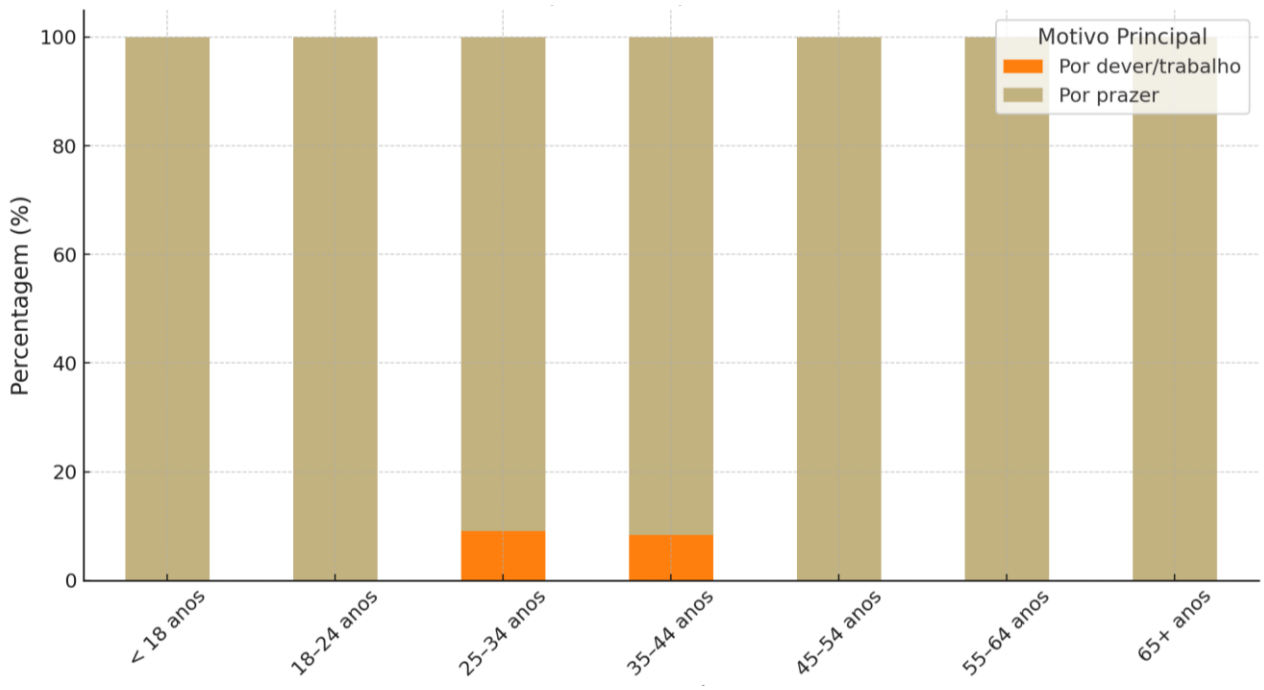
Entre as que participam frequentemente, a maioria (cerca de 84%) também deu nota máxima de satisfação; as restantes avaliaram como «Satisfatória». Já entre as que participam «Ocasionalmente» ou «Raramente», a proporção de avaliações «Muito satisfatória» decresce. Muitas estão satisfeitas, mas uma parcela avaliou de forma apenas neutra, sugerindo que o envolvimento contínuo intensifica os benefícios pessoais: quem vai sempre ou quase sempre cria laços mais fortes com o grupo, sente mais confiança para partilhar e acompanha todas as leituras, refletindo-se numa satisfação elevada. A frequência e a satisfação parecem constituir um círculo virtuoso: a satisfação leva a participar mais e participar mais aumenta a satisfação. Já quem comparece menos pode sentir-se menos integrado, perder discussões importantes ou ter dificuldade em acompanhar o ritmo de leitura, o que diminui um pouco a satisfação (embora, repita-se, nenhuma se tenha manifestado insatisfeita).



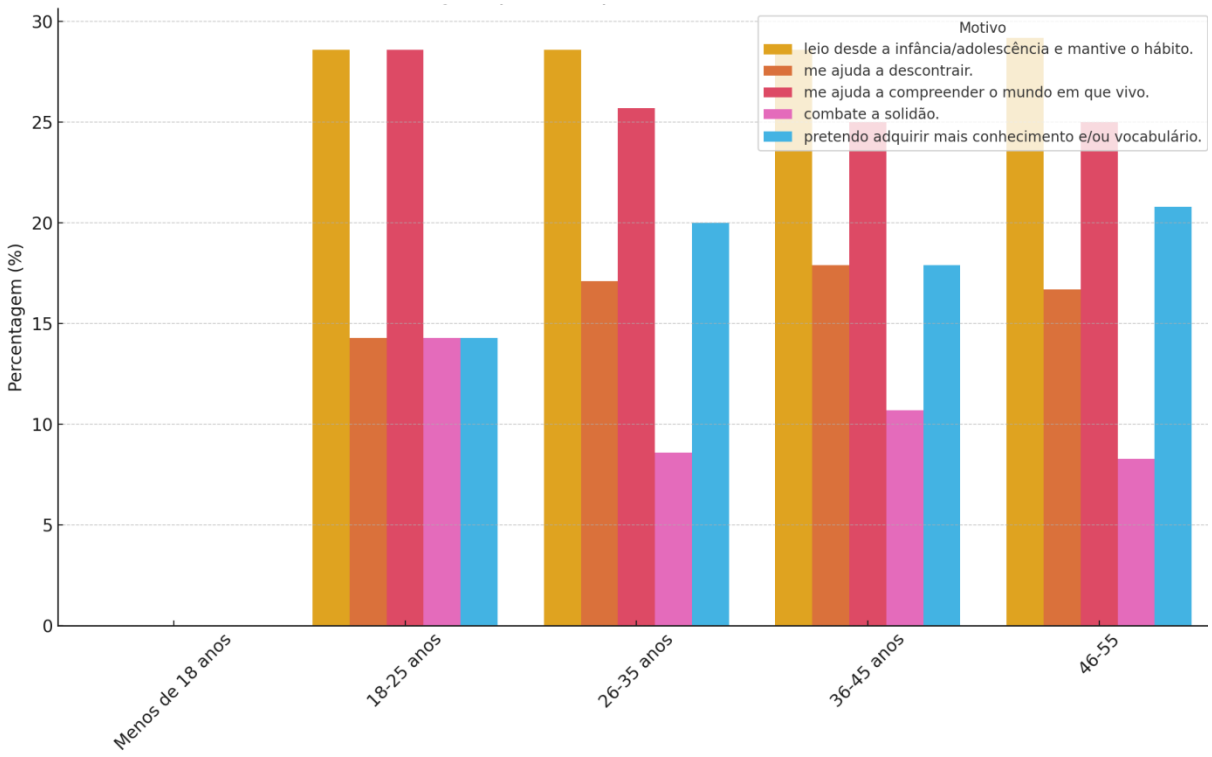
Quadro 23. Assiduidade e motivação.

Se explorarmos a relação entre assiduidade e motivação, verificamos que as participantes mais regulares assinalam motivações profundas e múltiplas: prazer, compreensão do mundo e conhecimento, enquanto as participantes ocasionais ou que raramente vão tendem a associar a participação a razões mais emocionais, como solidão. A motivação associada ao hábito de ler desde a infância é transversal, mas mais dominante entre participantes frequentes.

Por fim, aprofundando se a idade das participantes influencia as razões pelas quais leem, notam-se alguns padrões intuitivos. Participantes mais jovens (18-25) tendem a enfatizar motivos como «adquirir conhecimento/vocabulário» e «compreender o mundo em que vivo». Ou seja, as leitoras no início da vida adulta frequentemente veem na leitura um meio de aprendizagem e descoberta do mundo, complementando a educação formal. Já participantes na faixa etária dos 36-55 anos destacam-se na opção «leio desde criança e mantive o hábito» – muitas delas cultivaram a leitura ao longo da vida, tornando-a parte integrante do seu estilo de vida. Além disso, mulheres nas faixas 45-65 anos selecionaram as opções «ler para descontrair» ou «combater a solidão». No entanto, as diferenças etárias não são extremas – praticamente todas as idades valorizam uma combinação de prazer, hábito e aprendizagem. A leitura por prazer atravessa todas as idades, com as faixas 25-44 anos a assinalar leituras relacionadas com obrigações profissionais ou de estudo.



Quadro 24. Faixa etária e motivação para a leitura.



Quadro 25. Faixa etária e razões para a leitura.

De forma global, a análise comparativa dos dados obtidos no inquérito e dos estudos nacionais e internacionais permite afirmar que as participantes destes clubes exibem hábitos de leitura frequentes, contínuos e orientados para objetivos cognitivo-prazerosos. Leem frequentemente e em volume considerável, com motivações mais diversificadas (prazer, conhecimento, compreensão crítica) do que o leitor comum. O CLF, por sua vez, funciona como catalisador desses hábitos: promove alguma disciplina por meio de sessões regulares, oferece sociabilidade e debate (reforçando a compreensão e o prazer de ler) e insere a leitura num contexto de significado coletivo (no caso, feminista). Em comparação com os dados referidos por Santos *et al.* (2007) e Pais *et al.* (2022), vemos que os clubes de leitura representam focos de resistência à tendência nacional de declínio da leitura. Novamente em conformidade com estudos internacionais (Sedo, 2004, 2024; Álvarez-Álvarez, 2021), percebemos que, embora se reconheçam diferenças organizativas, no essencial os clubes propiciam experiências de leitura partilhada que enriquecem a vida pessoal. Em última análise, no caso das leitoras dos CLF, o hábito de leitura floresce, e fortalece-se, quando há socialização, propósito e partilha, três vetores que também os estudos consultados apontam como centrais para se compreender quem lê e por que razão lê.

De forma global, os dados qualitativos e quantitativos recolhidos apontam para a relevância que o LM Lx e o Heróides assumem enquanto experiência cultural e política das pessoas participantes, revelando que ambos proporcionam espaços de leitura marcados pela horizontalidade e pela partilha de experiências. Ao favorecer o fortalecimento de vínculos sociais sólidos e a formação de comunidades críticas, a leitura prossegue além da fruição individual e excede, com frequência, as expectativas iniciais.

A correlação positiva entre assiduidade e nível de satisfação é particularmente relevante, sugerindo que uma presença assídua e contínua fortalece os laços grupais e a confiança para compartilhar o prazer da leitura. Além disso, os dados quantitativos mostram que a presença regular reforça hábitos leitores já sedimentados: mesmo em momentos de crise coletiva — como a pandemia de covid-19 — as comunidades de leitura mantiveram-se como espaços seguros de apoio mútuo.

Sendo incontornável o facto de que, e como foi reforçado em alguns depoimentos, o acesso a clubes desta natureza ainda exige um capital cultural específico, o que se reflete numa composição social homogénea, fica igualmente reforçada a ideia de que o espaço criado entre as leitoras é, de facto, um lugar onde as mulheres podem promover mudanças no plano pessoal — mesmo quando não têm consciência explícita de que, ao partilhar leituras e experiências, estão a concretizar o mote feminista de que o pessoal é político.

Conclusões

Pode um livro emancipar uma mulher? A presente dissertação partiu desta pergunta, entendendo a leitura como forma de emancipação, mas também assumindo a metáfora da «salvação», procurando perceber, no atual contexto sociopolítico global, em que as mulheres enfrentam violências persistentes, a importância de iniciativas de leitura com o propósito de romper ciclos de desigualdade.

Num cenário de regressão universal de direitos, conforme exemplificado na Introdução, o LM Lx e o Heróides emergem precisamente como respostas coletivas a este desafio, articulando práticas de leitura partilhada, ativismo cultural e construção de subjetividades femininas emancipadas. Com base nos casos observados, podemos afirmar que um livro – mediado pela leitura coletiva e crítica – pode, sim, «salvar» uma mulher, no sentido catalisador de transformações pessoais, que fortalecem a sua consciência e pertença. Este processo não se manifesta somente de forma redentora, num sentido individualista ou messiânico, mas configurando-se antes como um processo de capacitação contínua, alimentado pela palavra escrita e pelo diálogo, que permite às mulheres recontextualizar as suas experiências no mundo.

A análise pormenorizada ao longo deste estudo revela que as participantes do LM Lx e do Heróides têm um perfil de grupo bem definido: são mulheres maioritariamente adultas, com educação superior, leitoras ávidas movidas por prazer literário e pela vontade de debater o mundo, que encontraram no clube um espaço seguro e satisfatório para essa motivação. A experiência relatada é amplamente positiva e transformadora, sugerindo que o clube não é apenas um passatempo: é um espaço de crescimento pessoal, de consolidação da identidade feminista e de compromisso declarado, o que fica plasmado seja no número leituras (vários livros por ano), seja na participação nas sessões (com participação frequente), seja no alinhamento ideológico (identificação feminista esmagadora).

Os resultados do estudo confirmam também que a leitura no contexto de clube feminista se constitui como prática política, refúgio de construção identitária e resistência emocional (Johnson, 2024). Os clubes de leitura desestabilizam as práticas tradicionais e inauguram novas possibilidades de subjetivação e resistência (Amorim, 2024; Rossi, 2022), materializando um novo *ethos* feminista na esfera cultural contemporânea. Trata-se de uma prática simultaneamente íntima e grupal, um exercício pleno de construção de sentidos. Nos clubes observados, constatou-se precisamente a dinâmica de transformação partilhada: o ato de ler em grupo parte de uma transleitura que ultrapassa a descodificação individual do texto, cocriando significados num processo dialógico entre leitoras, obra e comunidade, espaço e tempo. Em suma, a investigação demonstrou que a participação num CLF é entendida pelas próprias participantes como experiência transformadora, capaz de alterar perceções

pessoais e alargar horizontes culturais e políticos – por outras palavras, uma forma de «salvação», e de crescimento, por meio do conhecimento e da solidariedade.

Do ponto de vista político, e prático, os clubes Leia Mulheres Lx e Heróides confirmam-se como espaços de emancipação. As participantes descrevem-nos como ambientes confortáveis e seguros, marcados pela sororidade e pela escuta mútua. Além da referência emocional, a frequência no clube fomentou uma consciência feminista mais apurada e a valorização da produção cultural feita por mulheres, ampliando o conhecimento literário e cultural das leitoras e aprofundando a sua visão crítica do mundo. As discussões – sobre clássicos ou contemporâneos, temas como maternidade, violência de género, sobrecarga laboral, identidade feminina – traduziram-se em oportunidades de introspeção e autoconhecimento, enquanto alimentaram a formação de laços sociais, culturais e afetivos, mitigando o sentimento de impotência frente às opressões estruturais.

Evidencia-se, por isso, de forma reforçada e muito claramente, a dimensão política destes clubes. As sessões compõem uma forma de microcosmo democrático, uma ágora contemporânea onde prevalece a horizontalidade no debate e a ausência de hierarquias formais e onde as leitoras se comprometem deliberadamente num espaço que contraria a desvalorização histórica do saber feminino. Atuam, portanto, como dispositivos de mediação cultural, política e afetiva, nos quais o capital cultural é partilhado e transformado por todos. Este processo dialógico confere aos clubes um estatuto de espaço de resistência simbólica e de contra-públicos no sentido de Nancy Fraser (1985): verdadeiros espaços discursivos contra-hegemónicos, onde grupos subalternizados articulam as suas necessidades, partilham saberes situados e reconfiguram a esfera pública.

Os casos analisados permitiram identificar forças e fragilidades dos respetivos modelos adotados. Como contributo insubstituível, destaca-se primeiramente o forte sentido de comunidade e sororidade gerado: os clubes oferecem um ambiente de confiança, respeito e apoio, percebido como espaço seguro onde é possível a expressão livre. Ao suspender o cânone literário tradicional, quer o LM Lx quer o Heróides invertem a matriz patriarcal do discurso cultural dominante e as leitoras, por sua vez, desenvolvem competências interpretativas e discursivas; mesmo aquelas com introversão ou pouca experiência em falar em público sentem-se encorajadas a participar sem receio de julgamento. Esta é a força motriz da capacitação pessoal proporcionada: os depoimentos indicam que a pertença a estes clubes amplia conhecimento, potencia o reconhecimento e até a recuperação emocional, o que favorece a emancipação – intelectual, emocional e relacional – num contexto comunitário de crescimento, num círculo permanente de aprendizagem e ensinamento mútuos.

Por outro lado, identificaram-se também fragilidades importantes que desafiam a plena realização do potencial destes clubes. A limitação mais significativa refere-se à falta de representatividade entre participantes. Os clubes tendem a reunir perfis relativamente homogéneos, em termos de classe socioeconómica, nível de escolaridade e pertença étnico-racial. Mulheres menos privilegiadas ou de

comunidades racializadas estão sub-representadas, ou não estão representadas de todo, o que reflete e, inadvertidamente, reproduz desigualdades estruturais. Em parte, esta homogeneidade foi interpretada como expressão de um capital cultural partilhado: leitoras com *habitus* semelhantes e familiarizadas com práticas literárias institucionalmente legitimadas têm mais facilidade em aceder e participar ativamente nesses espaços. Por contraste, mulheres com trajetórias diferenciadas — menor escolaridade, baixa literacia ou oriundas de contextos culturais diversos — estão pouco convidadas a integrar os clubes, perpetuando mecanismos de exclusão que os próprios clubes pretendem combater.

Do ponto de vista social, o desafio da representatividade pode ser uma oportunidade para alcançar públicos mais diversificados, tornando os clubes ainda mais interseccionais. Seria por isso interessante assistir a uma proatividade no sentido de desenharem um apelo convicto neste sentido. Trata-se de uma tensão central e ainda sem resposta: por um lado, os clubes propõem-se como territórios de fortalecimento identitário; por outro, incorrem no risco de reforçar hierarquias simbólicas ao não conseguirem ultrapassar totalmente às barreiras sociodemográficas prevalecentes. Assim, a vontade de representatividade temática, nomeadamente de feminismos plurais (por exemplo, obras de perspetiva *queer*, decolonial, interseccional) nem sempre se traduz numa participação social igualmente plural.

Por fim, seria importar analisar as parcerias estratégicas com organismos institucionais, ou a sua ausência, que os clubes têm estabelecido: as relações predominantemente precárias podem constituir uma fragilidade operacional, uma vez que assentam sobretudo no trabalho voluntário das mediadoras e na boa vontade de parceiros (museus, estruturas artísticas, livrarias), o que levanta questões de sustentabilidade a longo prazo caso faltem recursos ou renovação geracional do empenho.

As fragilidades identificadas sinalizam, desta forma, sobretudo a inclusão não plena em termos de diversidade sociocultural e dificuldades de manutenção estrutural dos projetos, desafios que devem ser respondidos para que os clubes realizem plenamente a promessa de emancipação. Reconhecer estas ambivalências é crucial para pensar criticamente a sua vocação transformadora e para delinear práticas comprometidas com a diversidade social. Nesse sentido, será relevante encontrar direções futuras que garantam a sua consolidação.

Com base nos dados obtidos ao longo do estudo, propõem-se algumas orientações para fortalecer os projetos, destacando-se desde logo a necessidade de ampliar a diversidade e a interseccionalidade. Adotar estratégias pró-ativas para envolver mulheres (e participantes, no geral) de origens diversificadas poderia resultar num incremento simbólico significativo para os clubes — parcerias com centros comunitários ou associações culturais levariam os clubes a espaços fora do circuito habitual. A seleção de obras deve continuar a contemplar uma pluralidade de perspetivas, mas o esforço curatorial pode ser acompanhado de ações complementares de alcance mais vasto que

tornem o espaço relevante para novas participações, esbatendo o filtro de capital cultural que hoje condiciona a heterogeneidade do grupo.

Estabelecer alianças com instituições que possam contribuir com apoio logístico ou de visibilidade aportaria, em potência, a expansão do universo de ambos os clubes. Instituições de ensino, espaços museológicos, livrarias, associações culturais e até associações de promoção da igualdade de género podem constituir parcerias estratégicas. A colaboração do LM Lx com o Museu do Aljube, a título de exemplo, garantiu não só um espaço físico estável, mas também o alinhamento com uma missão de memória e resistência. Esta forma de colaboração poderia ser ampliada. Do mesmo modo, outros espaços, sugeridos atrás, poderiam integrar sessões complementares dos clubes nos seus programas regulares (na celebrização de efemérides pertinentes, por exemplo, mas não reduzindo necessariamente o evento à efeméride), disponibilizando salas e planos de comunicação. Tais parcerias contribuiriam para a sustentabilidade dos clubes, aliviando a dependência exclusiva do voluntariado e garantindo continuidade intergeracional. Além disso, a criação de redes de clubes feministas — expandindo a já existente rede Leia Mulheres, por exemplo — permitiria a circulação de experiências, a mentoria e recursos compartilhados entre núcleos de diferentes geografias. A expansão geográfica do movimento Leia Mulheres (por Portugal e outros países) demonstra que há acolhimento e potencial de crescimento deste tipo de iniciativa.

A promoção de sessões especiais em datas oportunas desbrava multiplicidades de oportunidades. Pensemos: é ainda relevante celebrar o Dia Internacional da Mulher Rural, em 15 de outubro? Celebramo-lo com leituras? Celebremo-lo ou contribuamos para a erradicação do conceito? Discuti-lo com a comunidade mais ampla e em sinergia com campanhas sociais pode configurar alguma forma de resposta possível. Em última análise, ao politizar leituras decorrentes de celebrações, mais ou menos anacrónicas, convoca-se uma nova geração de pensamento e eventualmente estreitando os laços com o ativismo feminista organizado.

Por fim, o aperfeiçoamento de modelos híbridos e acessíveis, combinando mais acentuadamente encontros virtuais com eventos presenciais, para aumentar o alcance sem sacrificar a ligação humana, pode revelar-se benéfico. A experiência do Heróides evidenciou o valor de formatos híbridos e, no futuro, outros clubes poderão adotar um modelo semelhante, disponibilizando sessões *online*. Estes ajustes e aperfeiçoamentos tornarão os clubes mais próximos, garantindo que mulheres com necessidades diferenciadas possam aproveitar plenamente a experiência leitora compartilhada.

Em suma, e concluindo, esta reflexão metodológica e as sugestões aqui apresentadas pretendem contribuir para o desenvolvimento de pesquisas futuras, que poderão preencher a lacuna identificada relativamente a investigações específicas sobre CLF e proporcionar uma compreensão mais abrangente do seu papel na elaboração de uma cultura crítica e transformadora.

Os clubes Leia Mulheres Lisboa e Heróides demonstram, cada um de modo próprio, o enorme potencial dos CLF como espaços de emancipação. Respondendo à pergunta inicial, verifica-se que um livro (e, sobretudo, a experiência coletiva em torno dele) pode, figurativamente, «salvar» uma mulher ao proporcionar-lhe consciência, coragem e sentido de comunidade. As participantes emergem da experiência mais conscientes de si e do mundo, fortalecidas pelo conhecimento e pela solidariedade construída. Consolidar e contribuir para iniciativas semelhantes assim é consolidar uma sociedade mais crítica, mais igualitária e humana, onde cada mulher pode encontrar salvação, mas também inspiração para reorientar o rumo narrativo: o seu e o das demais.

Referências Bibliográficas

Abreu, Z. (2002). *Luta das mulheres pelo direito de voto: Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos*. *Arquipélago – História, 2ª série*, 6, 443–469.

Ahmed, S. (2017). *Living a feminist life*. Duke University Press.

Albenga, V., & Bachmann, L. (2015). Appropriations des idées féministes et transformation de soi par la lecture. *Politix: Revue des sciences sociales du politique*, 28(109), 69–89.

Alcoff, L. M., & Kittay, E. F. (Eds.). (2007). *The Blackwell guide to feminist philosophy*. Blackwell Publishing.

Aleixo, M. T. (2018). Literatura entre feminismo(s) e reconhecimento: Notas sobre o #leiamulheres Porto Alegre [Comunicação oral realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro]. *31.ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Brasília, Brasil.

Álvares, C. (2009). Ética feminista e a interrogação do espaço público universalista. *Media & Jornalismo*, 15, 55–68.

Álvares, C. (2019). O "femonacionalismo" enquanto violação de categorias de identidade: A face renovada da extrema-direita europeia. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 51, 51–60.

Álvarez-Álvarez, C. (2021). Similarities and differences between book clubs and dialogic literary gatherings. In D. Moser & C. Dürr (Eds.), *Über Bücherreden: Literaturrezeption in Lesegemeinschaften* (pp. 243–257). V&R unipress.

Amorim, M. S. (2024). *Uma arqueogenealogia do projeto Leia Mulheres: leitura, resistência e produção de subjetividades* (Tese de doutoramento). Universidade Estadual de Feira de Santana.

Anderson, K., & Jack, D. C. (1991). Learning to listen: Interview techniques and analyses. In S. B. Gluck & D. Patai (Eds.), *Women's words: The feminist practice of oral history* (pp. 11–26). Routledge.

Araújo, L., & Rodrigues, M. L. (2017). Modelos de análise das políticas públicas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 83, 11–35.

Azevedo, F. F. (2024). Perceções e crenças sobre clubes de leitura: Um estudo exploratório com estudantes de educação no Ensino Superior. *Álabe*, (30). Azevedo, F. F. (2024). *Perceções e crenças sobre clubes de leitura: Um estudo exploratório com estudantes de educação no Ensino Superior*. Álabe, (30), 121–135.

Babo, M. A. (2021). A crítica à dicotomia de género como forma de descolonização epistémica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 54, 176–192.

Balbus, I. D. (1998). *Habermas and feminism: (Male) communication and the evolution of (patriarchal) society*. *New Political Science*, *5*(1), 27–39.

Banas, J. R., Valley, J. A., Chaudhri, A., & Gershon, S. (2024). The psychosocial benefits of biblioguidance book clubs. *Journal of School Health*.

Barbeiro, L. F., & Gamboa, M. J. (2016). Clubes de leitura: Construção e conquista de leitores. *Revista de Investigação em Educação e Ciências Sociais*, 1(1), 37–53.

Barros, R. S., & Santos, E. O. (2024). Clube de leitura online: Uma experiência ciberfeminista na educação. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 21, 1–26.

Barstow, J. M. (2003). Reading in groups: Women's clubs and college literature classes. *Publishing Research Quarterly*, 19(4), 4–14.

Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press.

Beach, R., &Yussen, S. (2011). Practices of productive adult book clubs. *Journal of Adolescent and Adult Literacy*, 55, 121–131.

Beard, D., & Vo Thi-Beard, K. (2008). Rethinking the book: New theories for readers' advisory. *Reference & User Services Quarterly*, 47(4), 331–335.

Beja, R. M. M. O. (2015). *O livro em transição: Edição e comércio do livro em Portugal (1970-1980).*(Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro).

Benhabib, S. (1992). *Situating the self: Gender, community, and postmodernism in contemporary ethics*. Routledge.

Bold, M. R. (2019). Is "Everyone welcome"?: Intersectionality, inclusion, and the extension of cultural hierarchies on Emma Watson's feminist book club, "Our Shared Shelf." *Participations*, 16(1), 441–455.

Bourdieu, P. (2010). *A distinção - Uma crítica social da faculdade do juízo*. Edições 70.

Brown, L. (2019). Together we read, together we learn: Examining book clubs as a means of connecting LIS to a feminist diversity ethic. *The International Journal of Information, Diversity, & Inclusion*, 3(1), 78–90.

Bryman, A. (2006). *Social research methods* (4ª ed.). Oxford University Press.

Bukve, O. (2019). *Designing social science research*. Springer Nature Switzerland AG.

Careless, E. (2022). Mapping Feminist Book Fortnight: Regional activism and the feminist book trade in 1980s Britain. *Women: A Cultural Review*, 33(3), 280–313.

Carriquiry, A. (2017). Feminismos y esfera pública en Habermas: Algunas observaciones desde el debate reciente en Uruguay. *Revista Encuentros Uruguayos*, 10(1), 20–33.

Carvalho, A. R. G. (2021). *Digital book clubs as a booksellingbusiness: A studyof Portuguese bookconsumers' perceptions and intentiontoadopt* (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa).

Cassity, R. M. (2016). Conscientization through the context of a book club: Adults' experiences of consciousness-raising. In *Proceedings of the 2016 Adult Education Research Conference*. Charlotte, NC: New Prairie Press.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet*. Zahar.

Céspedes, A. de (2024). *O caderno proibido*. Alfaguara.

Chang, C.-M., Chou, Y.-H., Hsieh, H.-H., & Huang, C.-K. (2020). The effect of participation motivations on interpersonal relationships and learning achievement of female college students in sports club:

Moderating role of club involvement. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(18), 6514.

Chartier, R. (1997a). *A aventura do livro*. Vega Editores.

Chartier, R. (1997b). *A ordem dos livros*. Vega Editores.

Childress, C. C., & Friedkin, N. E. (2011). Cultural reception and production: The social construction of meaning in book clubs. *American SociologicalReview, 77*(1), 45–68.

Cilleros, D., Ramos, S., Mesías, M., Peña, E., & Pérez-Jiménez, J. (2023). Book clubs as strategy for increasing nutrition knowledge among general population: A pilot study. *Revista Española de Comunicación en Salud, 14*(1), 8–21.

Clarke, R., & Nolan, M. (2014). Book clubs and reconciliation: A pilot study on book clubs reading the 'fictions of reconciliation'. *Australian Humanities Review, 56*, 121–140.

Craig, C. (2019). Reading identity: American and Irish women's book clubs, culture, and identity. *Irish Journal of Sociology, 27*(2), 128–152.

Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3ª ed.). SAGE Publications.

Davis, H. E. (1996). The phenomenology of a feminist reader: Toward the recuperation of pleasure. *Educational Theory, 46*(4), 473–488.

Dobson, T. R. (2023). *Book Club For Communication: Bringing The Four Agreements ToA Trauma Recovery Group*. Boise State University.

Dodd, B., & Winch, A. (2019). Producing the reader: Book clubs, women's bodies and affective engagements. *Feminist Media Studies, 19*(6), 801–816.

Ezekiel, J., & Zaytoun, K. (2016). Sisterhood in movement: Feminist solidarity in France and the United States. *Frontiers: A Journal of Women Studies, 37*(1), 195–210.

Feldhaus, C. (2023). *Esfera pública e interseccionalidade em Habermas*. Dissertatio, 13(supl.), 152-166.

Fonseca, N. (2017). Ciberespaço de protagonismo feminino: Discurso e inteligência coletiva. *Temática: Revista de Ciências Humanas e Sociais, 13*(8), 180–190.

Forché, T. M. (2023). Thinking Alternatives in Science Fiction: Octavia Butler Meets Judith Butler. *Progress, 1*(1), 34.

Fraser, N. (1985). What's Critical about Critical Theory? The Case of Habermas and Gender. *New German Critique*, *35*, 97–131.

Fraser, N. (1990). Rethinking the public sphere: A contribution to the critique of existing democracy. *Social Text, (25/26)*, 56–80.

Fraser, N. (1990). Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, *25/26*, 56–80.

Fraser, N. (2013). *Fortunes of feminism: From state-managed capitalism to neoliberal crisis*. Verso.

Fuller, D., & Sedo, D. (2013). *Reading beyond the book: The social practices of contemporary literary culture*. Routledge.

Gadamer, H.-G. (1997). *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (3ª ed.). Vozes.

Habermas, J. (1996). *Direito e Democracia: Entre facticidade e validade* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Habermas, J. (1996b). *The inclusion of the other: Studies in political theory* (C. Cronin & P. De Greiff, Eds.). MIT Press.

Habermas, J. (2003). *Mudança estrutural da esfera pública* (M. R. Ribeiro & L. B. Ribeiro, Trans.). Tempo Brasileiro.

Hartley, J. (2002). *The Reading Groups Book* (2ª ed.). Oxford University Press.

Harwood, C. (2017). *An analysis of the teaching and learning of academic literacies in online book clubs* (Tese de doutoramento, University of Toronto). ProQuest Dissertations Publishing.

Hendrickx, K. (2025). 'It's my only hour of quiet': The women's online book club on 'domestic noir' during the COVID-19 pandemic. *Journal of Gender Studies, 34*(3), 347–359.

Holman, L. F., MacGillivray, L., Salem, W., & Tarbett, L. B. (2018). Book Club Groups to Aid Relational Connection and Trust among Addicted Trauma Survivors. *Journal of Creativity in Mental Health*, *14*(1), 37–53.

Hooks, b. (2000). *All about love: New visions*. William Morrow.

Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.

Jocius, R., & Shealy, S. (2018). Critical book clubs: Reimagining literature reading and response. *The Reading Teacher, 71*(6), 691–702.

Khokhlova, O., & Bhatia, A. (2021). Bringing books back: Enhancing the understanding of psychotherapy in psychology students through book club participation. *Teaching of Psychology, 50*(1), 32–40.

Koopman, E. M. (2015). Reading in times of loss: The functions of reading literature during the grief process [Manuscrito do autor]. (Dissertação de mestrado, Erasmus University Rotterdam).

Langner, A., Zuliani, C., & Mendonça, A. (2015). Movimento feminista e ativismo digital.

Lévy, P. (1997). *A inteligência colectiva: Para uma antropologia do ciberespaço*. Instituto Piaget.

Liddle, K. (2019). Distribution matters: Feminist bookstores as cultural interaction spaces. *Cultural Sociology, 13*(1), 56–73.

Long, E. (2003). *Book clubs: Women and the uses of reading in everyday life*. University of Chicago Press.

Long, A. (2025). *The American book club: Book clubs as counterspaces*. Texas A&M University.

Lopes, P. C. R. (2013). *Literacia mediática e cidadania: Práticas e competências de adultos em formação na Grande Lisboa* (Tese de doutoramento, ISCTE).

Lousa, P. L., & Santos, M. C. D. (2017). *Leia mulheres: Literatura, empoderamento e divulgação da autoria feminina em Goiânia*. Em Tese, 22(3), 62–77.

MacGillivray, L., Ardell, A. L., Curwen, M. S., & Wiggin, S. (2019). "I feel normal here": The social functions of a book club in a residential recovery program. *Journal of Language and Literacy Education, 14*(2), 1–23.

Malpas, J. (2022). Hans-Georg Gadamer. In E. N. Zalta & U. Nodelman (Eds.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2022 Edition).

Maquiné Santiago, L. L., &Uribe Miranda, L. (2019). O conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Gadamer. *Hybris. Revista de Filosofia, 10*(1), 43–61.

Martínez, L. (2024). *Caruncho*. Antígona.

Meehan, J. (Ed.).(1995). *Feminists read Habermas: Gendering the subject of discourse*. Routledge.

Meirim, J. (2023). *O essencial sobre As Três Marias*. Imprensa Nacional.

Melo, N. F. T. de. (2020). *Ciberfeminismo na atualidade: uma análise da percepção de mulheres brasileiras face ao feminismo nas redes sociais* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho).

Mendonça, F., Langner, A., & Zuliani, C. (2017). Movimento feminista e ativismo digital: as repressões online e offline a partir do uso das plataformas digitais pelo movimento. *Caderno Espaço Feminino, 30*(1), 140–159.

Mevissen, G. S. (2017). How can an intermediate elementary educator use critical literacy to promote social justice through book clubs? Hamline University, Saint Paul, MN.

Monteiro de Oliveira Beja, R. M. (2015). *O livro em transição: Edição e comércio do livro em Portugal (1970-1980)*. Universidade de Aveiro.

Monteiro, M. R. (2022). *A importância dos clubes de leitura no desenvolvimento educacional e social dos jovens* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).

Moser, D., & Dürr, C. (2021). *Über Bücherreden: Literatur rezeption in Lesegemeinschaften*. V&R unipress.

Neta, M. A. (2017). Teorias sobre leitura: Dobras e desdobras compartilhadas por Freire, Proust e Benjamin. *Revista Ícone, 17*, 88–99.

Novaes, E. D. (2015). Entre o público e o privado: O papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. *História e Cultura, 4*(3), 50–66.

Oliveira, J. M. (2014). A necropolítica e as sombras na teoria feminista. *Ex æquo, 29*, 69–82.

Pais, J. M., Magalhães, P., & Antunes, M. L. (Coords.). (2022). *Práticas culturais dos portugueses – Inquérito 2020*. ICS/FCG.

Paiva, F. P. (2022). A revolução das "Minas": Jovens feministas e construção da identidade coletiva a partir das redes sociais. Comunicação apresentada no *46º Encontro Anual da ANPOCS*, São Paulo, Brasil.

Perez, O. C., & Ricoldi, A. M. (2019). A quarta onda feminista: Interseccional, digital e coletiva. Trabalho apresentado no *X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)*, Monterrey, México.

Perez, O., & Ricoldi, A. (2018). A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. Comunicação apresentada no *42º Encontro Anual da ANPOCS – GT8: Democracia e Desigualdades*, Caxambu, MG.

Petersen, J. (2017). *Metodologia Feminista: Análise do Projeto Leia Mulheres em Porto Alegre e Gravataí*. (Estudo conducente à obtenção do grau de Bacharel em Administração Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Petit, M. (2009). *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. Fondo de Cultura Económica.

Petrich, N. R. (2015). *Book Clubs: Conversations Inspiring Community*. *i.e.: inquiry in education, 7*(1), Artigo 4.

Poole, M. (2003). The women's chapter: Women's reading groups in Victoria. *Feminist Media Studies, 3*(3), 263–281.

Radway, J. A. (1991). *Reading the romance: Women, patriarchy, and popular literature* (2ª ed.). University of North Carolina Press.

Rafael, G. G. (2011). *A leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal: Testemunhos e problemas* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa).

Ramdarshan Bold, M. (2019). Is everyone welcome?: Intersectionality, inclusion, and the extension of cultural hierarchies on Emma Watson's feminist book club, "Our Shared Shelf". *Participations: Journal of Audience & Reception Studies, 16*(1), 441–465.

Ramdarshan Bold, M. (2021). Book-club networks and the digital literary sphere. *European Journal of Cultural Studies, 24*(6), 1345–1360.

Ribeiro, D., Nogueira, C., & Magalhães, S. I. (2020). As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro.

Ribeiro, M. R. F. (2019). A leitura em Portugal: Práticas e desafios. Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

Ribeiro, M. R. F. (2020). O impacto dos clubes de leitura na promoção de hábitos de leitura entre jovens. Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Rose, J. (1997). Victor Gollancz and the Left Book Club. *Journal of Contemporary History, 32*(2), 223–236.

Rossi, J. S. (2022). "Antes era só leitura, agora é leitura e comentário": Leituras compartilhadas na internet em clubes Leia Mulheres. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria).

Sagnier, L., &Morell, A. (Coords.) (2019). *As mulheres em Portugal, hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Santos, J. G. P. (2019). Leitura, intervenções práticas e feminismos no Leia Mulheres Salvador. In *Anais do Seminário Interlinhas 2019.2* (pp. 125–132). Salvador: UNEB.

Santos, M. L. L., Neves, J. S., Lima, M. J., & Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Scaramussa, T. B., & Dalvi, M. A. (2016). Literatura, formação humana e políticas de gênero no projeto "Leia Mulheres" em Vitória-ES em 2016. *VII Colóquio de leitura, literatura e educação*.

Schouten, M. (2012). *Uma sociologia do género*. Edições Húmus.

Sedo, D. (2002). Predictions of life after Oprah: A glimpse at the power of book club readers. *Publishing Research Quarterly, 18*(3), 11–22.

Sedo, D. (2003). Readers in reading groups: An online survey of face-to-face and virtual book clubs. *Convergence, 9*(1), 66–90.

Sedo, D. (2003). Readers in reading groups: An online survey of face-to-face and virtual book clubs. *Convergence, 9*(1), 66–90.

Sedo, D. (2004). *Badges of wisdom, spaces for being: A study of contemporary women's book clubs* (Tese de Doutoramento, Simon Fraser University).

Shier, A. (2012). Young adult book clubs: Feminism online. *Girlhood Studies*, 5(2), 122–127.

Sicherman, Barbara. (2012). *Well-Read Lives*. University of North Carolina Press.

Silva, F. Carreira da (2001). *Espaço público em Habermas* [Manuscrito não publicado]. Universidade de Cambridge.

Silva, J. P. A. da, Carmo, V. M. do, & Ramos, G. B. J. (2021). As quatro ondas do feminismo: Lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva, 7*(1), 101–122.

Silva, M. S. (2021). *Laços de palavras: clubes de leitura, lazer e relações de sociabilidade na cidade de maringá* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá).

Smith, A. P. C. (2020). *Empowerment and revelation through literature: a digital book club for post-incarceration.* (Tese de doutoramento, Columbia University).

Soares da Silva, M. (2019). Práticas culturais em clubes de leitura na era digital. *Comunicação & Informação, 22*(1), 7–18.

Soares, M. A. (2003). *Como motivar para a leitura*. Editorial Presença.

Souza, W. E. R. de. (2018). Clubes de leitura: Entre sociabilidade e crítica literária. *Informação & Informação, 23*(3), 673–695.

Szymkowska-Bartyzel, J. (2018). Successful Against All Odds? – Margaret Fuller: The Self-Made Woman in the Nineteenth Century. *Ad Americam. Journal of American Studies, 19*, 143–154.

Thaler, A. (2019). The academic feminist fight club: A personal experience. In *Proceedings of ICGR 2019: 2nd International Conference on Gender Research* (pp.1–8). Academic Conferences and Publishing International.

Tolstopyat, N. (2018). BookTube, book clubs and the brave new world of publishing. *Satura*, 1, 91–102.

United Nations Population Fund. (2024). *Interwoven lives, threads of hope: Ensuring rights and choices for all* (State of World Population 2024). United Nations. https://www.unfpa.org/state-world-population-2024

Vandergriff, C., Neils-Strunjas, J., Plummer, J., & Nguyen, K. (2024). Impact of an intergenerational book club on cross-generational attitudes: A mixed-methods study. *Journal of Intergenerational Relationships*.

Vaus, D. A. de (2001). *Research design in social research*. SAGE Publications.

Weber, M., Parnell, C., & Dane, A. (2023). Book publicists and the labour of cultural intermediation. *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies, 37*(3), 365–380.

Wlaby, S. (1991). *Theorizing patriarchy*. Wiley-Blackwell.

Wright, D. (2005). Book review: *Book clubs: Women and the uses of reading in everyday life* by Elizabeth Long. *Sociology, 39*(3), 561–562.

Xavier, A. L. S. (2018). Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília. *Biblioteca Escolar em Revista, 6*(2), 48–61.

Anexo A

Ficha de Observação

1. Informações básicas

Data e Hora: _____

Localização: _____

Nome do Clube de Leitura: _____

Número de participantes: _____

2. Contexto

Título do livro: _____

Objetivo da discussão (perspetiva escolhida para abordar o texto): _____

Plano da sessão: _____

3. Interação entre participantes

Dinâmica do Grupo:

Liderança da Discussão: _____

Distribuição da participação (quem modera as intervenções): _____

Estilo de Comunicação: _____

Uso de Linguagem Inclusiva: _____

4. Conteúdo da discussão

Temas Principais: _____

Citações e Exemplos: _____

5. Reações e comportamentos:

Reações Emocionais: _____

Comportamentos Observáveis: _____

6. Reflexões pessoais minhas:

Perceções : _____

Dificuldades ou Limitações: _____

Anexo B

Guião da Entrevista Semidiretiva

1. Como teve conhecimento do clube de leitura feminista que frequenta?
2. Como descreve a sua experiência geral com o clube de leitura?
3. Considera que os livros debatidos refletem os interesses e as preocupações dos participantes?

Perspetiva Pessoal

1. Em que momento particular da sua vida decidiu frequentar um clube de leitura feminista?
2. Participar num clube de leitura feminista aprofundou o seu entendimento sobre o feminismo?
3. Em que momento particular da sua vida decidiu frequentar um clube de leitura feminista?
4. A leitura de obras de mulheres influencia a sua perceção sobre o seu próprio papel na sociedade?
   Se sim, pode refletir sobre um livro ou uma personagem em particular? Se não, porquê?

Dinâmicas do Grupo

1. Como descreve o impacto das discussões do clube de leitura na sua vida?
   Sente que os debates ajudam a fortalecer a compreensão mútua e a criar um espaço seguro para partilhar experiências pessoais?
2. O clube de leitura feminista ajudou a estabelecer uma rede de apoio ou uma sensação de pertença/comunidade? Pode dar exemplos de como as relações dentro do clube foram significativas para si?

Literatura e Representatividade

1. As narrativas abordadas nos livros discutidos no clube dialogam com as suas próprias experiências e vivências?
   Alguma narrativa em particular levou a uma reflexão sobre a sua própria trajetória?
2. Acredita que há representatividade de diferentes tipos de escritoras (ex.: feminismo negro, feminismo *queer*) nas leituras do clube?

3. De que maneira? Poderia ser diferente ou ser melhorado? O que gostaria de ver debatido e ainda não foi?

Impacto Pessoal e Social

1. Sente que a leitura coletiva alterou as suas decisões no dia a dia?
2. As discussões no clube a ajudaram a desenvolver uma maior consciência crítica sobre a representação das mulheres na literatura e nos *media*? Notou diferença na forma como se relaciona com a produção cultural no feminino depois de se envolver com o clube (cinema, artes plásticas, performativas…)?

Anexo C

Guião de entrevista semidiretiva às fundadoras dos clubes

1. O que motivou a criação do seu clube do livro feminista? Pode partilhar como surgiu a ideia e o processo de fundação do clube?
2. Quais são os principais objetivos e a missão do seu clube do livro?
3. Como é feita a seleção dos livros para leitura e discussão no clube? Quais são os critérios definidos?
4. Pode descrever como são organizados e conduzidos os encontros do clube?
5. Acredita que o clube do livro contribui para a promoção do crescimento pessoal e para a capacitação das pessoas participantes?
6. Quais foram os principais desafios que enfrentaram ao longo da trajetória do clube? Como têm lidado com as dificuldades?
7. De que forma o clube do livro assegura a inclusão e a diversidade? Existem iniciativas específicas para promover a participação de diferentes grupos?
8. Quais são os planos futuros para o clube do livro? Existem novos projetos que gostaria de implementar nos próximos anos?

Anexo D

Questionário às Pessoas Participantes

1. Faixa etária:

( ) Menos de 18 anos

( ) 18-25 anos

( ) 26-35 anos

( ) 36-45 anos

( ) 46-55 anos

( ) 56-65 anos

( ) Mais de 65 anos

2. Género: _____

3. Nível de escolaridade:

( ) Ensino básico

( ) Ensino Secundário

( ) Licenciatura

( ) Pós-Graduação

( ) Mestrado | Doutoramento

( ) Outro

4. Quais são os seus rendimentos mensais em euros (caso tenha atividade profissional)?

( ) 500-1000

( ) 1000-1500

( ) 1500-2000

( ) 2000-2500

( ) 2500-3000

( ) Outro

5. Zona de residência

Concelho: _____ Junta de Freguesia: _____

6. Há quantos anos frequenta clubes de leitura feministas?

( ) 1-3

( ) 4-6

( ) 7-10

( ) Mais de 10

7. Frequenta mais do que um clube de leitura?

( ) Sim. Quantos? ____

( ) Não

8. Com que frequência participa nas reuniões do clube de leitura feminista?

( ) Sempre

( ) Frequentemente

( ) Ocasionalmente

( ) Raramente

9. Prefere os encontros…

( ) presenciais

( ) virtuais

( ) É indiferente.

10. Que género literário prefere ler no clube de leitura feminista?

( ) Ficção contemporânea

( ) Clássicos da literatura

( ) Literatura romântica

( )Youngadult

( ) Biografias e memórias

( ) Ensaio

( ) Teatro

( ) Poesia

( ) Ficção científica / Fantasia

( ) Thrillers | ação

( ) Manga | manwhua | BD asiática

( ) BD

11. Lê sobretudo por…

( ) prazer

( ) obrigação

12. Quantos livros lê por ano (independentemente da motivação)?

( ) 1-5

( ) 6-10

( ) 11-15

( ) 16-20

( ) 21-30

( ) + de 30

13. Selecione, até três opções, as que mais se adequam ao seu caso. Leio porque…

( ) leio desde criança e mantive o hábito.

( ) me ajuda a descontrair.

( ) me ajuda a compreender o mundo em que vivo.

( ) combate a solidão.

( ) pretendo adquirir mais conhecimento e/ou vocabulário.

( ) Outra. Qual? _____

14. Qual é o principal motivo para frequentar o clube de leitura feminista?

( ) Interesse em literatura

( ) Procura de um espaço de debate sobre questões de género

( ) Recomendação de amigos/familiares

( ) Desenvolvimento pessoal e educacional

( ) Outros: _____

15. Identifica-se como feminista?

( ) Sim

( ) Não

( ) Não tenho a certeza

16. Considera que o clube de leitura é um espaço seguro?

( ) Sim

( ) Não

( ) Não tenho a certeza. Nesse caso, porquê? _____

17. Quais dos temas são mais importantes para si no contexto do clube de leitura?

( ) Igualdade de género

( ) Direitos das mulheres

( ) Representação de minorias

( ) Desconstrução de estereótipos

( ) Outros: _____

18. Normalmente, com quem costuma frequentar os encontros do clube de leitura?

( ) Sozinha

( ) Com amigos(as)

( ) Com parceiros(as)

( ) Com familiares

( ) Outros: _____

19. Como avalia a sua experiência no clube de leitura feminista até agora?

( ) Muito Satisfatória

( ) Satisfatória

( ) Neutra

( ) Insatisfatória

( ) Muito Insatisfatória

20. Dê o exemplo de um livro ou sessão que tenha sido particularmente importante para si.

21. A decisão de participar num clube de leitura feministas está relacionada com algum evento na sua vida?